

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**MULHERES NA LINHA DE POBREZA INSERIDAS NO
CENÁRIO GLOBALIZADO: COMO ELAS CONSTROEM
SEUS DISCURSOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ana Nelcinda Garcia Vieira

**Santa Maria, RS, Brasil
2009**

MULHERES NA LINHA DE POBREZA INSERIDAS NO CENÁRIO GLOBALIZADO: COMO ELAS CONSTROEM SEUS DISCURSOS

por

Ana Nelcinda Garcia Vieira

Dissertação apresentada no Curso de Pós-Graduação em Letras - da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), na disciplina Seminário de Dissertação, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Estudos lingüísticos**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Pires

**Santa Maria, RS, Brasil
2009**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras**

Programa de Pós-Graduação em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

MULHERES NA LINHA DE POBREZA INSERIDAS NO CENÁRIO GLOBALIZADO: COMO ELAS CONSTROEM SEUS DISCURSOS

Elaborada por

ANA NELCINDA GARCIA VIEIRA

Como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profª Dr. Vera Lúcia Pires
(Presidente- Orientadora)

Profª Dr. Neiva Tebaldi Gomes

Profª Dr. Valeska Maria Fortes de Oliveira

Santa Maria, 03 de agosto de 2009

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

MULHERES NA LINHA DE POBREZA INSERIDAS NO CENÁRIO GLOBALIZADO: COMO ELAS CONSTROEM SEUS DISCURSOS

AUTORA: ANA NELCINDA GARCIA VIEIRA
ORIENTADORA: VERA LÚCIA PIRES

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 03 de agosto de 2009.

O objetivo deste trabalho é analisar enunciados selecionados de entrevistas realizadas com um grupo de mulheres negras, catadoras de lixo, da cidade de Santa Maria, RS, a fim de verificar, a partir dos indicadores de subjetividade, como elas constroem a imagem de si, ou seja, o ethos e como se estabelecem as relações de poder nos seus discursos. O *corpus* deste trabalho é composto por dez enunciados selecionados das entrevistas. A pesquisa foi realizada com base na proposta metodológica de Bakhtin (1999), que contempla tanto a esfera verbal quanto o contexto de uso e a perspectiva do dialogismo. A noção de ethos de Maingueneau (2001, 2005) e Amossy (2005) e da subjetividade na linguagem estudada por Orecchioni (1980) e Neves (2007), além de outros nomes, como Bourdieu, Scott (1995), Hall (1997), foram importantes para que se pudesse chegar aos resultados obtidos. As análises demonstraram que, nos discursos dessas mulheres, evidenciou-se que há assimetria entre os gêneros, as raças/etnias e as classes sociais.

Palavras-chave: enunciados, mulheres negras catadoras de lixo, dialogismo, ethos, subjetividade na linguagem.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

Women in the line of poverty inserted in global scenario: how they build their discourse

AUTORA: ANA NELCINDA GARCIA VIEIRA
ORIENTADORA: VERA LÚCIA PIRES

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 03 de agosto de 2009.

The aim of this work is analyse the selected proposition of magazines made with a group of black women, garbage collector of Santa Maria city, RS, to verify, from to the indicator of subjectivity, how they build a self image, the ethos, and how is established the relation of power in their discourses. The corpus of this work is composed by ten selected propositions of magazines. The search was made based on the methodological proposal of Bakhtin (1999), that contemplates both the verbal sphere as the context of use and the perspective of dialogism. The notion of ethos of Maingueneau (2001, 2005) and Amossy (2005) and the subjectivity in language studied by Orecchioni (1980) and Neves (2007), beyond other names, as Bourdieu, Scott (1995), Hall (1997), were important to achieve to the obtained results. The analysis demonstrates that, in the discourse of those women, it is evident that exist an asymmetry among genres, races/ethnic group and the social classes.

Key-words: proposition, collector of garbage, dialogism.

SUMÁRIO

Epígrafe	4
Resumo	5
Abstract	6
Sumário	7
Introdução	9
Capítulo 1	12
Primeira Parte	12
1. Da linguagem	12
1.1 Gêneros discursivos	12
1.2 Dialogismo e Ideologia	15
1.3 Proposta metodológica bakhtiniana	19
1.4 Ethos discursivo	20
1.5 Indicadores de subjetividade	23
1.5.1 A subjetividade na linguagem	24
1.5.1.1 Subjetividade nos verbos	27
1.5.1.2 Subjetividade nos adjetivos	32
1.5.2 Perspectivas de Modalizadores.....	35
1.5.2.1 Modalizadores epistêmicos	37
Segunda Parte.....	40
2. A história do racismo no Brasil.....	40
2.1 A libertação dos negros.....	41
2.2 Composição racial do Brasil.....	43
2.3 A dicotomia branqueamento <i>versus</i> negritude	46
2.4 A construção da imagem do negro e o racismo no Brasil.....	47
2.5As desigualdades sociais oriundas da escravidão.....	49
2.6 As mulheres negras.....	50
2.7 A imagem das mulheres negras.....	52
Terceira Parte.....	55
3. Gênero social e identidade.....	55
3.1 Gênero como uma categoria de análise.....	55

3.2 Identidade e exclusão social	57
3.3 A dominação masculina segundo Bourdieu	62
Capítulo 2 - Metodologia	67
2.1 Público-alvo e coleta de dados	67
2.2 As perguntas	68
2.3 Análise do <i>corpus</i>	70
Capítulo 3 - Análise das entrevistas	72
3.1 Contexto das entrevistas	72
3.2 Tema 1: quem é a catadora de lixo	73
3.2.1 Descrição da entrevistada A.....	73
3.2.2 Descrição da entrevistada B	75
3.2.3 Descrição da entrevistada C	77
3.2.4 Descrição da entrevistada D	80
3.3 Tema 2: violência doméstica	83
3.3.1 Descrição da entrevistada E	83
3.4 Tema 3: racismo	85
3.4.1 Descrição da entrevistada F	85
3.4.2 Descrição da entrevistada G	88
3.4.3 Descrição da entrevistada H	91
3.4.4 Descrição da entrevistada I	94
3.5 Tema 4- como vive a catadora de lixo	97
3.5.1 Descrição da entrevistada J	97
3.6 Resultados das Análises.....	100
Considerações Finais	104
Referências Bibliográficas	107
Anexos	111
Anexo 1	112
Anexo 2.....	115

INTRODUÇÃO

O Brasil se constitui basicamente de uma população de quantidade equilibrada entre brancos e negros, por negros entenda-se todos os que não se declaram como brancos. Deste total, uma grande parcela está composta de mulheres negras.

Os negros, de forma geral, são vítimas do preconceito velado. Percebe-se, nessa prática, uma maneira de discriminar sem assumir o mal causado ao outro, chamado por alguns autores, como Lopes (2007), de racismo à brasileira. Essa estratégia de discriminação constitui-se como uma postura de imposição de dominação de brancos sobre negros.

Diferentemente de países como os Estados Unidos da América, onde se estabeleceu uma política de discriminação e segregação dos negros, o Brasil vende para o exterior a imagem de que este é o país em que brancos e negros vivem em total igualdade de condições e oportunidades.

No entanto, os negros brasileiros vivem uma realidade oposta à maioria dos brancos, já que vivem nos piores lugares, e, em geral se evadem da escola muito cedo, antes de completarem o ensino fundamental, impossibilitando, dessa maneira, que possam melhorar suas condições de vida por meio do estudo.

Os motivos para isso passam, principalmente, pelas questões do preconceito racial. Os alunos são estigmatizados, não suportam os rótulos que recebem na escola, desenvolvem baixa auto-estima. Pouco motivados e, em geral, enfrentando problemas de toda ordem, como dificuldades de acesso à escola, dificuldades financeiras, acabam desistindo de estudar.

Para esta pesquisa, optamos por desenvolver um trabalho somente com mulheres negras catadoras de lixo, da cidade de Santa Maria, RS. As mulheres que se dispuseram a responder às entrevistas para a pesquisa participavam de um projeto da Prefeitura Municipal, que tem como objetivo oportunizar o desenvolvimento de atividades que contribuam para a inclusão dos catadores de lixo.

Nesse caso, a motivação aconteceu em virtude de desenvolvermos um trabalho voluntário nesse projeto desde o ano de 2005. Temos um respeito e uma admiração pela capacidade de superação dessas mulheres, que vivem um histórico de discriminação,

dominação masculina e abandono social. Suas histórias de vida nos comovem e incentivam a trazer para a discussão na academia o discurso dessas mulheres amordaçadas pela sociedade, que oferece pouquíssimas oportunidades para os pobres, de maneira geral, mas especialmente às mulheres negras.

A situação de exclusão das mulheres negras, como dos negros em geral, é histórica e remonta à época do Brasil escravocrata, como comprovaremos no aporte teórico. A imagem da mulher negra é extremamente negativa em nossa sociedade, e isso corrobora para a baixa auto-estima, fomentando ainda mais as desigualdades.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar entrevistas feitas com as mulheres negras catadoras de lixo. O percurso teórico e analítico tem, como ponto de partida, as seguintes questões problema: Como se constrói a imagem de si, ou seja, o ethos discursivo das mulheres negras, catadoras de lixo? Como se estabelecem as relações de poder no discurso das mulheres negras, catadoras?

Como objetivos específicos, têm-se:

- coletar dados por meio do gênero entrevista, com mulheres negras catadoras de lixo reciclável;
- analisar de forma individual as entrevistas realizadas com as catadoras;
- identificar e analisar o uso de elementos discursivos dialógicos que remeta a alguma voz de autoridade;
- identificar a presença de indicadores de subjetividade, para que se possa estabelecer relações de sentido e, ainda identificar e descrever o ethos construído no discurso no momento da enunciação;
- verificar através do uso dos elementos lingüísticos modalizadores como as mulheres negras, catadoras de lixo reciclável constroem seus discursos.

Justificamos a relevância do trabalho para os estudos lingüísticos e para a linha de pesquisa Linguagem como Prática social porque, em primeiro lugar, estudamos a linguagem em sua relação dialógica com a esfera social, verificando a produção de sentidos e a construção de identidades. Em segundo lugar, utilizamo-nos, principalmente, dos estudos de gênero discursivo e do dialogismo bakhtiniano, além de utilizarmos a proposta metodológica de Bakhtin que contempla a esfera social e verbal de análise de

gênero discursivo.

Em terceiro lugar, para análise lingüística foi necessário buscarmos em outras áreas do conhecimento, como história, sociologia, antropologia e psicologia social, o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento deste trabalho. Tal procedimento enriquece o trabalho, haja vista, que oportuniza a circulação por teorias que complementam a pesquisa e facilitam o entendimento do discurso em seu contexto sócio-histórico, na relação do sujeito e suas relações dialógicas com o outro.

Para responder às perguntas norteadoras e atender aos objetivos citados, este trabalho está composto, de três capítulos, a saber: Referencial Teórico, Metodologia e Análise das entrevistas.

No primeiro capítulo, abordaremos elementos teóricos essenciais ao desenvolvimento do tema, tais como, na primeira parte: os estudos de M. Bakhtin, o ethos discursivo, os indicadores de subjetividade, na segunda parte: o racismo no Brasil, as desigualdades sociais oriundas da escravidão, a imagem da mulher negra brasileira, bem como, na terceira parte: os estudos culturais de gênero e identidade, e, ainda, as desigualdades sociais e a dominação masculina.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia, explicando os passos da pesquisa, como público-alvo e coleta de dados, seleção dos temas de perguntas. No terceiro capítulo, descrevemos as informantes e apresentamos a análise dos enunciados selecionados, além disso, interpretamos os sentidos produzidos.

CAPÍTULO 1

Neste capítulo, desenvolveremos um percurso constituído de três partes. Na primeira parte, faremos algumas considerações sobre os estudos de Bakhtin no que diz respeito aos estudos de gênero discursivo, dialogismo e ideologia. Também trataremos de sua proposta metodológica, pela qual a enunciação deve ser estudada em seu contexto sócio-histórico sem deixar de considerar todos os que estão interagindo no gênero discursivo. Além disso, abordaremos a noção de ethos discursivo, e, ainda, os indicadores de subjetividade. Na segunda parte, faremos um recorte histórico sobre o racismo e as desigualdades sociais oriundas da escravidão, e também discutiremos sobre a imagem das mulheres negras no Brasil. Na terceira parte, discutiremos gênero social, identidade e exclusão social, bem como, a dominação masculina.

PRIMEIRA PARTE

1. DA LINGUAGEM

1.1 Gêneros discursivos

Todas as relações humanas são orientadas pelos gêneros discursivos através da linguagem. As interações sociais são fatores determinantes que favorecem o aparecimento e a manutenção ou permanência dos gêneros. Dessa forma, nosso dia-a-dia é feito de interações sociais que são regulamentadas pelos diversos tipos de gêneros. Segundo Bakhtin (1992, p.279), um gênero é um “tipo relativamente estável de enunciado”; garante sua existência em função do quanto ele é utilizado socialmente.

Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pela análise do gênero entrevista. Esse gênero garante sua existência pela sua recorrência e porque permite ao

entrevistado manifestar sua visão de mundo, suas idéias acerca de um determinado tema, fato ou circunstância.

Cabe ao investigador facilitar a interação por meio das perguntas, e ter o cuidado de manter a entrevista dentro de seus objetivos, pois, eventualmente, ela poderá sair do tema, já que se trata de uma manifestação lingüística genuinamente autêntica. “A entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre entrevistador e o entrevistado” (Lüdke e André, 1986, p.34).

A entrevista semi-estruturada é uma das mais utilizadas nas investigações sociais. Ela tem uma estrutura composta por uma série de perguntas guias, que orientam o entrevistador. É importante atentar para o caráter de interação dialógica que se estabelece na entrevista. Vejamos o que nos ensinam as professoras Lüdke e André:

Na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto [...] Na medida que houver um clima de estímulo e aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.34).

Assim, a entrevista se justifica como gênero discursivo, porque se trata de um “tipo relativamente estável de enunciado”(Bakhtin,1992,p.279), e garante sua existência em função do quanto ele é utilizado socialmente.

Nesse sentido, Bakhtin (1997 p. 297) afirma: “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. Para esse autor, o ser humano utiliza a linguagem para comunicar-se através de enunciados, que se caracterizam por serem a “unidade real da comunicação verbal” (Bakhtin,1992, p. 293); eles podem ser orais ou escritos.

Além disso, os enunciados são delimitados pelos participantes da interação verbal, que se alternam no diálogo, constituindo o que Bakhtin (1997, p. 293) denomina “as fronteiras do enunciado”. Um enunciado poderá ser proferido quando o outro acabar sua fala. Há uma troca dos espaços de locutor e interlocutor uma “alternância dos sujeitos falantes” (Bakhtin, 1997, p. 294).

Dessa forma, Bakhtin (1997, p. 294) ensina que é a “totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder, de compreender de modo

responsivo”. A resposta ao enunciado não necessariamente virá através de outro enunciado; poderá, no entanto, ocorrer através de uma tomada de atitude, ou ainda pela reflexão acerca do assunto.

Um enunciado é um “elo na comunicação verbal” (Bakhtin, 1997, p. 320). O “objeto do seu discurso” é comum ao de outros; não é dito pela primeira vez, sempre antes dele houve outro que o precedeu, e outros tantos o sucederão. Ele não é sozinho, porque o sujeito falante utiliza outras vozes ao compor seu enunciado, o que é chamado por Bakhtin (1997) de dialogismo. Este pode ocorrer tanto no interior do texto como fora dele.

Dessa forma, o sujeito, nas interações sociais, ao compor seu enunciado lingüístico, faz uso de palavras que já foram utilizadas em outros enunciados. Segundo Rodrigues (2005, p.155), elas “trazem consigo sentidos (visões de mundo)”. O sujeito utiliza as palavras do outro, por vários motivos, para dar credibilidade ao próprio discurso, porque compartilha com a sua visão de mundo, para estabelecer relações de sentido, para enfatizar uma tomada de posição, entre outros.

O outro se constitui como o interlocutor. Conforme Bakhtin (1997, p. 320), “o enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto [...] a mais breve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico”. Nesse sentido, o autor enfatiza que o interlocutor, para quem o discurso é produzido, tem um papel muito importante. Nesse caso, ele será o outro com relação ao interlocutor, “não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal” (Bakhtin, 1997, p. 320).

Para Bakhtin (1997), ao se produzirem enunciados num determinado gênero, serão levados em consideração os destinatários de acordo com critérios como: a sua classe social, sua importância, sua idade, entre outros. Ao fazermos parte de uma estrutura social, interagimos com o outro através da linguagem. Nessa interação dialógica, expressamos sentimentos, emoções, pensamentos e pontos de vista, por meio de enunciados lingüísticos.

Dessa maneira, Bakhtin enfatiza que, quando se constrói um enunciado, fazem-se opções. Tais opções podem ser lexicais, modais, entre outras, com o intuito de cumprir algum propósito pré-determinado, como quando se deseja expressar algum juízo de valor, ou alguma emoção.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão

repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (Bakhtin, 1997, p. 314).

Em face disso, os enunciados estão sempre compostos por outras vozes, não dizemos algo pela primeira vez. O enunciado se compõe pelas vozes de todos aqueles que lemos e ouvimos, acrescidos da nossa visão de mundo, da nossa maneira de pensar. Dessa forma, o enunciado é construído por nós e pelos outros numa interação dialógica.

Os pontos de vista que constam nos enunciados, poderão contribuir para que o interlocutor se identifique com o locutor, compartilhe ou não com o seu modo de pensar e perceber os fatos que o cercam, havendo uma interação entre os sujeitos. Dessa forma, estabelece-se a relação dialógica entre aquele que produz o enunciado e aquele que recebe. Conforme Bakhtin, o locutor, através de seus enunciados, provoca uma atitude responsiva de seu interlocutor.

Destacamos que o enunciado refletirá o contexto social no qual ele está sendo produzido. O locutor tem uma história de vida, ele ocupa um lugar na sociedade, fatos que certamente influirão na composição do enunciado.

Por fim, devemos dizer que, nas entrevistas com as mulheres negras catadoras de lixo, estabelece-se uma interação entre a pesquisadora e as entrevistadas, há uma mútua influência. Por meio da análise dos enunciados, poderemos perceber suas visões de mundo, seus pontos de vista. Na troca de enunciados, a atitude responsiva da entrevistadora se dará por meio da análise e reflexão das entrevistas. Concomitantemente, por meio da eleição dos temas e seleção das perguntas, a entrevistadora também provocará uma atitude responsiva nas entrevistadas, que, para comporem suas respostas, refletirão sobre os temas propostos na entrevista.

1.2 Dialogismo e Ideologia

Para Bakhtin (1999), o homem interage com o outro em uma relação dialógica. E, não considera o homem separado dos outros homens e, conseqüentemente, da comunicação. O homem vive uma relação de influência mútua na vida social.

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1999, p.113).

Nesse sentido, o homem alterna a posse da palavra com o seu interlocutor, ora o locutor está com a palavra produzindo sentidos, compartilhando experiências, ora o seu interlocutor, o outro, ocupa o lugar de locutor com as mesmas características.

Bakhtin (1999) enfatiza que não é o simples ato fisiológico material que qualifica a propriedade de ser o dono da palavra, e sim a “materialização da palavra enquanto signo” (Bakhtin, 1999, p.113). Já que o signo é social, então há uma relação de interação, entre o que produz o texto oral ou escrito e aquele que recebe, em atitude responsiva ativa. Temos, nesse caso, alguém se expressando para alguém. Nesse sentido, podemos dizer que a palavra enquanto signo constrói sentidos, nas interações entre os sujeitos.

Dessa forma, Bakhtin, segundo Faraco (2003, p.61), preocupa-se com o diálogo nas práticas sociais do cotidiano, que “assim como na linguagem poética está situada na corrente da comunicação sociocultural e nas duas se materializam tomadas de posição axiológicas e relações dialógicas”.

Segundo Bakhtin, essas duas “esferas” são importantes e ideológicas, tanto das interações cotidianas (os mais simples diálogos) quanto, da esfera da linguagem poética. Faraco (2003) nos ensina que, para Bakhtin, as duas devem ser aproximadas e uma deve complementar a outra, já que as duas esferas são produtoras de sentido, e são frutos das interações verbais. Dessa forma, a produção de sentido se dá ao nível dos enunciados.

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material lingüístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformada num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la (FARACO, 2003, p.64).

Assim, devemos dizer que as relações dialógicas efetivamente se estabelecem quando, a partir dos enunciados proferidos pelos sujeitos, eles são capazes de produzirem sentidos, e de provocarem uma atitude responsiva. Essa atitude, pode ser: em forma de outro enunciado, a partir da reflexão do que foi dito ou lido, ou ainda da concordância ou do repúdio ao pensamento do outro. Estabelece-se, assim, a interação entre os sujeitos nas práticas sociais, não havendo, contudo, a necessidade de concordância.

Para Barros (1994, p.3), nas questões dialógicas bakhtinianas de interação verbal,

o sujeito não ocupa o papel mais importante de tal interação. O lugar de maior destaque é concedido às vozes sociais “que fazem dele um sujeito histórico e ideológico”.

Dessa forma, o dialogismo não se constitui apenas como a relação entre os sujeitos nos processos discursivos. Nesse sentido, tem uma abrangência mais ampla, trata-se de um dialogismo entre os inúmeros discursos que perfazem a sociedade, reforçando a idéia de que nossos enunciados estão compostos pelas vozes de outros, ou do outro numa perspectiva sócio-histórica do sujeito.

Observamos que, se isolado de seu processo de enunciação, um enunciado perderá o que tem de mais importante, que é o seu caráter dialógico nessa união entre linguagem e interação social.

Segundo Barros (1994), Bakhtin acredita que

O monologismo rege a cultura ideológica de tempos modernos e a ele opõe o dialogismo, característica essencial da linguagem e princípio constitutivo, muitas vezes mascarado, de todo discurso. O dialogismo é a condição do sentido do discurso (BARROS, 1994, p.2).

Assim, o dialogismo é uma conseqüência do agir verbal entre aquele que produz o texto e aquele que o recebe. Ambos participam da construção dialógica do sentido.

Devemos tratar também da questão da ideologia presente nos estudos de Bakhtin (1999), que nos afirma que “tudo o que é ideológico é um signo [...], sem signos não existe ideologia”. Como é um signo, a palavra só é neutra enquanto parte do dicionário, mas nas interações verbais ela é ideológica e, conseqüentemente, dialógica.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 1999, p.36).

Em face disso, procedendo à análise do discurso de determinado grupo social, a partir das marcas lingüísticas podemos verificar indícios de preconceitos, presença de ideologias, pontos de vista, influências culturais sofridas pelos indivíduos.

Para Bakhtin, a mesma língua é usada por classes sociais distintas; daí se estabelece uma disputa ideológica, há um embate entre os discursos no interior da língua. Então, nos signos podem se encontrar valores que se opõem.

Nesse sentido, Barros comenta que a língua é utilizada pelas classes sociais para expressar as contradições presentes nos seus discursos, “as classes sociais utilizam a língua de acordo com seus valores e antagonismos” (1994, p. 8).

Convém ainda lembrar as explicações de Bakhtin com relação à importância das

palavras, o seu poder de penetrar nas práticas sociais de todas as classes, entrelaçando as relações sociais, transformando os indivíduos.

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações de colaboração, nas de base ideológicas, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (BAKHTIN 1999, p.41).

Na interação entre as pessoas, a voz do outro perfaz dialogicamente o pensamento dos indivíduos, provocando outras reflexões, influenciando em suas convicções ideológicas, nas transformações sociais. Através da palavra, podem-se identificar tais mudanças em curso.

Segundo Bakhtin (1999, p.43), “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica”. O autor defende a necessidade das formas da enunciação se apoiarem nas formas da comunicação verbal.

Esse autor sugere que os signos resultam de um acordo organizado na esfera social em decorrência da interação verbal. Essa a explicação para que os signos sejam condicionados tanto pela interação social, quanto pelas condições em que elas ocorrem. Esta seria a tarefa dos estudos ideológicos do signo: verificar as transformações que levaram à sua evolução.

O signo lingüístico se apresenta, então, como um signo social e ideológico, que estabelece uma relação entre a consciência individual e a interação social. Assim, o pensamento individual não cria ideologia; ela é a responsável pela criação do pensamento individual.

Diante do exposto, podemos dizer que, neste trabalho, estabelece-se uma relação dialógica de interação entre os sujeitos, quais sejam: a pesquisadora e as suas entrevistadas. Nesse sentido, a entrevista como uma prática social do cotidiano se constitui como uma interação verbal dialógica que produz sentidos em nível de enunciados lingüísticos sob uma perspectiva social e histórica dos sujeitos.

1.3 Proposta metodológica bakhtiniana

Bakhtin (1999) propõe uma trajetória metodológica. Nela, defende que os discursos tanto orais quanto escritos e suas ideologias devem ser estudados sob uma perspectiva social, ou seja, no seu contexto de uso.

Dessa forma, todos os participantes da interação são relevantes, considerando a linguagem como “a forma materializada da comunicação social”, na opinião de Rodrigues (2001, p.9).

A análise dos enunciados deve ser feita “como unidades reais da cadeia verbal”, aliadas ao “curso histórico das enunciações” (Bakhtin, 1999, p.124 e 125), contemplando, dessa forma, as esferas sociais e verbais.

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e de seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto, ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação (BAKHTIN,1999,p.125).

Para Bakhtin, não se pode fazer uma análise sem considerar as esferas sociais do gênero discursivo. Faz-se necessário observar todos os integrantes da interação verbal, bem como o contexto sócio-histórico em que se dá a enunciação.

Como vimos, os gêneros do discurso correspondem a situações de interações típicas da comunicação discursiva de uma determinada esfera social. Cada gênero discursivo tem características próprias, que garantem a sua estabilidade e manutenção. As pessoas que estão envolvidas em um gênero precisam conhecê-lo, seu funcionamento, sua utilidade e se reconhecer fazendo parte dele, para que efetivamente se dê a interação verbal.

Nesse sentido, a proposta metodológica de Bakhtin abrange as duas esferas da enunciação, quais sejam: a dimensão social e a verbal. Na dimensão social, consideramos o sujeito como histórico e social, levando em conta todos os participantes do gênero e o contexto no qual ele se desenvolve. Com relação à esfera verbal, entendemos a análise propriamente dita.

Nessa perspectiva metodológica bakhtiniana é que pretendemos proceder à

análise do discurso das catadoras de lixo, levando-se em conta a esfera social, na qual ele se desenvolve. Para tanto, pretendemos verificar os envolvidos nessa interação social, descrever as mulheres público-alvo da pesquisa, como elas vivem, qual a raça, classe social, idade, estado civil, dentre outros dados que sejam necessários para contextualizá-las socialmente.

O próximo passo será a análise da esfera verbal, ou seja, a análise lingüística propriamente dita. Dessa forma, verificaremos as marcas lingüísticas que sinalizem a presença de outras vozes, o dialogismo, e as ideologias que perfazem o discurso das mulheres negras catadoras de lixo. Na seqüência do trabalho, veremos a noção de ethos.

1.4 Ethos discursivo

Embora o estudo sobre o ethos não seja novo, já que remonta à obra de Aristóteles, neste trabalho nos deteremos ao estudo contemporâneo da noção de ethos discursivo em contexto de enunciação, concentrando-nos principalmente nos estudos dos lingüistas Maingueneau e Amossy, que vêm se dedicando a este tema.

Toda vez que a linguagem é utilizada na interação entre os sujeitos, aquele a quem se destina a mensagem ou texto constrói uma imagem do enunciador, independente do tipo de comunicação, seja ela escrita ou oral. A imagem do enunciador construída pelo receptor da mensagem é chamada de ethos.

O ethos é construído a partir de subsídios dados pelo próprio enunciador para que seu interlocutor tenha uma determinada imagem daquele que produz o enunciado. Para tanto, não é obrigatório que a imagem construída necessariamente corresponda à verdadeira imagem do enunciador, já que este pode, de modo consciente ou não, passar uma imagem que melhor lhe convenha em dada situação de uso da língua. Essa imagem de si, ou seja, o ethos do enunciador vai sendo construído naturalmente, sem que o enunciador tenha necessidade de fazer uma descrição detalhada de si mesmo. Além disso, ela ocorre em todos os tipos de interações verbais, desde um discurso elaborado para uma grande platéia até as conversas informais do dia-a-dia. Segundo a professora Amossy (2005, p. 9),

(...) não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências

lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.

Com relação ao ethos, faz necessário-se salientar que não será apenas pelo discurso do enunciador que o interlocutor construirá essa imagem. Há que se levar em conta também que elementos extradiscursivos contribuirão na construção do ethos do enunciador. São importantes na construção dessa imagem outros fatores, como o tom de voz, a roupa, a postura, o olhar, os gestos, se o enunciador se mostra alegre, bem humorado, exuberante, triste, etc.

Mainqueneau (2008, p.14) considera que, na enunciação discursiva, há vários fatores responsáveis por compor a cena enunciativa, capazes de juntos concorrerem para que o interlocutor forme a imagem de seu enunciador. Para o autor, é necessário que se estabeleça uma distinção entre o ethos que está sendo construído pela platéia e as verdadeiras qualidades, ou a falta delas, que efetivamente fazem parte da personalidade do enunciador. “Vê-se que o ethos é distinto dos atributos ‘reais’ do locutor. Embora seja associado ao locutor, na medida em que ele é fonte da enunciação, é do exterior que o ethos caracteriza esse locutor” (MAINGUENEAU, 2008, p.14).

O ethos que o enunciador deseja passar para seu interlocutor não necessariamente tem um compromisso com o verdadeiro, com a ética. Todos querem causar uma impressão positiva em seu discurso, por isso, nem sempre a imagem que vai se construindo durante a interlocução corresponde com a verdade.

Quando se fala em verdade, é preciso que se diga que não é importante se o ethos construído no discurso é verdadeiro ou falso, e sim a capacidade que o enunciador tem de se colocar como igual, no mesmo nível de seu interlocutor ou interlocutores, para efetivamente ser verdadeiro, ser convincente e atingir seu objetivo final, a persuasão e adesão da platéia, seja para compartilhar de um ponto de vista, aderir a uma causa, ditar um comportamento ou convencer para compra de um produto.

Para Mainqueneau (2008, p. 17),

- o ethos é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma imagem do locutor exterior a sua fala;
- o ethos é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-

histórica.

Assim, para que a platéia ou o interlocutor construa uma imagem de seu enunciador e possa, de alguma maneira, deixar-se influenciar ou persuadir a aderir ao seu ponto de vista ou comportamento, é necessária uma situação de interação social na qual os sujeitos sócio-históricos da interlocução utilizem a linguagem, através de enunciados que, para Bakhtin (1997, p. 320), funcionam como elos da comunicação verbal, a qual pode ser de natureza oral ou escrita.

Para que essa interação tenha sucesso, o orador deve levar em conta a platéia à qual dirige seu discurso, avaliando quem são as pessoas, no que elas acreditam, quais são os valores que norteiam sua existência, qual o nível social e econômico ao qual elas pertencem, enfim, quais são as suas expectativas.

Segundo Amossy (2005), o processo é muito dinâmico: ao mesmo tempo em que o orador faz uma imagem de seu espectador, ou seja, constrói um ethos o qual vai nortear seu discurso para passar uma imagem confiável de si mesmo, baseado nas considerações que fez através de seu julgamento, ele também vai proporcionar elementos para que sua platéia construa uma imagem de si. Nas palavras do autor,

(...) retomaremos a necessidade que tem o orador de se adaptar ao seu auditório, portanto, de fazer uma imagem dele e, correlativamente, de construir uma imagem confiável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que ele atribui àqueles que o ouvem (AMOSSY, 2005, p.19).

Neste momento, devemos distinguir dois tipos de ethos, segundo Maingueneau (2005, p.71), quais sejam: ethos pré-discursivo, também chamado por Amossy de ethos prévio, e ethos discursivo. O ethos pré-discursivo corresponde à imagem que a platéia constrói do enunciador antes de ele falar; trata-se das representações feitas na expectativa que se estabelece antes do discurso.

O ethos discursivo, assim definido por Aristóteles, segundo Maingueneau (2005, p.71), “está crucialmente ligado ao ato de enunciação”. Dessa forma, para que possamos fazer uma análise e futuramente uma comprovação do ethos discursivo nas entrevistas feitas com as mulheres negras catadoras de lixo, buscaremos no *corpus* “a existência de marcas que podem nos levar a caracterização do ethos” (ROMUALDO, 2008, p. 214).

Ainda que toda a cena enunciativa concorra para que o interlocutor construa a

imagem do seu enunciador, nossa atenção estará mais concentrada nos enunciados que compõem o discurso, que podem ser avaliados pelas escolhas lexicais feitas pelo enunciador, as quais podem ser conscientes ou não. Além disso, levaremos em consideração alguns fatores como risos ou lágrimas, ou a própria postura das entrevistadas durante as entrevistas que contribuirão na composição do ethos dessas mulheres.

1.5 Indicadores de subjetividade

Inicialmente, é relevante expormos os motivos que levaram à seleção dos trabalhos de Orecchioni e Neves para dar sustentação teórica à análise lingüística do *corpus* desta pesquisa no que tange à questão da subjetividade na linguagem.

Acreditamos que seus estudos lingüísticos podem ser usados conjuntamente em função de ambas as autoras terem pensamento teórico consoante aos estudos do filósofo da linguagem Bakhtin, que foi referido anteriormente na primeira parte do capítulo I. Para esse autor, ao fazer parte de uma estrutura social, o sujeito interage com o outro através da linguagem e, ao construir um enunciado, realiza escolhas que podem ser lexicais, modais, etc. Tais escolhas têm o intuito de cumprir algum propósito pré-determinado, como expressar algum juízo de valor, emocionar, persuadir, entre outros.

Além disso, as marcas de subjetividade serão descritas e interpretadas de acordo com as autoras acima mencionadas, para que se possa comprovar a materialidade lingüística que dá suporte para a construção do ethos discursivo, ou seja, a imagem que as mulheres participantes da pesquisa constroem de si no discurso.

Dessa maneira, acreditamos que os trabalhos referentes à subjetividade na linguagem realizados por Orecchioni e Neves se complementam e também dialogam não só com os estudos de Bakhtin, que são bem mais antigos, mas também com as pesquisas acerca do ethos feitas por Amossy e Maingueneau.

Na seqüência, trazemos parte dos estudos de Orecchioni e Neves que são relevantes para esta pesquisa. Antes, porém, é necessário esclarecer a questão referente à nomenclatura usada pelas teóricas: o que nos estudos de Orecchioni (1980) é chamado

de marcas da subjetividade e modalizadores, Neves (2000/2007) nomeia de modalizadores, modalização na linguagem ou, ainda, marcas no enunciado. Ressaltamos que, para esta pesquisa, estes termos serão utilizados como sinônimos: marcas de subjetividade, modalizadores, modalidades e marcas no enunciado.

1.5.1 A subjetividade na linguagem

Orecchioni se dedica ao estudo da análise do extralingüístico em toda e qualquer manifestação discursiva, pois acredita que é inexequível descrever adequadamente os comportamentos verbais sem levar em conta o contexto em que os enunciados são ditos, sem considerar a ideologia articulada no instante de sua enunciação. Além disso, leva em consideração a imagem que o enunciador faz de si mesmo, do seu receptor e, ainda, a que ele acredita que o receptor faz dele.

Orecchioni (1980, p.36) assim expõe:

[...] en la competencia cultural de los miembros de la comunicación es necesario incorporar la imagen que se forman de ellos mismos, que se hacen del otro y la que se imaginan que el otro hace de ellos: no se habla a un destinatario real, sino a aquello que se cree saber de él, mientras que el destinatario decodifica el mensaje en función de lo que él cree saber del emisor.¹

Dessa forma, podemos inferir que tudo o que dissemos, ou melhor, enunciamos não ocorre ao acaso, pois levamos em consideração as impressões que temos de nosso receptor, e vice-versa. O estudo de Orecchioni (1980) se concentra na identificação e na descrição das marcas do ato enunciativo na enunciação. Para ela, os atos enunciativos são “las huellas lingüísticas de la presencia del locutor en el seno de su enunciado, los lugares de inscripción y las modalidades de existencia de lo que con Benveniste llamamos ‘la subjetividad en el lenguaje’”² (ORECCHIONI, 1980, p.42).

Pelas marcas lingüísticas é possível identificar o locutor no núcleo de seu

¹ Na competência cultural dos membros da comunicação é necessário incorporar a imagem que se forma deles mesmos, do outro e a que imaginam que o outro faz deles: não se fala a um destinatário real, e sim aquilo que se acredita saber dele, ao mesmo tempo em que o destinatário decodifica a mensagem em função do que ele crê saber do emissor. [tradução minha]

² As marcas lingüísticas da presença do locutor no seio de seu enunciado, os lugares de inscrição e as modalidades de existência do que com Benveniste chamamos “a subjetividade na linguagem. [tradução minha]

enunciado, isto é, os ambientes de “inscrição” do sujeito e as modalidades da existência dessa inscrição. Enunciação ela entende como: “la búsqueda de los procedimientos lingüísticos (shifters³, modalizadores, términos evaluativos, etc.) con los cuales el locutor imprime su marca al enunciado, se inscribe en el mensaje (implícita o explícitamente) y se sitúa en relación a él”⁴ (ORECCHIONI, 1980, p.43).

Desse modo, podemos concluir que, com a enunciação, intenta-se encontrar e descrever qualquer unidade lingüística que revela a presença e a opinião (explícita ou implícita) do locutor no seu enunciado.

Conforme a autora, na construção do discurso, o emissor não elege livremente os itens lexicais disponíveis no seu conhecimento lingüístico, porque existem filtros que restringem as possibilidades de seleção. Tais filtros dependem de dois tipos de fatores: as condições reais da comunicação (contexto) e as restrições em função do gênero discursivo. Ao proceder à análise do discurso de um professor de lingüística, a autora afirma que deverão ser considerados alguns pontos, como: a natureza particular do locutor, a natureza de seus alocutários (número, idade, nível social, etc.). Nesse caso, o discurso obedece às restrições do gênero do discurso didático.

O estudo de Orecchioni (1980) aborda verbalização de um objeto, referencial concreto ou abstrato, pelo sujeito da enunciação, pois, para tanto, ele deve escolher unidades do repertório sintático e léxico. Assim, inferimos que o sujeito da enunciação pode preferir um discurso objetivo ou subjetivo. No primeiro, não há explicitamente sinais da existência de um enunciador; no segundo, o enunciador se revela explicitamente, denotando seu discurso avaliativamente.

Nessa medida, tange expor que esse paradoxo objetivo *versus* subjetivo obedece a uma escala que se comporta de maneira gradual, saindo do mais objetivo, passando pelo menos objetivo em direção ao subjetivo. Consoante a Orecchioni (1980, p. 94), exemplificamos essa relação na Figura 1.

³ Orecchioni (1980, p. 43) esclarece que esta é uma terminologia utilizada por Jakobson, sem tradução original, tendo como termo equivalente o “índice” de Peirce, e definida por D. Jespersen em *Language* (1922, p. 123, 4) como “classe de palavras cujo sentido varia com a situação da enunciação” [tradução minha].

⁴ A busca dos procedimentos lingüísticos (shifters, modalizadores, termos avaliativos, etc.) com os quais o locutor imprime sua marca no enunciado, se inscreve na mensagem (implícita ou explicitamente) e se situa em relação a ele. [tradução minha]

pode ser objetivo, quando não apresenta marcas da existência de um enunciador, ou subjetivo, quando o enunciador está explicitamente caracterizado pelo pronome em primeira pessoa.

Com relação aos discursos objetivo e subjetivo, podem ter diferentes graus de subjetividade e de objetividade, ou seja, “las unidades léxicas están ellas mismas (en la lengua) cargadas con un peso más o menos grande de subjetividad”⁶ (ORECCHIONI, 1980, p.94). Assim, compreende-se que essa distinção não invalida sua posição de que, de um modo ou de outro, toda unidade léxica é subjetiva, pois os vocábulos da língua são símbolos substitutivos e interpretativos das coisas.

Para nossa análise, utilizaremos parte do trabalho de Orecchioni (1980) que se refere às marcas não dêiticas de subjetividade na linguagem. Essas marcas não dêiticas também são chamadas de subjetivemas. Exemplos de subjetivemas são os adjetivos e os verbos. Tal escolha se justifica porque o emprego dessas categorias lingüísticas revela marcas de subjetividade, cujo entendimento completo só é possível pelo enunciado em si e em determinada situação de enunciação. A seguir, trabalharemos duas marcas de subjetividade na linguagem propostas por Orecchioni (1980): primeiro o verbo e, depois, o adjetivo.

1.5.1.1 Subjetividade nos verbos

Para Orecchioni (1980, p. 131), o emprego de qualquer unidade léxica pode ser considerada subjetiva “hasta una aserción como ‘Pedro está corriendo’ puede prestar a discusión (no está caminando)”⁷.

A partir disso, esclarece que alguns verbos, como “gostar”, estão marcados subjetivamente de forma mais clara que outros, como, por exemplo, “comprar”. Orecchioni (1980, p.131) afirma que “[...] el carácter evaluativo del primero aparece, por exemplo, em el hecho de ‘me gustan las amapolas’ no implica de ninguna manera que me gustan las flores, em tanto que si compro amapolas eso vale también para su hiperónimo”^{8,9}.

⁶ As unidades lexicais estão elas mesmas (na língua) carregadas com um peso maior ou menor de subjetividade. [tradução minha]

⁷ Até uma asserção como ‘Pedro está correndo’ pode se prestar a discussão (não está caminhando). [tradução minha]

⁸ Hiperônimo é toda palavra que apresenta um significado mais abrangente do que o do seu hipônimo (vocabulário mais específico). Nesse caso, flores é hiperônimo de amapolas.

⁹ O caráter avaliativo do primeiro aparece, por exemplo, no fato de ‘eu gosto das amapolas’ não implica de nenhuma maneira que eu gosto das flores, e sim que se compro amapolas isso vale também para seu

Além do mais, para o estudo dos verbos subjetivos, faz-se necessário observar os seguintes pontos:

- Quem faz o juízo avaliativo?

Pode ser o locutor. Nesse caso, trata-se dos verbos subjetivos propriamente ditos, como, por exemplo: pretender, gruir. Se for o agente do processo, pode, em alguns casos, coincidir com o sujeito da enunciação, conforme exemplifica Orecchioni (1980, p.132): “desejo que P”.

- O que se avalia?

Pode ser o processo mesmo ou o agente – nesse caso de forma indireta, como, por exemplo: “X gruni” (ORECCHIONI, 1980, p. 132). Em português, o verbo gruir significa “soltar (o grou) seu grito; grasnar. Correr fazendo algazarra”. O objeto do processo pode ser uma coisa ou uma pessoa, como, por exemplo: “X odeia Y” (ORECCHIONI, 1980, p. 132).

- Qual a natureza do juízo avaliativo: bom/mau; verdadeiro/falso/incerto.

Para estudar os verbos subjetivos, a autora os divide em: verbos ocasionalmente subjetivos e verbos intrinsecamente subjetivos, os quais serão abordados a partir do próximo subitem.

a) Verbos ocasionalmente subjetivos

Orecchioni (1980) afirma que os verbos ocasionalmente subjetivos são aqueles que implicam em uma avaliação. Tal avaliação pode incidir sobre o objeto do processo ou por parte do agente do processo. Além disso, pode ocorrer em termos de bom/mau ou de verdadeiro/falso/incerto.

Para essa teórica, os verbos do tipo bom/mau são os verbos de sentimento ou os que expressam comportamento verbal (verbos de pedir, de elogiar e injuriar). Os verbos de verdadeiro/falso/incerto são os perceptivos e os opinativos.

Os verbos perceptivos indicam apreensão perceptiva. Eles funcionam como índice de subjetividade e indicam que a impressão perceptiva é específica do falante. Exemplo disso é “o céu lhe parecia negro”, ou seja, era negro para o falante, mas podia ser cinza para outro observador.

Conforme Orecchioni (1980) com base em Ducrot (1972), os verbos opinativos denotam apreensão intelectual. O locutor faz uso desses verbos para informar ao destinatário sobre as opiniões de terceiros. Os verbos de opinião indicam, concomitantemente, qual é o grau de certeza com que o terceiro expressa sua opinião. Isso podemos visualizar na Figura 2, uma adaptação traduzida¹⁰ do esquema apresentado por Orecchioni (1980, p.137).

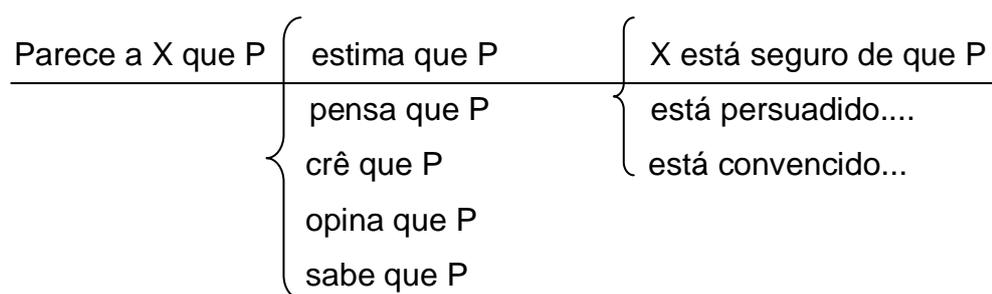


Figura2: Grau de certeza dos verbos de opinião

A partir desse esquema, podemos entender que, ao se expressar, se X fizer a opção pelo uso do verbo “parecer”, indicará que o locutor X demonstrará ter menos certeza a respeito da opinião de P. Na contrapartida, selecionar o verbo “convencer”, em “X está convencido de que P...”, demonstrará que o locutor X tem certeza da opinião de P.

A autora esclarece que não tem como objetivo analisar detalhadamente os diferentes microssistemas que compõem o grande conjunto de termos enunciativos, e sim “descobrir os diferentes rostos” de que a subjetividade lingüística pode fazer uso. Ela elucida que Ducrot (1975, p. 83) estruturou sua análise em cinco eixos semânticos, quais sejam: o verbo implica ou não em um juízo pessoal baseado na experiência, o verbo implica ou não em uma experiência de uma coisa em si mesma, o verbo implica ou não em uma predicação original, o locutor se apresenta ou não como seguro da opinião expressada; o locutor apresenta sua opinião como o produto de uma reflexão de acordo com o conjunto léxico: “considerar”, “encontrar”, “estimar”, “julgar”, “ter a impressão”, “estar seguro”, “pensar”, “crer”.

¹⁰ Adaptação e tradução minha.

b) Verbos intrinsecamente subjetivos

Orecchioni (1980, p.139) disserta que os *verbos intrinsecamente subjetivos* englobam uma avaliação cuja fonte sempre é o sujeito da enunciação. Os verbos intrinsecamente subjetivos são os verbos que avaliam o processo de interação e/ou seu interlocutor como bom/mau e também com os verbos de opinião, de julgamento e de dizer (dicendi).

A avaliação do tipo bom/mau emprega verbos intrinsecamente axiológicos. Para isso, tomemos como exemplo esta frase: “aquela mulher está reinando”. É justamente na medida em que o locutor elege esse verbo para pronunciar sua opinião axiológica (expressa uma avaliação de eventos, ações, situações a que o enunciado se refere) fica nítida a avaliação (no exemplo citado, uma avaliação negativa com relação ao humor da mulher) que ele faz do objeto denotado.

Dentre os verbos dessa categoria, Orecchioni cita: “[...] los verbos ‘fracassar’ y ‘triunfar’, que acompañan a otros términos evaluativos (‘temer’, ‘inexperiencia’, ‘competencia’), son, evidentemente, subjetivos, puesto que implican un juicio de valor que siempre puede estar sujeto a controversia [...]”¹¹ (ORECCHIONI, 1980, p. 140).

No grupo desses verbos, há também os verbos avaliativos do tipo verdadeiro/falso/incerto: intrinsecamente modalizadores. Eles dividem-se em três categorias: verbos de julgar, de dizer e de opinião.

Os de julgamento são verbos axiológicos e modalizadores concomitantemente, pois isso depende do lugar que o indivíduo ocupa no discurso (ORECCHIONI, 1980, p. 142).

A respeito dos verbos de dizer, a autora relata que o locutor os utiliza para expor explicitamente sua posição diante daquilo que expressa. Os verbos do eixo do dizer classificam-se em duas categorias. Os verbos dizer, afirmar, declarar, sustentar são verbos cuja atitude avaliativa de Y independe do grau de intensidade do comportamento enunciativo de X. A outra categoria corresponde aos verbos modalizadores, tais como: pretender, reconhecer, confessar, admitir.

Os verbos de opinião, para Orecchioni (1980, p.146), são imaginar, pensar e saber. Esses verbos se referem a uma atitude intelectual de “X frente a P”. De acordo

¹¹ Os verbos ‘fracassar’ e ‘triunfar’, que acompanham a outros termos avaliativos (‘temer’, ‘inexperiencia’, ‘competencia’), são evidentemente, subjetivos, pois implicam un juízo de valor que siempre puede estar sujeto a controversia [...] (Orecchioni, 1980, p. 140). [tradução minha]

com a estudiosa, são sinônimos quando há adesão por parte de “X” de uma opinião e, além disso, “X” tem a opinião por verdadeira. “X pensa que P”, “ X imagina que P”, “X sabe que P” (ORECCHIONI, 1980, p.146).

Nesse sentido, cabe neste momento acrescentarmos o verbo “achar”, que não está classificado por Orecchioni (1980), no entanto, em nossa língua, tem a mesma função e se classifica da mesma forma. Esse verbo é muito utilizado principalmente na oralidade: X acha que P.

Na língua portuguesa, a modalidade subjetiva está relacionada a um conhecimento particular do locutor e, por meio dela, o falante pode marcar seu comprometimento ou não com a verdade. Assim, “achar” é considerado um verbo de opinião ou crença. De acordo com Neves (2007, p. 173), “Nos enunciados em primeira pessoa, o locutor legitima espaço para registrar sua opinião – ao situar seu enunciado no campo graduável do possível –, e, confessando suas dúvidas e incertezas, ganhar em credibilidade”.

Voltando aos estudos de Orecchioni (1980), os verbos foram estruturados em dois eixos. O primeiro refere-se à fonte da avaliação, que pode ser o agente do processo (verbos ocasionalmente subjetivos) ou o sujeito da enunciação (verbos intrinsecamente subjetivos). O segundo eixo refere-se ao juízo avaliativo que provém do eixo bom/mau ou do verdadeiro/falso/incerto.

Como vimos, Orecchioni (1980) separa os verbos em dois grupos: os verbos ocasionalmente subjetivos e os intrinsecamente subjetivos. O primeiro grupo faz uma avaliação do tipo bom/mau e se subdivide em verbos de sentimento, verbos de dizer e verbos de opinião. O segundo foi dividido em dois grupos, quais sejam: avaliação do tipo bom/mau, que se são os verbos intrinsecamente axiológicos e avaliação do tipo verdadeiro/falso/incerto, que são os verbos intrinsecamente modalizadores. Estes, por sua vez, foram subdivididos em três grupos: os verbos de julgar, os verbos de dizer e os verbos de opinião. Para uma melhor elucidação, preparamos um esquema (Figura 3) que facilita a compreensão e consulta dos verbos trabalhados por Orecchioni (1980).

Verbos Ocasionalmente Subjetivos



Verbos Intrinsecamente Subjetivos

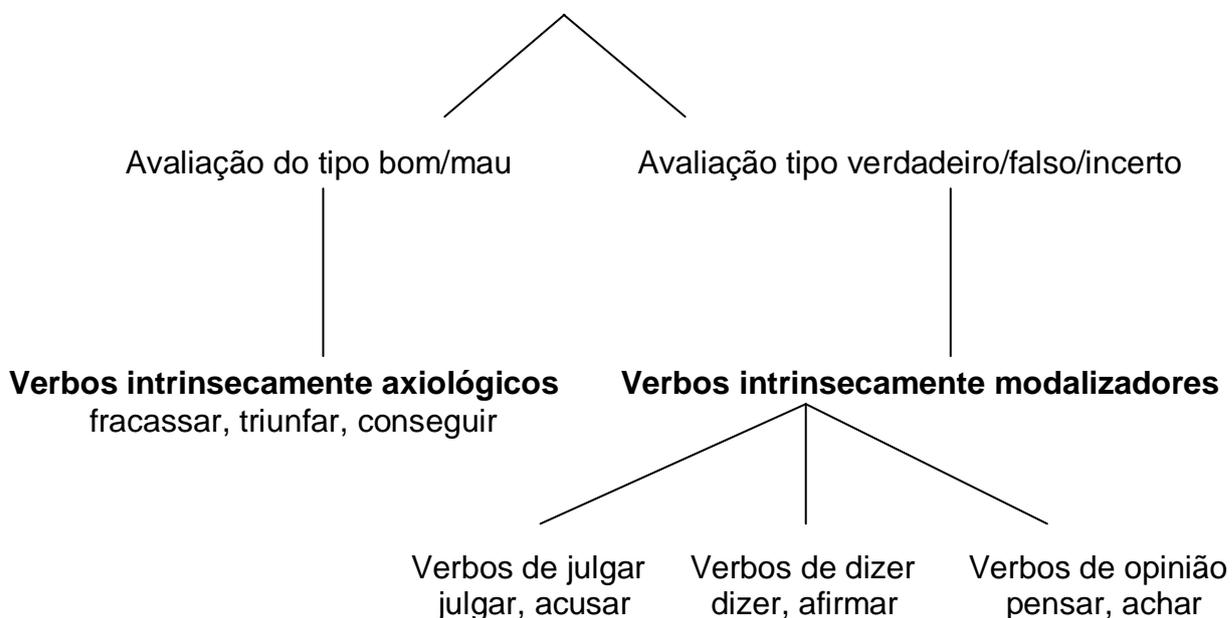


Figura 3: Esquema dos verbos

1.5.1.2 Subjetividade nos adjetivos

No que tange aos adjetivos, Orecchioni os separa, primeiramente, em dois grupos: os objetivos e os subjetivos. O último se divide em afetivos e avaliativos. Os avaliativos se bifurcam em não-axiológicos e axiológicos conforme a Figura 4, feita com base na ilustração de Orecchioni (1980, p.110).

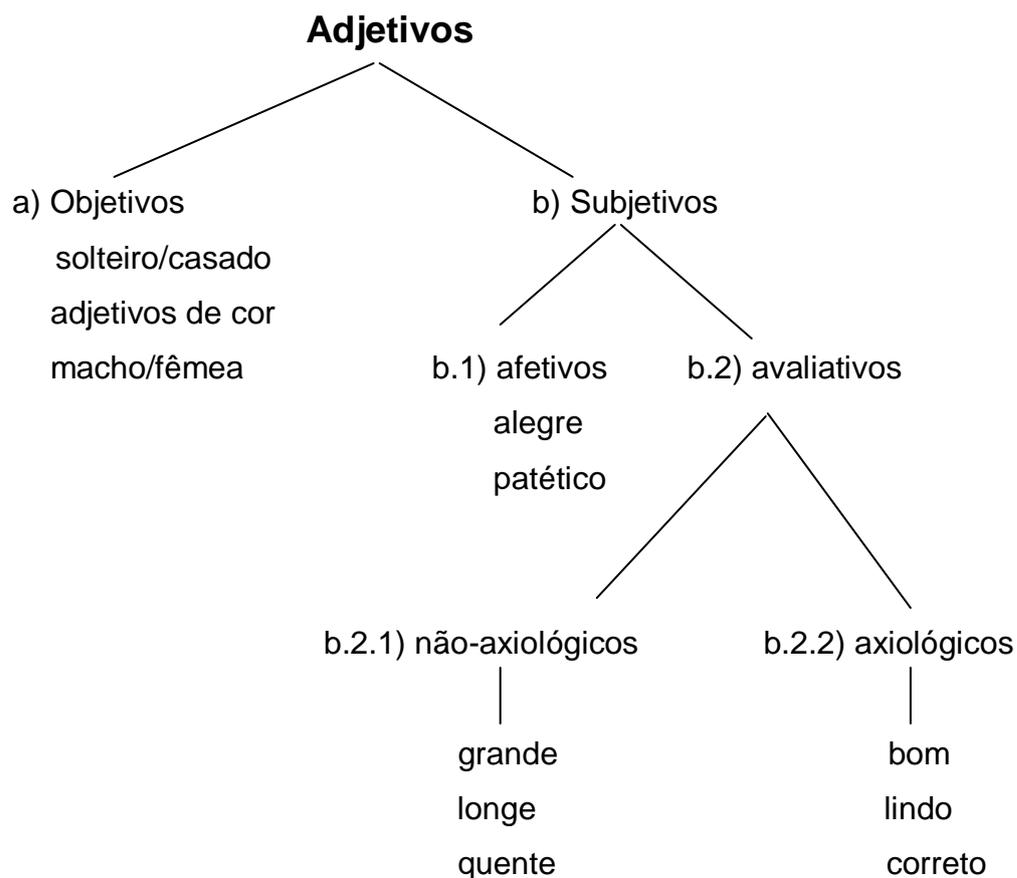


Figura 4: Esquema dos adjetivos

a) Adjetivos objetivos

Conforme Orecchioni (1980), os adjetivos objetivos são aqueles que visam apenas descrever um ser ou objeto, uma vez que se referem ao estado civil (solteiro, casado), às cores (azulado, esverdeado), ao sexo (macho, fêmea).

Nesse sentido, é interessante elucidarmos o seguinte enunciado, que é acervo desta pesquisa: “[...] Não. Até as minhas filhas são todas... não são casadas, mas são ajuntadas com alemão mesmo dos oios azul e elas são bem pretinhas”. Aqui podemos observar o uso de adjetivos objetivos referentes ao estado civil (casadas, ajuntadas) e à cor dos olhos (azul) e pele (pretinhas).

b) Adjetivos subjetivos

Os adjetivos subjetivos se dividem em dois grupos: os adjetivos subjetivos afetivos

e os adjetivos subjetivos avaliativos. O último se subdivide em axiológicos e não-axiológicos. Na seqüência, todos eles serão apresentados particularmente.

b.1) Adjetivos subjetivos afetivos

Os adjetivos subjetivos afetivos, conforme Orecchioni (1980), são elementos que enunciam, ao mesmo tempo, um atributo do objeto que determinam e uma atitude emocional do sujeito falante frente a esse objeto.

Além disso, de acordo com Orecchioni, é importante atentarmos para a posição do adjetivo, uma vez que ela está relacionada com a subjetividade ou a objetividade da linguagem. Os textos que trazem os adjetivos antepostos aos substantivos têm a subjetividade mais acentuada, e os que usam o adjetivo posposto tendem à objetividade. Assim, para melhor elucidar a teoria, trazemos este enunciado coletado na pesquisa: “Ela me vê como... assim... [...] uma pessoa feliz em sociedade, não é”. Nesse caso, temos o adjetivo “feliz” como um exemplo de adjetivo afetivo.

b.2) Adjetivos subjetivos avaliativos

b.2.1) Adjetivos avaliativos não-axiológicos

Os adjetivos avaliativos não-axiológicos não emanam um juízo de valor nem um compromisso afetivo do enunciador com o que está enunciando, mas implicam uma avaliação qualitativa ou quantitativa do objeto denotado. Por exemplo, ao dizer “a casa é pequena”, deve-se considerar que ela pode ser pequena para uma pessoa e não para outra. A casa será pequena de acordo com os critérios de tamanho que o enunciador admite.

Cabe destacar que o emprego desse tipo de adjetivo depende da idéia que o enunciador faz da norma de avaliação adequada àquela categoria de objetos. Além do mais, dentre os três tipos de adjetivos subjetivos anteriormente descritos, esse último é o que tem o menor caráter subjetivo

b.2.2) Avaliativos axiológicos

Os adjetivos avaliativos axiológicos, na acepção de Orecchioni (1980), implicam uma dupla norma, relacionada ao objeto a que se referem e ao critério de avaliação do enunciador, tendo o caráter valorativo mais destacado do que as características desse

objeto. Assim, inferimos que eles são uma categoria lexical que está intrinsecamente atrelada às apreciações do enunciador.

Nesse sentido, “todos los adjetivos evaluativos son subjetivos en la medida en que reflejan algunas particularidades de la competencia cultural e ideológica del sujeto hablante, pero lo son en grado variable”¹² (ORECCHIONI, 1980, p.123).

Desse modo, os adjetivos axiológicos refletem um julgamento de valor apreciativo ou depreciativo em relação a um determinado objeto, dentro dos campos da ética, estética e da pragmática. Para que o enunciador atribua um valor positivo ou negativo a um determinado elemento ou indivíduo, não deve ser negligenciada a importância do contexto, uma vez que um grande número de adjetivos pode funcionar tanto como neutros quanto avaliativos.

Podemos observar um caso no sexto enunciado desta pesquisa: “A minha casa é uma casa de madeira, tem seis peças fora o depósito onde eu guardo o material, não tem móveis finos, mas ela é bem limpinha”. Ao empregar o adjetivo “limpinha”, é atribuída uma característica valorativa positiva acerca da estética do ambiente em que a entrevistada vive.

1.5.2 Perspectivas de Modalizadores

Para servir de suporte teórico da análise das entrevistas, selecionamos também uma parte do trabalho de Neves, que se refere especificamente aos advérbios modalizadores. No entanto, cabe ressaltar que suas pesquisas incluem outras categorias gramaticais.

Primeiramente, trataremos da noção básica de modalidade apresentada por Neves (2007) e, na seqüência, dos advérbios modalizadores de acordo com Neves (2000).

Para essa pesquisadora, o estudo da modalidade é diversificado devido a alguns fatores, como os vários conceitos da categoria, porque varia o campo de estudo, porque variam as orientações teóricas “e porque se privilegia ora um ora outro tipo de modalidade” (NEVES, 2007, p.151). A autora explica que os estudos sobre modalização podem ser amplos e proveitosos, pois oferecem ao pesquisador a possibilidade de

¹² Todos os adjetivos são subjetivos avaliativos, na medida em que refletem algumas das particularidades de competência cultural e ideológica do sujeito falante, mas estão em diferentes graus. [tradução minha]

analisar desde o básico, como a questão “se ao enunciarmos já estamos modalizando”, até os meios e os graus de modalizações que marcam os enunciados dos falantes de uma língua.

De acordo com Neves (2007, p.152), modalidade pode ser dita como “essencialmente, um conjunto de relações **entre locutor, o enunciado e a realidade objetiva**¹³, é cabível propor que não existam enunciados não modalizados”. Dessa forma, para Neves (2000, p. 244-245), os advérbios se apresentam como uma das táticas usadas pelo falante para assinalar a sua atitude em relação ao que ele mesmo enuncia. O advérbio, assim, desempenha o papel de marcar a atitude, ou seja, “a apreciação do falante a respeito das significações contidas no enunciado”.

Neste ponto, convém trazeremos a voz de Bakhtin, filósofo da linguagem, que foi estudado no primeiro capítulo deste trabalho. De acordo com Bakhtin:

As significações lexicográficas das palavras da língua garantem sua utilização comum e a compreensão mútua de todos os usuários da língua, mas **a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade e pelo contexto**. Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como **palavra minha, pois, na medida em que uso essas palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade**. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: **nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual**. Nesse caso, a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual (aquele cuja a palavra serve de norma: o homem de ação, o escritor, o cientista, o pai, a mãe, o amigo, o mestre, etc.) e apresenta-se como um aglomerado de enunciados (BAKHTIN, 1997, p.313)¹⁴

Percebemos que Bakhtin e Neves apresentam pontos comuns nos estudos da linguagem. Embora Neves não tenha citado Bakhtin na abordagem do estudo dos modalizadores, acreditamos que há um diálogo entre os textos.

Fazemos agora uma breve aproximação entre os estudos desses dois autores. Para Neves (2000), os advérbios modalizadores marcam a atitude do falante, para demonstrar as significações contidas em seu enunciado, e a modalização pode ser dita como: a relação entre o locutor, o enunciado e a realidade. Para Bakhtin (1997), quando o enunciador utiliza a palavra em determinada situação, com uma devida intenção, ela

¹³ Grifo meu para salientar alguns pontos em comum das pesquisas de Neves com os estudos de M. M. Bakhtin.

¹⁴ Idem a nota 14.

carrega características próprias do enunciador e, em conseqüência, manifestará uma expressividade particular. Tal expressividade Bakhtin enfatiza que depende de uma situação real.

Dessa maneira, podemos concluir que há consonância dos pensamentos de Neves e de Bakhtin, principalmente no ponto em que ambos acreditam que a seleção, a escolha das palavras em relação à modalização está intimamente relacionada com a situação real, ou seja, o contexto de uso da língua e também com o locutor/enunciador ou sujeito que fala e, finalmente, com o enunciado, aquilo que é dito.

Ao tratar do advérbio modalizador, Neves (2000) o subdivide da seguinte forma: modalizadores epistêmicos, modalizadores delimitadores, modalizadores deônticos, modalizadores afetivos. Para este trabalho, selecionamos apenas a parte de seu estudo sobre os advérbios modalizadores epistêmicos, conforme o esquema da figura 5.

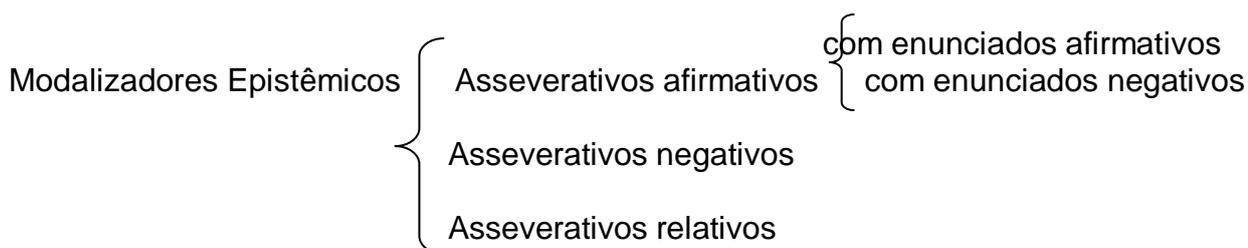


Figura 5: Esquema dos modalizadores

1.5.2.1 Modalizadores epistêmicos

A característica principal dos modalizadores epistêmicos é expressar uma avaliação que passa pelo conhecimento do falante. O que é avaliado é o valor de verdade do que é expresso no enunciado. Tem como função marcar uma adesão do falante ao que ele diz. Tal adesão é mediada pelo seu saber sobre as coisas, pelo seu conhecimento de mundo. Nesse sentido, a autora ressalta que a asseveração pode ser positiva, negativa ou relativa.

Na classificação asseverativos afirmativos (sei que, é certo que), o teor do que é afirmado ou negado é apresentado “pelo falante como um fato, como fora de dúvida, o que é

reforçado pelo advérbio” (NEVES, 2000, p.245). Pode se apresentar de diferentes maneiras, mas sempre está ligada ao saber do falante. Exemplos apresentados por Neves (2000, p.245-246):

- Evidência: evidentemente, reconhecidamente;
- Irrefutabilidade: incontestavelmente, indubitavelmente, indiscutivelmente;
- Verdade dos fatos: verdadeiramente, realmente, na realidade;
- Naturalidade dos fatos: naturalmente, logicamente, obviamente;
- Simples crença ou certeza do falante: efetivamente, certamente, seguramente, com certeza, sem dúvida (alguma), mesmo.

De acordo com Neves (2000, p.246), os advérbios asseverativos podem ser construídos com enunciados afirmativos e negativos, conforme veremos a seguir:

a) com enunciados afirmativos – exemplos: 1) “**Evidentemente** sabia de muita, muita coisa”; 2) “Seu Eduardo sabia **mesmo** agradar ao companheiro” (NEVES, 2000, p.246).

b) Com enunciados negativos (que asseveram a negação) – exemplos: 1) “**Na realidade**, não há idades para as surpresas”; 2) “**Certamente**, ela ainda não sabia de nada” (NEVES, 2000, p. 247).

Na classificação asseverativos negativos (sei que não, é certo que não), o conteúdo do que se diz é apresentado pelo falante como Indubitavelmente de contrafactualidade, ou seja, não factual. Exemplos: 1) “Não deixaria de ir ao cinema aquela noite, **de jeito nenhum**”; 2) “Não saberia **de forma alguma** distinguir o que fora feito por minhas próprias ou o que fora repostado por mãos inimigas” (NEVES, 2000, p.247).

Na classificação asseverativos relativos (acho que, é possível que), o conteúdo do que se diz é apresentado como algo que o falante crê ser possível, ou impossível, provável, ou improvável. Nesse sentido, não há um comprometimento com a verdade do que é dito. Esse fato caracteriza um baixo grau de adesão ao enunciado, o torna abrandado, suavizado. Exemplo: 1) “**Provavelmente** havia um certo exagero no julgamento” (NEVES, 2000, p.247).

A pesquisadora se preocupa, ainda, em explicar o emprego dos advérbios asseverativos. Para ela, o emprego do advérbio asseverativo não garante que o conteúdo

do que é dito seja efetivamente “verdadeiro, ou não verdadeiro, ou possível etc.” (NEVES, 2000, p.249). Na verdade, esses advérbios indicam que o sujeito falante deseja marcar seu enunciado como verdadeiro, ou seja, digno de confiança. A autora enfatiza o caráter pessoal do uso desses advérbios. Nesse sentido, Neves (2000) explica:

Por isso mesmo, há muito de individual no modo do emprego desses elementos, havendo pessoas que, antecipando-se a uma possível desconfiança de seu interlocutor, modalizam continuamente o seu enunciado com elementos asseverativos (NEVES, 2000, p.249).

Além disso, a lingüista diz que também pode ocorrer o uso desse tipo de advérbio asseverativo quando o falante não tem um enunciado muito consistente. Dessa maneira, compensa a falta de credibilidade do seu enunciado com a “manifestação repetida de certeza ou crença” (NEVES, 2000, p.249).

Com relação à conversação, os advérbios asseverativos podem ser empregados de maneira absoluta, ou seja, valendo por um enunciado. De acordo com Neves (2000, p. 249-250), eles podem iniciar respostas. Dessa forma, tais elementos funcionam predicando a fala anterior do interlocutor, deixando de ser preciso repeti-la; no entanto, a repetição poderá acontecer. Exemplos: 1) “**Exato**, é o que se tem receio que aconteça pelo número de escolas de engenharia que se fundam todos os anos”; 2) “**Talvez...** ela me lembre uma colega que tive no trabalho” (NEVES, 2000, p.250).

Cabe enfatizar que os estudos de Neves a respeito dos advérbios modalizadores são mais extensos do que foi apresentado neste trabalho. Para a análise das entrevistas, fizemos apenas um recorte da teoria para atender especificamente à pesquisa em questão. Na seqüência passaremos à segunda parte do primeiro capítulo.

SEGUNDA PARTE

2. A HISTÓRIA DO RACISMO NO BRASIL

Apesar de este trabalho ter o seu foco centrado na questão das mulheres negras, entendemos que é necessário, para introduzir esta questão, que se comece com os negros, de maneira geral, para uma adequada contextualização histórica, a fim de verificarmos a origem do racismo e das desigualdades sociais entre brancos e pretos, em nosso país.

O Brasil colonial trouxe mulheres e homens, negros, livres, nativos do Continente Africano para trabalharem como mão-de-obra escrava. Sem dúvida, essa se constitui como uma mancha que envergonha a história do país e que não pode ser esquecida ou minimizada, afinal de contas, gerou conseqüências muito graves aos descendentes dos escravos, as quais perduram até hoje.

Essa realidade vivida pelos negros no Brasil, segundo Oliveira (2007, p.5), pode ser caracterizada, como um “holocausto continuado”. No entanto, o autor salienta que os negros brasileiros não receberam o devido reconhecimento nem indenização pelos danos sofridos, ao contrário das vítimas de outras barbarias que compõem a história da civilização humana, como, os judeus vítimas do holocausto, e os japoneses atingidos pela bomba lançada sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, entre outros.

Nesse sentido, trataremos, a seguir, de algumas das conseqüências da escravidão no Brasil, quais sejam: o preconceito, o racismo não assumido, a formação de uma identidade negra (que por algum tempo foi renegada e depois passou a ser resgatada). Trataremos também de como o senso comum contribui para a formação e manutenção de uma imagem negativa do negro.

Por fim, trataremos das desigualdades sociais oriundas da servidão que impossibilitam o negro de ascender socialmente em função da falta de políticas públicas responsáveis por fazer a transição da situação de escravo a cidadão brasileiro.

2.1 A libertação dos negros

Somente após muito tempo de exploração da mão-de-obra escrava, no Brasil, em torno de trezentos anos (Batista e Rosemberg, 2008, p.74), é que começou um processo de libertação para a raça negra. No entanto, os negros não se comportaram de forma pacífica frente às imposições feitas pela sociedade escravocrata. Os escravos, diante de uma vida de opressão e exploração de seus corpos e de sua força de trabalho, fizeram o que podiam para se livrar da escravidão. Vejamos o que diz Dutra(2007, p.10):

A primeira fase da história do movimento negro é caracterizada por rebeldia generalizada com registros de fugas, suicídios, envenenamentos, afogamentos, assassinatos, rebeliões, demonstrações de resistência cultural e quilombagem (DUTRA, 2007 p. 10).

O movimento em favor da libertação dos negros já existia desde a época da independência do Brasil; ganhando força por volta de 1878 (Dutra, 2008, p.11). Mas tudo ocorreu de forma gradual e muito demorada. Conforme explicam Batista e Rosemberg (2008, p.73), em primeiro lugar ocorreu a proibição do tráfico de escravos africanos no Oceano Atlântico, no ano de 1850.

Em segundo lugar, ganharam a liberdade os filhos de mães escravas, amparadas pela lei conhecida como Lei do Ventre Livre, em 1871. Em terceiro lugar, em 1885 foram libertos os escravos que já estavam velhos e, conseqüentemente, incapacitados para o trabalho pesado. Somente quase quarenta anos mais tarde, em 1888, é que foi promulgada a lei Áurea de abolição da escravatura, com a qual todos os escravos foram contemplados. Pode-se dizer que todo esse processo de libertação ocorreu de maneira lenta e pouco justa, já que as autoridades não tiveram a preocupação de organizar uma adaptação dessa camada da população à vida social.

A liberdade não veio acompanhada de legislação que favorecesse a integração dos negros ao restante da sociedade, não houve uma regulamentação nesse sentido. Dessa forma, ao deixarem de ser mão-de-obra escrava, eles não passaram à condição de empregados dos antigos senhores. Em sua maioria, foram dispensados sem que houvesse qualquer tipo de indenização. Assim, os negros passaram à qualidade de homens livres; no entanto, a sociedade não tinha reservado um espaço digno para eles.

Nesse momento, por volta de 1890, a política do país foi a de favorecer a entrada de imigrantes europeus para substituir o trabalho outrora realizado pelos negros de

origem africana. Segundo Rufino(1999, p.141),

o estado, encampando o preconceito que associava integralmente o escravo, preto, mau trabalhador, mau cidadão executou a política deliberada de branquear o país - o que significa todo apoio ao imigrante e nenhum ao trabalhador nacional (RUFINO, 1999, p.141).

Além de essa atitude tomada pelo governo brasileiro ter sido profundamente injusta, reforçou, ou porque não dizer fomentou as desigualdades sociais que perduram até os dias de hoje.

O governo brasileiro, segundo Batista e Rosember (2008, p.75) desenvolveu uma preocupação com relação ao grande número de mestiços no Brasil, e a solução encontrada foi facilitar a vinda de imigrantes europeus para o território brasileiro. Tal fato ocorreu em virtude da miscigenação entre as raças. Não havia por parte das autoridades o interesse de que o Brasil ficasse conhecido no exterior como um país de mestiços.

Para Dutra (2007, p.12), existia “uma intenção deliberada do estado em gerar a exclusão do negro, baseada no preconceito e em estereótipos racistas”. Nesse sentido, conforme Batista e Rosemberg (2008), o Brasil, ao incentivar a vinda de imigrantes europeus, tentou reverter a imagem de país mestiço.

Tal imagem foi se firmando na Europa, principalmente pelos comentários do Conde Gobineau (Joseph Arthur de Gobineau, um dos mais importantes teóricos do racismo no século XIX), chefe da delegação diplomática francesa no Brasil, no ano de 1869, que disse: “quem diz brasileiro, salvo pouquíssimas exceções, diz homem de cor” (Batista e Rosemberg, 2008, p.76).

Dessa forma, as imigrações européias tinham por objetivo aumentar significativamente o número de brancos no país, o que realmente ocorreu. Segundo Batista e Rosemberg (2008, p.76), com o aumento da população branca, a população negra foi forçada a se fixar na região nordeste, que já tinha problemas econômicos.

Com relação especificamente ao estado do Rio Grande do Sul, a abolição e suas conseqüências ocorreram da mesma maneira que no resto do país. Segundo Macedo (2007, p.91), “o negro após a abolição da escravatura não encontrou seu espaço na sociedade sul-riograndense”.

Desta maneira, neste estado, muitos negros deixaram o campo em busca de trabalho nas cidades, enfrentando, além do racismo, outro problema, sua experiência de trabalho se reduzia ao trabalho doméstico ou a lida no campo. Nesse momento a sociedade experimentava um processo de modernização, exigindo um perfil de profissional mais qualificado. Nesse sentido, o negro gaúcho

competia ainda neste momento com a mão-de-obra especializada do imigrante (MACEDO, 2007, p.92).

Os negros no Rio Grande do Sul, após a libertação, tiveram de competir com os imigrantes europeus que se concentraram principalmente nas regiões sul e sudeste, como vimos anteriormente. A competição foi desigual, pois, além de serem brancos, os imigrantes estavam melhor preparados para trabalharem nas cidades, em função de a modernização ter chegado antes na Europa, de onde eram oriundos.

2.2 Composição racial do Brasil

Conforme dissemos anteriormente, os negros foram forçados a se concentrar na região nordeste (região mais pobre), e os imigrantes europeus ficaram concentrados principalmente nas regiões sul e sudeste (regiões mais ricas). Podemos perceber até hoje tal realidade no país, já que os estados do sul têm uma concentração de brancos maior que a do restante do Brasil.

Nesse sentido, os dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2004-2005 (ano sobre o qual foram postadas as últimas informações na página da *web*) apontam para uma população de maioria branca, conforme podemos visualizar no Quadro 1, com informações referentes ao número de residentes brancos, pretos, pardos e outros (classificação utilizada pelo IBGE em suas pesquisas).

Consideraram-se cinco categorias para a pessoa se classificar quanto à característica cor ou raça: branca, preta, amarela (compreendendo-se nesta categoria a pessoa que se declarou de raça amarela), parda (incluindo-se nesta categoria a pessoa que se declarou mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça) e indígena (considerando-se nesta categoria a pessoa que se declarou indígena ou índia) (PNAD-2005-IBGE, 2006, p.29).

Quadro1- Concentração de população residente no Brasil e grandes regiões referente à cor ou raça.

Raça	Brasil	Região Norte	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro-oeste
Branca	51,4%	24,0%	29,7%	61,2%	82,8%	43,1%
Preta	5,9%	4,2%	6,3%	7,0%	3,4%	4,9%
Parda e outras	42,7%	71,8%	64,0%	31,8%	13,8%	52,0%

Fonte: PNAD 2005, apud IBGE, 2006.

No contraponto, o norte e o nordeste do país concentram em torno de 70% de sua população composta de pessoas que se declararam como não sendo brancas. Na sua totalidade, o país é composto por um equilíbrio estatístico entre brancos e negros. Quando se fala em negros, está-se referindo a todos os que se dizem não brancos.

Como foi exposto no Quadro 1, segundo dados do IBGE (2005), o Brasil, em sua totalidade, está composto de 51,4 % de brancos e o restante de negros ou pardos. Do percentual total de brasileiros, com idade acima de dez anos, um quarto deles sobrevive com no máximo um salário mínimo por mês.

Percebe-se que as condições de vida na região sul, região com maior número de brancos, segundo os dados do governo, são melhores do que as condições da maioria residente nas demais regiões brasileiras, podendo ser comparada com a região sudeste, que ocupa ora índices mais elevados, ora índices menores, porém muito semelhantes, demonstrando, assim, um equilíbrio entre essas regiões, conforme podemos comprovar no Quadro 2.

Quadro2- Renda mensal de até um salário mínimo no Brasil e regiões.

Renda Salário Mínimo	Brasil	Região Norte	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro-oeste
Até um salário	25,0%	26,7%	38,8%	18,7%	19,1%	22,1%

Fonte: PNAD 2005, apud IBGE, 2008.

Outro dado que julgamos pertinente diz respeito à renda de até um salário mínimo recebida por homens e mulheres no Brasil e regiões. Pelo quadro 2 podemos verificar que a região nordeste comporta o maior número de pessoas vivendo com até um salário mínimo no Brasil. Infelizmente, não foi possível apurar nos dados estatísticos do IBGE 2005 o que diz respeito aos índices por raça ou cor. Mas podemos inferir que a população branca recebe os melhores salários em função de toda a história de dominação em relação aos negros.

No Quadro 3, são trazidos os índices de renda até um salário mínimo para homens e mulheres, conforme os dados apurados pelo IBGE 2005. Com esses dados, podemos avaliar a renda diferenciada para homens e mulheres na linha de pobreza na região sul e demais regiões brasileiras. Convém salientar que essa renda não necessariamente está relacionada com vínculo empregatício, ou seja, emprego de carteira assinada.

Quadro3- Renda mensal de até um salário mínimo para mulheres e homens no Brasil e regiões brasileiras.

Salário Mínimo Até 1	Brasil	Região Norte	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro-oeste
Mulher	27,7%	28,6%	39,5%	22,2%	23,0%	25,5%
Homem	22,2%	24,7%	38,1%	15,0%	14,9%	18,5%

Fonte: PNAD 2005, apud IBGE, 2008.

Como foi possível comprovar, as regiões sul e sudeste apresentam os melhores índices com relação ao número de mulheres e homens que vivem com até um salário mínimo, e as regiões nordeste e norte continuam sendo as regiões onde há mais pessoas sobrevivendo com muito pouco. Como no passado, as regiões sul e sudeste, que apresentam um número muito grande de brancos, como vimos no Quadro 1, apresentam os menores índices de pessoas vivendo em situação de pobreza ou exclusão, ou seja, com recursos parcos de até um salário.

2.3 A dicotomia branqueamento *versus* negritude

Munanga (1986) diz que quando alguns negros, uma minoria, passaram a freqüentar a escola dos brancos, começaram a tomar mais consciência de sua condição e passaram a perceber lentamente a “inferioridade forjada pelo branco”. Juntamente com essa constatação de inferiores, esses negros pensaram numa alternativa para sair dessa condição e resolveram mergulhar em um processo de aculturação da cultura dos brancos, o que foi chamado de “embranquecimento cultural”.

Tais negros, que tiveram oportunidades diferenciadas da maioria, que desfrutaram de melhores condições de vida e que freqüentaram as escolas dos brancos, também foram às universidades, passaram à condição de cultos compartilhando os mesmos

hábitos dos homens brancos.

No entanto, sofreram uma grande frustração, pois, apesar de terem assumido uma cultura diferente da sua, de terem freqüentado as escolas dos brancos e serem educados e refinados, ainda assim, eram inferiores socialmente. Os negros cultos perceberam que o branqueamento não deu certo, que, apesar de seu refinamento e de seus bons hábitos, eles não eram bons o suficiente para serem tratados como iguais pela sociedade, que eles ainda eram tidos como inferiores aos brancos.

Então, eles resolveram fazer o caminho inverso ao branqueamento. Há, nesse momento, um resgate da cultura negra, uma aceitação da herança sócio-cultural que foi chamada de “Negritude” (Munanga, 1986).

Esse movimento começou em Paris, na década de 1930, “sugerindo uma tomada de atitude negra expressa na disposição de assumir ou reassumir valores culturais africanos” (Silveira, 2007, p.5). O movimento foi ganhando força pelo mundo. Em nosso país, caracteriza-se como “um rótulo identificador de coisas da cultura negra e dos movimentos negros” (Silveira, 2007, p.5).

2.4 A construção da imagem do negro e o racismo no Brasil

Atualmente, os negros ainda são vistos como pouco inteligentes, feios e são diminuídos pelas outras culturas. Os negros são menos considerados no que diz respeito ao aspecto físico, intelectual e moral. Segundo Pinto (1987), a imagem do negro em nossa sociedade é extremamente negativa, havendo, inclusive, uma rejeição à cultura negra.

Segundo Munanga (1986, p.5), “fez-se um paralelismo forçado entre o cultural e o biológico”, ficando, então, a imagem física do negro associada à sua cultura. Assim, os negros, além de serem diferentes fisicamente dos brancos (tidos como o padrão de beleza até os nossos dias), tiveram a sua imagem aliada à condição social de escravo, fato que, indiscutivelmente, contribuiu para depreciar ainda mais sua imagem.

Então, o belo correspondia à cor de pele branca, pois essa era a cor da classe dominante, os senhores de escravos. A cor branca tem um valor associado de pureza, limpeza, confiabilidade, suavidade. Por outro lado, à cor de pele negra ficaram associadas idéias opostas, como feio, sujo, impuro, pouco inteligente, pouco capaz. “Tudo o que se

aproxima do branco é positivo; do negro é negativo” (Lopes, 2007, p.63).

Com relação a essa imagem negativa que está presente no imaginário popular, “há uma depreciação da sua inteligência e uma descrença na sua capacidade; coloca-se em dúvida sua probidade moral e ética” (Pinto, 1987, p.19). O negro foi considerado feio e, aliado ao seu biótipo físico, foi criado no imaginário popular um preconceito de que ele também seria pouco inteligente, que sua cultura não era boa e, ainda, que ele era sujo.

Para Lopes (2007, p.62), “a sociedade brasileira fundamenta-se na crença explícita da superioridade branca”, herança do Brasil colonial em que os brancos “estavam no ápice da escala social e os africanos na base”.

Assumir a identidade negra no Brasil não é fácil; talvez seja igualmente difícil em qualquer lugar do mundo. Afinal de contas, historicamente, o que se conhece é uma desvalorização dos negros e de toda a sua cultura. Vivemos em um país que finge não haver preconceitos. “O que perdura é o jeitinho brasileiro de discriminar” (Lopes, 2007, p.61).

No Brasil, há, diferentemente de outros países, o racismo velado, o chamado por alguns autores, como Batista e Rosemberg, (2008, p.77), Dutra (2007, p.13), de “mito da democracia racial”. Tal mito pressupõe não apenas relações amistosas e cordiais, mas também igualdade de oportunidades. Segundo Hasenbalg (1996, p. 244), “o que o mito racial brasileiro faz é dar sustentação a uma etiqueta e regras implícitas de convívio social pela qual se deve evitar falar em racismo [...]”.

Nesse sentido, pode-se perceber certa hipocrisia que objetiva a falsa igualdade, ou seja, todos os brasileiros são iguais, mas os negros, em sua grande maioria, continuam tendo pouco acesso à escola, morando nos piores lugares e fazendo serviços menos rentáveis, muitas vezes sem direitos trabalhistas e em condições de insalubridade,

O que se pode levantar é a permanência no Brasil de uma “segregação espacial”, ou melhor, as pessoas de origem africana encontram-se em maior quantidade nas regiões periféricas, ao passo que os bairros de classe média e central são habitados predominantemente por brancos. Essa segregação racial e espacial permite ver o acesso diferenciado na escola no mercado de trabalho, nos serviços, etc. Também age diretamente na expectativa de ascensão social do negro brasileiro (LOPES, 2007, p.61)

Nossos indicadores sociais são suficientes para comprovar as grandes desigualdades sociais entre brancos e negros no Brasil.

O racismo histórico e contemporâneo constitutivo da sociedade brasileira fica

evidente quando se analisam os diversos indicadores sociais ou quando se calcula o Índice de Desenvolvimento humano (IDH) em separado para a população negra e para a população branca: o índice de brancos equivale a 0, 791 (41ª posição) e o de negros a 0, 671 (108ª posição) (BATISTA e ROSEMBERG, 2008, p.77).

Podemos dizer, nesse sentido, que as relações existentes entre pretos e brancos pouco evoluiu: “o modo como as relações se estabeleceram no Brasil acabou reproduzindo o senhor x escravo do passado, que permitiu ao grupo dominante – branco – exercer sobre o grupo negro sua dominação” (Lopes, 2007, p.60).

2.5 As desigualdades sociais oriundas da escravidão

A desigualdade social talvez seja a mais cruel das heranças deixadas ao povo brasileiro pela escravidão imposta aos negros. Não há dúvida de que os negros brasileiros estão em situação inferior na escala social. Os negros permanecem menos tempo na escola, somente “0,5% de negros entre 20 e 24 anos têm curso superior completo (Lemos, 2007, p. 65). Além disso, eles moram, em sua maioria, na periferia, têm pouca possibilidade de mobilidade social.

O fim da escravidão no Brasil aprofundou a existência dos sem-teto e sem-terra, de maioria negra, perpetuou a dominação de uma classe de maioria branca, que transformou o trabalho assalariado, um avanço histórico, em novas formas de discriminação, colocando os descendentes de escravos nos salários mais baixos, quando tiveram acesso a ele, no desemprego no subemprego (KONRAD, 2007, p.118 e 119).

Nosso país vive um contexto de desigualdades sociais. Há um grande número de pessoas desempregadas e também faltam maiores investimentos em setores básicos, como os da habitação, saneamento básico, educação e saúde. Dessa forma, temos muitas pessoas trabalhando na informalidade, e outros tantos em situação de exclusão social. Ser excluído é o mesmo que não exercer o direito à cidadania. Dentre os vários autores que tratam do tema, destacamos a concepção de cidadania apresentada por Boneti:

O conceito de cidadania é associado à idéia do ser cidadão. Cidadão é aquele que tem participação na sociedade, participação na produção, o acesso igualitário no atendimento aos serviços sociais básicos, como é o caso da educação, da saúde, da segurança etc. Cidadão é aquele que, mesmo diferente do ponto de vista cultural, físico, religioso ou de habilidades profissionais tem participação na produção e em todos os serviços básicos já relacionados (BONETI 2000, p. 34).

Consoante ao conceito de cidadania, o que se percebe é que muitos dos descendentes dos escravos africanos não exercem seus direitos básicos de cidadania, e isso ocorre muitas vezes pela má distribuição de renda no Brasil.

Falar de organizações sociais e políticas neste final de milênio é não deixar de lembrar o tamanho das diferenças sociais existentes no planeta. O Brasil é um dos países com maiores desigualdades sociais, onde os 5% mais ricos [...] detêm 40,5% da renda nacional (LEMOS, 2007, p.65).

Trataremos na terceira parte deste trabalho da questão da exclusão social que afeta um número muito grande de pessoas e, na seqüência, das mulheres negras que são o foco deste estudo.

2.6 As mulheres negras

Não somos todas iguais, nem somos completamente diferentes. Contrariando as vozes que o racismo e o machismo propagam, afirmamos aqui nossa humanidade. Nossa similitude portanto (WERNECK, 2000, p.11).

As mulheres negras certamente não são todas iguais, mas sofrem muitos problemas de mesma ordem. Se homens e mulheres ocupam lugares diferenciados, e as mulheres estão assimetricamente em posição inferior em relação aos homens, a situação das mulheres negras é ainda pior, pois elas também estão em uma situação assimétrica em relação às mulheres brancas.

Se considerarmos as mulheres negras na linha de pobreza, podemos dizer que são excluídas tanto pela sua condição de inferioridade na pirâmide social econômica, como pela sua condição de mulher, ainda mais por ser mulher não branca.

Refletindo sobre essas desigualdades, devemos concluir que, para as mulheres catadoras de lixo, negras, as adversidades do cotidiano são ainda maiores e mais difíceis de serem enfrentadas em relação às catadoras brancas.

O Brasil é um dos países com as maiores desigualdades sociais, onde os 5% mais ricos -aqueles cuja renda ultrapassa os 10 salários mínimos- detêm 40,5% da renda nacional. Por outro lado, os 26,9% que ganham até um salário mínimo concentram 6,4% da renda nacional [...]. Diante desse quadro, a situação da mulher negra é dramática. Segundo Reichmann (1995, p. 499), as mulheres negras chefes de família historicamente têm sobrevivido com um terço ou metade da renda com a qual mulheres brancas chefes de famílias o fazem (LEMOS, 2007, p.65).

As mulheres negras em condição de pobreza extrema são ainda vítimas do

racismo velado, isto é, aquela ilusão de que no Brasil não há racismo. Além disso, há, socialmente, uma desigualdade que vem desde a época da libertação dos negros escravos e outros tipos de preconceitos em função da miséria absoluta em que vivem, esses, é claro, são compartilhados por todas as pessoas que vivem nessas condições.

[...] no Brasil a segregação não foi institucionalizada e isso alimenta o mito de democracia racial. Quando uma pessoa se sente discriminada, mas não tem consciência disso, vai achar que o problema é com ela, que deve ter feito algo de errado. O racismo internalizado é uma questão importante (DAVIS, 2000, p.69).

Outro ponto delicado para as mulheres negras é a questão dos relacionamentos amorosos com homens brancos e negros. Antigos estigmas de que as negras são mulheres para diversão magoam e prejudicam a vida das mulheres negras, pois tais estereótipos, provavelmente, sejam remanescentes da época da escravidão em que os corpos não lhes pertenciam, sendo obrigadas a servirem aos senhores de escravos.

Falar de relacionamento afetivo para as mulheres negras é se reportar a um passado de solidão que está presente nas relações sociais cotidianas. É lembrar que a sociedade brasileira incorporou estereótipos negativos em relação à população negra, principalmente a mulher negra. Como diz o dito popular:

Branca é pra casar
Mulata pra fornicar
Preta é pra trabalhar
(PINTO, 2000, p.174).

Acrescente-se outro problema de extrema gravidade que atinge as mulheres negras: a violência doméstica. Embora já existam delegacias especializadas para atender a mulher vítima de violência e, mais recentemente tenha sido aprovada uma lei para garantir a saída do agressor de casa, ainda são muito comuns os casos de agressão às mulheres. Vejamos o que nos informa White (2000, p. 147):

Hoje em dia a violência doméstica não é mais considerada um “problema de família”-um sofrimento que as mulheres têm que suportar sozinhas, entre quatro paredes. Esse é um problema de ordem jurídica e tem suas raízes principalmente arraigadas na dominação do homem sobre a mulher.

Para White (2000, p. 149), há a manutenção de uma representação social das mulheres negras bastante paradoxal “essa contradição gera muitos mitos e estereótipos relativos à nossa identidade, e nos torna vulneráveis à violência”. Com relação a essas contradições, podemos vê-las na maneira como, por exemplo, ocorrem as representações

da mulher negra no famoso filme “A Cor Púrpura”, em que as mulheres se apresentam como “selvagens e educadas”. Segundo a mesma autora, tais contradições dão a falsa impressão de que “não precisamos de apoio físico e emocional”.

Segundo Rufino (2000, p.143), os casos que chegam às delegacias de polícias são muito poucos. A maioria dos casos de espancamentos e agressões são “silenciados pela vítima, pela família, pela sociedade e pelos serviços de saúde”. É necessário que se esclareça que esse não é um problema que ocorre só com mulheres negras e pobres. Em todas as classes sociais ocorrem casos de agressões a mulheres. Também não se trata de uma realidade exclusiva de países subdesenvolvidos. Em Londres, são registrados anualmente cem mil casos de mulheres atendidas com lesões graves oriundas do ambiente doméstico.

No Brasil, com seus graves problemas sociais e valores culturais em que o marido / companheiro se considera dono da vida e da morte da mulher, as estatísticas devem ser muito mais alarmantes (RUFINO, 2000, p.144).

Nesse sentido, poderemos ver, por meio da análise das entrevistas realizadas com as catadoras de lixo, que algumas delas já foram vítimas de violência doméstica. Em uma pesquisa anterior, em que tratamos do conhecimento ou não da Cartilha da Mulher elaborada pela Delegacia da Mulher, que trata da violência sexual, a maioria das catadoras entrevistadas declarou-se como vítima de algum tipo de violência, ressalta-se que nem todas elas estão participando desta pesquisa.

2.7 A imagem das mulheres negras

Pode-se dizer que, em função do racismo velado e da posição assimétrica das mulheres em relação aos homens na sociedade ocidental, em que os homens têm um histórico de dominação (tema que será tratado posteriormente), as mulheres negras, em geral, não estão na mesma posição social que as mulheres brancas.

Há um senso comum de que os negros são inferiores. Tal pensamento é reproduzido e mantido através dos tempos pela sociedade em geral. Nesse sentido, chamamos a atenção para a manutenção e talvez fomentação desse discurso racista pelos meios de comunicação de massa no Brasil.

Em função do importante papel exercido pela mídia na vida das pessoas, contribuindo para a formação de opinião, influenciando nos produtos que consomem, nos modelos de comportamentos que devem seguir, nos tipos de roupas que devem usar, nas músicas que vão ouvir, enfim, em todos os segmentos da sociedade, percebemos o quão influente é sua ação. Por isso, consideramos importante verificar como ela se comporta no que diz respeito à imagem dos negros e mais especificamente da mulher negra, público-alvo desta pesquisa.

Sobre a contribuição eficaz da mídia na manutenção do racismo no Brasil, trazemos o pensamento de Batista e Rosemberg (2008, p. 74):

É nosso entendimento que o Brasil constitui uma sociedade racista na medida em que a dominação social de brancos sobre negros é sustentada e associada à ideologia de supremacia essencial de brancos. A mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros.

Salientamos que a imagem da mulher negra não é vista da mesma forma que a da mulher branca. É possível verificar que, com grande frequência, nas novelas e principalmente nos comerciais na televisão e nas revistas, são raras as presenças de mulheres negras em lugares de destaque social.

Se considerarmos que as novelas podem levar à massificação do pensamento e de comportamento da população menos esclarecida, podemos perceber que as mulheres negras somente são maioria quando reproduzem o Brasil escravocrata. Fora desse contexto, geralmente elas desempenham papéis menores, como de empregadas domésticas. Além disso, atuam como participantes das escolas de samba, explorando o corpo em forte apelo sexual.

Conforme Batista e Rosemberg (2008, p.84),

[...] as personagens brancas foram norma social e vários indicadores apontam para seu tratamento literário mais complexo que o das personagens negras. A mulher negra, além de sub-representada inclusive em relação ao homem negro, quando retratada, a tendência geral é de reproduzir os papéis estereotipados a muito reservados no discurso público brasileiro, particularmente o de mulata hipersensualizada, “ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto do prazer do macho senhor” (Evaristo, 2006).

Assim, a imagem da mulher negra brasileira, em geral, vem acompanhada de um juízo de valor depreciativo. No tempo dos senhores de escravos, as mulheres negras

serviam sexualmente aos seus donos, alimentavam as crianças brancas com seu leite, as chamadas amas de leite.

Além disso, trabalhavam exaustivamente tanto no serviço doméstico quanto nas lavouras. Seus corpos serviam, assim, para saciar a fome e o desejo dos brancos.

Atualmente, existe o estereótipo de mulata. Tal imagem da mulher negra brasileira é composta no imaginário popular, segundo Giacomini (2006, p.88), de atributos “inatos coletivos” e “inatos particulares”.

O primeiro está relacionado “a raça, etnia ou cor”, como, por exemplo: “ser mulata é cor, ser mulata é saber sambar”. O segundo, por atributos de que são dotadas apenas algumas, individualmente, como: “ser mulata é ter um corpo violão; é ter bundinha empinadinha; é ter cintura fina”.

Essa imagem de mulata é muito difundida para os estrangeiros, por meio dos “shows de mulatas”, das mulheres negras das escolas de samba, lindas e de corpos seminus, dançando em forte apelo sexual. De certa forma, reproduzem o passado em que as mulheres negras serviram como fonte de prazer aos senhores de escravos.

Pode-se dizer, com base no exposto, que a imagem da mulher negra pouco evoluiu ao longo do tempo, na mídia ainda a imagem da mulher negra, em muitos casos, vem associada a sentimentos de desejo e prazer. No entanto, há um forte movimento no sentido de mudar essa imagem dos negros no Brasil. Nesse sentido, vejamos o que dizem Batista e Rosemberg, (2008, p.110): “A movimentação social em torno da representação do negro na mídia tem sido intensa no Brasil das últimas décadas”.

Diversas entidades têm convergido esforços para que ocorra tal mudança. Entre eles podemos citar: o Movimento Negro Unificado, a comunidade negra, segmentos do governo ligados aos governos federal, estadual e municipal. Com relação à esfera governamental, salienta-se uma maior preocupação em incluir e/ou aumentar a participação de atores negros nas campanhas publicitárias do governo, segundo Batista e Rosemberg (2008).

Dessa maneira, percebe-se, por parte dessas entidades, um empenho em dar um novo significado a imagem do negro que, geralmente, vem ligada à submissão na mídia. Essas atitudes se constituem como uma maneira que pode contribuir muito para a mudança de paradigmas previamente estabelecidos em relação à representação social da comunidade negra brasileira e também de suas próprias imagens de si mesmo.

TERCEIRA PARTE

3. GÊNERO SOCIAL E IDENTIDADE

A terminologia gênero é oriunda das teorias feministas. Segundo Joan Scott (1995, p.72), o objetivo das feministas americanas era “ênfatisar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo”. Havia uma busca por uma terminologia que tratasse dessa relação dialógica entre mulheres e homens.

Dessa forma, para pesquisas, o mais adequado seria estudar mulheres e homens, privilegiando gênero como uma categoria relacional que permite uma análise histórica das desigualdades sociais.

Assim, um estudo de gênero pode ser tanto de mulheres quanto de homens. A palavra gênero não tem mais uma conotação exclusiva para mulheres. Porém, devemos considerar que um estudo implica no outro, já que as identidades de gênero se constroem no processo relacional dialógico.

3.1 Gênero como uma categoria de análise

Ao propor o gênero como uma categoria de análise, Scott (1995) oportuniza que se encontre outro caminho mais fértil para análise de fenômenos históricos, “um elemento que pode provocar não só novas questões, mas novas respostas para velhas questões, além de colocar como ativos e visíveis sujeitos que usualmente têm estado escondidos nas análises mais tradicionais” (Louro, 1995, p.106). Nessa proposta, Scott defende que o gênero como categoria de análise associada a categorias de raça e classe social permite dar voz ao discurso dos oprimidos, no sentido plural, incluindo-se também as oprimidas. Tal metodologia permite que se verifique “o sentido e a natureza de sua opressão e, em segundo lugar, uma compreensão de que as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo, três eixos” (Scott, 1995, p.1995).

A categoria de gênero veio fazer oposição à questão biológica de sexo; atendeu, dessa forma, a uma necessidade de aprofundar a questão, incluindo os fatores sociais como determinantes na construção das identidades femininas e masculinas.

Dessa forma, faz-se uma distinção entre o biológico, o corpo de homem e o corpo de mulher, com características distintas, com órgãos sexuais que desempenham diferentes funções, como fatores determinantes no desempenho de papéis sociais. Há uma relação direta entre as questões biológicas e as sociais. Nesse caso, a distinção pelo sexo se estabelecia como fator determinante das desigualdades sociais. As mulheres e os homens são diferentes biologicamente, e essas diferenças, por muito tempo, determinaram também uma divergência de comportamento, de poder e de espaço.

Nesse sentido, ao nascer, os indivíduos são distinguidos pelo sexo; a partir daí, as crianças serão educadas para desempenhar diferentes papéis. Os meninos serão educados para serem fortes e ocuparem as posições de comando da família, dos estabelecimentos comerciais, das repartições públicas, enfim, posições de maior destaque da sociedade.

As meninas, quando crianças, brincam de casinha, cuidam dos bebês, vão sendo preparadas pela sociedade para serem dóceis e obedientes aos comandos masculinos, e, assim, serem as rainhas do lar. Dessa forma, o masculino atua no espaço público, e o espaço privado fica para o feminino.

Os sujeitos vão se identificando como femininos e masculinos, como diferentes. No entanto, o papel feminino não somente se coloca como distinto do masculino, mas também, socialmente, tem *status* de menos relevante.

Segundo Louro (1995, p.193), "gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais". Os sujeitos, nas vivências de práticas sociais, vão construindo identidades de gênero de acordo com os valores que norteiam a sociedade em que vivem.

As mulheres, ao longo da história, têm desempenhado papéis secundários na sociedade ocidental, pois o domínio masculino se faz presente em todas as esferas sociais. Segundo Caldas-Coulthard (2000), até os anos 60, os estudos usados como padrão excluía as mulheres das pesquisas lingüísticas, uma vez que todos os dados coletados e os temas de pesquisa eram centrados em representantes masculinos.

Somente por volta dos anos 90, com os estudos discursivos críticos começaram

a ser levados em consideração fatores como “o contexto social assim como os papéis sociais e as relações de poder” (Caldas-Coulthard, 2000, p. 278) nas pesquisas de natureza lingüística.

Para essa autora, o foco dos estudos mais recentes está concentrado no fator diversidade, deixando a questão das diferenças entre mulheres e homens em segundo plano. Assim, “a pesquisa atual tenta abandonar as dicotomias tradicionais baseadas na divisão binária e tenta levantar novas perguntas que desafiem a questão da polarização” (Caldas-Coulthard, 2000, p. 281).

Nesse sentido, entende-se como polarização das relações de gênero a maneira como se estrutura a sociedade ocidental, em que os homens desfrutam de uma posição superior em relação a quaisquer outros grupos minoritários, tais como mulheres, negros e homossexuais.

Dessa forma, os estudos de gêneros devem ser feitos levando em conta a classe, a raça, o lugar onde vive a pessoa e o contexto sócio-histórico em que se encontra. O gênero é um dos aspectos que concorrem para a construção das várias identidades do ser humano; então, mais importante seria verificar os seguintes pontos: a interação, os papéis sociais e como as práticas sociais produzem identidades.

3.2 Identidade e exclusão social

O estudo da identidade é alvo das mais variadas áreas científicas, como as ciências sociais, políticas, jurídicas, antropológicas e também da lingüística, pois os estudiosos da linguagem não poderiam ficar alheios a essa realidade. Consoante ao pensamento de Bakhtin (1999), a língua não pode ser dissociada de seus falantes das esferas sociais e dos valores ideológicos. Entendemos que é na relação dialógica com o outro que o indivíduo constrói identidades.

Como sabemos, por meio da análise lingüística do discurso do indivíduo, podemos depreender algumas das identidades usadas por ele. Por meio da análise das escolhas lexicais feitas pelo sujeito, podemos inferir, por exemplo, a imagem que ele constrói de si mesmo no discurso, ou seja, o ethos.

Nesta pesquisa, consoante ao pensamento de Bakhtin (1999), entendemos que a

linguagem não pode ser dissociada do seu contexto sócio-histórico. A linguagem se constitui como uma prática social na qual o indivíduo e a sua relação dialógica com o outro se constituem como o centro de tal realidade.

Dessa maneira, consideramos fundamental tratar do tema identidade neste trabalho, em que estudamos a linguagem em ação, ou seja, na prática social, em um contexto histórico definido.

Ao falarmos sobre identidade como tema de discussões nas variadas esferas do saber científico, deparamo-nos com a seguinte questão: afinal, se esse é um debate tão atual, de tempos modernos ou pós-modernos, então, devemos entender que no passado o sujeito não tinha preocupação com a identidade, ou talvez não tivesse identidade?

Pelo contrário, os indivíduos sempre tiveram identidade; a questão é que, na sociedade atual, os papéis desempenhados pelos sujeitos não têm as mesmas características que tinham anteriormente. Mais do que isso, como nos explica Hall, –“as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall, 1997, p.7).

Podemos dizer que as identidades eram estáticas; não havia uma possibilidade de recusa em se ser alguma coisa. Além disso, as identidades eram, em geral “para toda vida”. Em suas pesquisas, Hall (1997) e Zaretsky (1994) fazem uma breve retrospectiva, mostrando que, no século XVIII, o indivíduo iluminista se caracterizava por ser “centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cuja o centro consistia num núcleo interior [...], permanecendo essencialmente o mesmo -contínuo ou idêntico a ele- ao longo da existência do indivíduo” (Hall, 1997, p.11). Era uma maneira de perceber o mundo totalmente diversa da atual, em que há um constante movimento, que nos força também a repudiar a inércia das antigas identidades. Vivemos em um mundo onde quase tudo é líquido ou fluido, como afirma Bauman, que classifica: a modernidade (Bauman, 2001), a vida (Bauman, 2007), o medo (Bauman, 2008), o amor (Bauman, 2004) e os tempos (Bauman, 2008), todos como sendo líquidos. Essa idéia de não ser sólido e ser líquido nos remete à questão das identidades, que não são rijas; ao contrário, mostram-se maleáveis e transitórias.

Segundo Bauman (2005), as identidades são construídas em cima daquilo que não se quer ser. Elas são construídas na diferença com o outro, vendo o outro.

Interagindo dialogicamente (Bakhtin, 1999), ele constrói a si mesmo. Segundo Pires (2002, p. 11), “o conceito envolve negação e diferença: algo é alguma coisa e não outra”. Dessa forma, o indivíduo não é apenas homem ou mulher; ele é homem porque não é mulher. As identidades podem ser mudadas, descartadas, conforme as possibilidades e os interesses do indivíduo.

Bauman avalia: “Em um mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter” (Bauman, 2005, p.96).

Então podemos refletir sobre as seguintes questões: a que se atribui essa mudança, o que motivou o ser humano a não mais aceitar uma identidade por toda a vida? Porque os papéis não se encontram mais absolutamente definidos e imóveis como no passado? Para respondê-las, recorreremos aos estudos culturais de identidade feitos por Hall (2004, p. 9): “Um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX”.

Segundo o autor, essa transformação afetou de forma decisiva as identidades, “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (Hall, 2004, p. 9).

Muitos fatores contribuíram para que a sociedade se transformasse até chegarmos à sociedade pós-moderna, mas um dos mais importantes, segundo alguns autores, muito possivelmente, seja a globalização. É apontada, ao mesmo tempo, como responsável pela evolução e por tantas pessoas ficarem de fora do progresso do mundo. Sobre a globalização percebemos um consenso nos pensamentos de Bauman (1999), (2005), Moita Lopes (2002, 2003) e Vieira (2005), entre outros.

A globalização transforma as perspectivas dos indivíduos, proporcionando-lhes oportunidades de informação e conhecimento de uma forma rápida e dinâmica. A globalização, para Vieira (2005, p 17), “é entendida como a abertura das fronteiras nacionais a circulação do capital e das informações com uma rapidez quase instantânea”. Percebe-se que tais mudanças nas comunicações, gerando fluidez nas informações, possibilitam aos indivíduos perceberem o mundo de uma maneira diferente, verificando as diferenças e a multiculturalidade do mundo.

A globalização foi caracterizada por Bauman (2005) de a “grande transformação”, provavelmente porque afeta todos os tipos de relações que perfazem a sociedade desde seus primórdios. Segundo Bauman,

A globalização tanto divide como une; divide enquanto une -e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Junto com as dimensões planetária dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo 'localizador', de fixação no espaço. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existenciais de populações inteiras e de vários segmentos de cada população. O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel. A mobilidade galga ao mais alto nível dentre os valores cobiçados - e a liberdade de movimentos, uma mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual, logo se torna o principal fator estratificador de nossos tardios tempos modernos ou pós-modernos (BAUMAN, 1999, p.8).

A globalização, como um paradoxo de união e divisão, causa uma tensão ou talvez um desconforto, pois une quando vemos que, no mundo todo, as pessoas vestem os mesmos tipos de roupa, bebem coca-cola, comem os lanches padronizados da indústria alimentícia. Mesmo em lugares distintos e distantes, as pessoas estão unidas por um determinado tipo de comportamento.

Também é fator de união a rapidez com que as informações chegam no mundo todo em função dos modernos aparatos tecnológicos. Também pela facilidade com que se pode circular pelo mundo, bastando para tanto recursos financeiros. Não existem fronteiras, pois tudo flui com muita rapidez.

No contraponto de toda rapidez e fluidez de informações, existem muitas pessoas que não têm acesso aos aparatos eletrônicos, à circulação espacial, aos padrões das redes de alimentação que estão presentes no mundo todo e que, além disso, da coca-cola lhes cabe apenas coletar as garrafas vazias para vender e compor, assim, o orçamento da família.

Nesse sentido, trazemos o pensamento de Bauman (2005), segundo o qual, no mundo, há uma classificação, há pessoas as quais podem se servir em um “leque de ofertas” de identidades. Nesse caso, tais indivíduos poderão fazer as escolhas de identidades que melhor se adaptem às suas expectativas e necessidades; entende-se que esse é o grupo da minoria, composto pelas elites.

Por outro lado, existem aqueles que não têm direitos, que não farão opções, que,

conseqüentemente, não escolherão identidades. Ainda, há um terceiro lugar onde paira, ou melhor, oscila à maioria das pessoas que podem fazer algumas escolhas, que buscam identidades mais compensatórias, podendo não ter sempre sucesso, mas pelo menos têm oportunidade de realizarem algumas escolhas e repudiarem algumas identidades.

Segundo Bauman, as pessoas que compõem o segundo grupo ficam alheias aos acontecimentos, às tecnologias, ao mundo globalizado. Deve, então, o indivíduo buscar por sua conta tentar reverter o processo de exclusão imposto pela sociedade globalizada.

Em nosso país, vivemos um contexto de desigualdades sociais. O número de indivíduos que não podem escolher as identidades no leque de ofertas é muito grande. Há um grande número de pessoas desempregadas, muitos não conseguem voltar ao mercado de trabalho que exige cada vez mais qualificação. Essa realidade obriga muitas pessoas a trabalhar na informalidade; outras tantas vivem pelas ruas recolhendo o que é descartado pelas famílias e pelas empresas, numa espécie de submundo paralelo.

Além do desemprego, faltam maiores investimentos em setores como os da habitação, saneamento básico, educação e saúde. Dessa forma, há muitas pessoas trabalhando na informalidade, e outras tantas em situação de exclusão social.

Embora muitos autores apontem a globalização como um dos principais fatores responsáveis pela desigualdade, é necessário que se enfatize que as desigualdades sempre existiram. Vejamos o que nos diz Rousseau em sua obra “Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens”:

Se seguirmos o progresso da desigualdade nessas diferentes revoluções, veremos que o estabelecimento das leis e do direito a propriedade foi —seu primeiro termo, a instituição da magistratura o segundo e que o terceiro e último foi a mudança de poder legítimo em poder arbitrário, de modo que a condição de rico e de pobre foi autorizada pela primeira época, a de poderoso e de fraco pela segunda e pela terceira a de senhor e de escravo, que é o último grau de desigualdade e o termo ao qual chegam finalmente todos os outros, até que novas revoluções dissolvam completamente o governo ou o aproximem da instituição legítima (ROUSSEAU,[19--?], p.78)

Podemos inferir pelo excerto do discurso de Rousseau que, naquele tempo, por volta de 1754, já havia uma grande preocupação com a desigualdade social entre os homens. Para ele, a sociedade corrompe o homem que nasce bom e livre; a organização social impõe servidão, escravidão tirania, imposição de leis que favorecem minorias, ou seja, a classe dominante. Na contrapartida, uma gama de pessoas são prejudicadas, instaurando-se a desigualdade em todos os segmentos da sociedade.

O discurso não poderia ser mais atual, pois se encaixa perfeitamente no século

XXI, realidade de exclusão social, de concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos. Uma minoria desfrutando de todo conforto e com acesso a todos os tipos de bens de consumo, com plena liberdade para ir e vir, enquanto uma grande parcela da população vive na pobreza e outros tantos na miséria absoluta, à margem da sociedade, humilhados e estigmatizados pela condição social. Para Sacristán (2002, p. 145), a cidadania está em evidência, porque põe em risco a Democracia como “único regime político aceitável” que pode, no entanto, estar sendo enfraquecido por uma “erosão dos direitos sociais”.

Nesse sentido, acredita-se que o governo democrático é aquele que proporciona igualdade de oportunidades aos seus governados, que respeita as diferenças, oportuniza condições de equivalência de possibilidades para que o indivíduo tenha chance de buscar crescimento e ascensão social. Conforme o conceito dado por Bueno (2000, p.222), democracia é a “forma de governo na qual o poder emana do povo e em nome dele é constituído”. Então, se vem do povo e para o povo, espera-se que beneficie também o povo, não somente as elites.

Por fim, podemos dizer que esse talvez seja o caminho para encurtar a diferença entre ricos e pobres, senhores e servos, poderosos e fracos, para o iluminista Rousseau e também para modernos e pós-modernos, pois nesse sentido pouco se evoluiu. O, que preocupava o pensador iluminista também é pauta das discussões atuais.

Na seqüência trataremos da questão da dominação masculina em relação às mulheres, e de como a sociedade se organizou para atender aos interesses dos homens em uma relação de poder que se institucionalizou como natural e aceitável.

3.3 A dominação masculina segundo Bourdieu

Pierre Bourdieu, sociólogo e antropólogo francês, dedicou atenção especial ao estudo do poder em diferentes áreas de estudo. Segundo a Wikipédia (2008), foram mais de trezentos trabalhos abordando a dominação. Para esta pesquisa, baseamo-nos especialmente em seu livro “A dominação masculina” (2005), no qual Bourdieu apresenta o trabalho resultante de pesquisas etnográficas na sociedade cabila, na Argélia, no início dos anos sessenta. Na obra, discute a dominação masculina como algo que transcende a questão de gênero, tratando-se de uma questão mais complexa que engloba as

estruturas sociais e, nelas, as relações humanas.

Essas relações denunciam que há um discurso de dominação masculina que todos vivenciam desde o nascimento, o qual se estabelece na sociedade e serve de modelo para todos. O modelo androcêntrico reforça de forma inconsciente as estruturas históricas de dominação do masculino.

Nesse sentido, há uma ordem social estabelecida que justifica e fomenta as diferenças nas relações de gênero. Para Bourdieu (2005), a dominação do masculino é um fato real, amparado pelo sistema social. Este funciona de tal maneira que o torna natural. Na vida social, há comportamentos femininos e masculinos, que devem ser seguidos, como papéis a serem desempenhados. Pode-se dizer que se trata de uma sociedade organizada para atender aos interesses do masculino em detrimento de outros interesses, como os das mulheres e dos homossexuais.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo lugar de assembléia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2005, p.18).

Para Bourdieu (2005), a visão androcêntrica se articula de tal maneira, que não cabe questionamentos. A própria ordem social a confirma em todos os momentos, pelas atividades desenvolvidas por homens e mulheres que são diferentes e que acontecem em espaços distintos. No espaço privado do lar, a mulher deve cuidar da casa, dos filhos, dos familiares doentes e dos velhos. Na contrapartida, aos homens se destina o espaço público, do trabalho, dos bares, das praças, da política, enfim, da liberdade social. Com relação a essa distribuição desigual de espaços, ambos trabalham, porém o trabalho fora de casa é o único valorizado e remunerado.

Essa divisão social que foi construída e naturalizada ocorreu em função da questão

biológica, segundo Bourdieu (2005), e orientou o mundo.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2005, p.20).

Em função das diferenças biológicas, foram naturalizadas e estabelecidas as diferenças na vida social, com assimetria entre os gêneros e, conseqüentemente, dominação do masculino em relação ao feminino e aos homossexuais. Tais diferenças físicas serviram para legitimar um discurso de dominação vigente, que se perpetua pela maneira como se organizou a sociedade.

Tal dominação se apresenta sob vários aspectos da vida social, como, por exemplo, nos comportamentos chamados de menino e de menina. As brincadeiras são diferenciadas: meninas em atividades lúdicas que simulam a vida doméstica, brincando com bonecas, móveis de brinquedo, etc.; os meninos jogam bola, correm, dominam jogos eletrônicos. No entanto, tal realidade tem sofrido alterações. As meninas, cada vez mais, têm apresentado interesse pelos brinquedos de meninos, mas não é raro sofrerem algumas críticas de pais e professores.

Outro exemplo que caracteriza a dominação masculina em nossa sociedade diz respeito à vida sexual das mulheres. Há muito pouco tempo exigia-se das mulheres determinado comportamento para que fossem consideradas honestas. Elas deviam permanecer virgens até o matrimônio e ficar casadas, independente de como fosse esse relacionamento. Se por uma “fatalidade do destino” se separassem, elas eram discriminadas e consideradas uma má companhia para as outras mulheres tidas como sérias ou honestas.

Pode-se dizer que a lógica da dominação impõe às mulheres a aceitação do desmerecimento, do segundo plano, da submissão. Isso ocorre de maneira naturalizada pelas estruturas sociais.

E as próprias mulheres aplicam a toda realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e

se afirmar como tal, e que faz, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre (BOURDIEU, 2005, p. 45).

A aceitação da dominação masculina não pode ser considerada com base no natural, isto é, para que o discurso de dominação tenha êxito e se mantenha, faz-se necessário o uso de muitos artifícios, como a violência simbólica, caracterizada por Bourdieu (2005). Dessa forma, há uma posição simbólica do dominante em relação ao dominado, que se caracteriza por indícios verbais ou não verbais, “que designam a posição simbolicamente dominante (do homem, do nobre, do chefe, etc.) só podem ser compreendidos (tal como insígnias militares, que se tem que saber ler) pelas pessoas que aprenderam a decifrar seu código” (Bourdieu, 2005, p. 45).

Nesse caso, as mulheres aprenderam a ler tal código, que fomenta a dominação. Reconhecendo na família o pai, o marido, o provedor como aquele que toma as decisões, aquele que autoriza a filha a fazer tal coisa, a esposa de trabalhar, de estudar, etc. Há pouco tempo, era muito comum ouvir-se de uma mulher que ela não trabalhava porque o marido não deixava, ou, ainda, que ela parou de estudar quando se casou por imposição do esposo. Tais considerações não causavam espanto a ninguém, pois tal comportamento do homem era considerado normal.

Atualmente, muitas coisas estão mudando, mas ainda há muitas famílias que têm o homem como o chefe da casa, mesmo que seja a mulher a responsável pelo sustento da família. Está convencionado que ele é o sujeito que toma as decisões, que manda ou pelo menos quem dá a palavra final. Isso não ocorre por acaso. Há uma estrutura responsável pela manutenção da dominação masculina. Grande parte da dificuldade de a mulher não assumir sua identidade de mulher independente se deve à violência simbólica.

Além da violência simbólica, outra forma de dominação utilizada é a violência física, muito comum em todas as sociedades, pois muitas mulheres são agredidas, exploradas e violentadas no mundo todo. Nos casos de violência doméstica, a maioria das agredidas são de tal maneira vítimas da dominação, que se sentem incapazes de romper o ciclo de violência e, o que é mais grave, muitas vezes acreditam que são elas culpadas pela realidade que vivem. “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dominante às relações de dominação, fazendo assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de auto-depreciação ou até de auto-desprezo sistemáticos” (Bourdieu, 2005, p. 46). Assim, as mulheres que sofrem violência vão perdendo a

autoestima, tornando-se cada vez mais frágeis frente à dominação.

Além dos dois tipos de violência, a simbólica e a física, praticadas pelos homens, o estudioso aponta as instituições que compõem a sociedade, como a família, a escola, a igreja e o estado, responsáveis por “um trabalho incessante (e como tal, histórico)” (Bourdieu, 2005, p. 46) de reprodução da dominação.

Segundo Bourdieu, o fundamento da violência simbólica se encontra não nas consciências, pois, se fosse assim, com o esclarecimento dos dominados, tal realidade poderia ser modificada. Para que a relação de cumplicidade entre dominado/dominante se rompa, é necessário “transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes” (Bourdieu, 2005, p.54). Além disso, é preciso que as mulheres parem de ser tratadas como objetos em um mercado de bens simbólicos.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

No primeiro capítulo tratamos da perspectiva metodológica de Bakhtin que abrange tanto a esfera verbal, quanto a esfera social. Neste capítulo, que está organizado em uma seção, faremos a exposição da segunda parte do percurso metodológico que foi seguido para o desenvolvimento desta pesquisa, que pretendeu analisar os enunciados das mulheres negras catadoras de lixo reciclável.

2.1 Público-alvo e coleta de dados

Esta pesquisa se realiza com um grupo de dez mulheres negras catadoras de lixo reciclável na cidade de Santa Maria, RS. Essas mulheres catadoras faziam parte de um projeto da Prefeitura Municipal que se intitulava “Catando Cidadania” e tinha como objetivo promover a inclusão de catadores de lixo. As atividades desenvolvidas pelo projeto até o ano de 2008 foram: coral, aulas de espanhol e aulas de artesanato.

As entrevistas foram realizadas sempre às quintas-feiras à tarde, antes do ensaio do coral, na sala número nove da Casa de Cultura, que está localizada na Praça Saldanha Marinho. As entrevistas aconteceram de forma individual e só permaneciam na sala a entrevistada e a entrevistadora. Somente se realizou uma entrevista por semana, para que não se perdessem as características individuais do contexto da entrevista, que foram posteriormente, anotadas. O tempo de duração da entrevista era de uma hora.

Para esta pesquisa, optamos por realizar entrevista semi-estruturada, que, segundo Lüdke e André (1986, p.34), “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente”. Consideramos adequada essa escolha por termos uma participação ativa, pois, apesar de observarmos um roteiro, podemos fazer perguntas adicionais para esclarecer eventuais questões, a fim de melhor compreender o contexto e colher as informações necessárias para o estudo.

Consideramos um estudo de caso porque se centra na observação e análise do discurso de um grupo de mulheres negras catadoras de lixo reciclável. Para Lüdke e

André (1986, p17), “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular”. Os autores esclarecem ainda, que o estudo de caso tem como uma de suas características enfatizar a interpretação do contexto no qual se desenvolve a pesquisa, e que, por isso, ele é muito importante.

Dessa forma, o estudo lingüístico se constitui como o foco da pesquisa, porém abordará, embora como pano de fundo, um problema de cunho social e econômico típico da sociedade atual: a exclusão social, que, neste caso, acredita-se que advém não só da classe social, mas também das questões de gênero e de raça/etnia, conforme abordamos no aporte teórico.

Com relação à entrevista, vejamos o que dizem Lüdke e André (1986, p.33): “é importante atentar para o caráter e interação que permeia a entrevista [...], havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”.

Salientamos que um fator fator concorrente para uma maior facilidade na abordagem dos temas das entrevistas é a identificação das mulheres catadoras com a entrevistadora, que trabalhou como voluntária no projeto ministrando, esporadicamente, cursos de espanhol, desde o ano de 2005 até 2007.

No entanto, esclarecemos que são poucas as mulheres entrevistadas que já freqüentaram as aulas de espanhol. Mas, por conversarem entre si, souberam de outra pesquisa realizada pela pesquisadora na época da graduação, fato que confere certo grau de credibilidade à pesquisadora perante as mulheres. Nesse sentido, a confiança é muito importante, pois tratamos de temas delicados, e as perguntas trazem à tona mazelas de vida que, muitas vezes, despertam sentimentos de dor, tristeza e até revolta.

Outro ponto a esclarecer é que, antes de cada entrevista, as perguntas foram lidas para as entrevistadas, para que elas tivessem conhecimento prévio do tema e do teor das perguntas, às quais elas poderiam responder ou não, já que tinham liberdade para fazê-lo.

2.2 As perguntas

As perguntas foram divididas em cinco temas. A motivação para a escolha dos temas das entrevistas aconteceu em função da convivência com os catadores de lixo do projeto “Catando Cidadania”, fato que permitiu conhecer de perto a realidade vivida por

eles.

Quadro 4: Temas das perguntas.

TEMA 1	Quem é a catadora de lixo.
TEMA 2	Violência doméstica.
TEMA 3	Racismo.
TEMA 4	Como vive a catadora de lixo.
TEMA 5	A catadora e a política.

No momento de decidir que perguntas seriam feitas, procuramos observar alguns dos critérios trazidos por Lüdke e André (1986, p.36), que dizem que as perguntas devem seguir uma ordem lógica entre os assuntos, os quais devem ir dos mais simples para os mais complexos. Devem obedecer também a um encadeamento entre as perguntas. Nesse sentido, tentamos colocar as perguntas mais delicadas em uma posição intermediária ou final em relação a cada um dos temas propostos.

No anexo A apresentamos o roteiro das perguntas divididas por temas. Elas estão dispostas em cinco quadros para uma melhor elucidação da ferramenta metodológica utilizada nesta pesquisa, a entrevista semi-estruturada.

As perguntas foram gravadas e após cada entrevista as fitas transcritas. Após cada entrevista foram feitas anotações sobre a aparência pessoal das informantes no momento da enunciação, como as roupas usadas, bem como a postura delas durante a entrevista. Nesse sentido, observamos gestos, risos, lágrimas, estado de ânimo, alterações de humor, elementos que fossem suficientes para facilitarem a análise do ethos discursivo, ou seja, a imagem de si.

Ao final desta fase, passamos à leitura das transcrições para selecionar o material para análise. Como havia um volume muito grande de material, optamos por selecionar apenas dez enunciados, sendo um de cada uma das informantes. Nesse sentido, a escolha dos enunciados a serem analisados aconteceu da seguinte forma: primeiro foi em função da recorrência de alguns fatores, como por exemplo: várias entrevistadas quando

solicitadas para falarem das suas casas, demonstraram uma grande preocupação em evidenciar que suas casas eram limpas.

O segundo fator que determinou a seleção dos dez enunciados foi a motivação pessoal, já que alguns deles foram muito marcantes e foi impossível deixá-los de fora para contemplar outros. Dessa forma, como se estabeleceu uma relação dialógica entre informante e pesquisadora, foi muito difícil fazer a seleção de apenas dez enunciados diante de um material tão rico coletado nas entrevistas.

2.3 Análise do *corpus*

Para a análise, foi feita a verificação, por meio do uso dos modalizadores, de como se estabelece a concepção de mundo das catadoras. Duas perguntas principais nortearam este trabalho:

- 1) Como se constrói a imagem de si, ou seja, o ethos discursivo das mulheres negras, catadoras de lixo?
- 2) Como se estabelecem as relações de poder no discurso das mulheres negras, catadoras?

Para o êxito desta análise, utilizamos os estudos de ethos discursivo de Maingueneau e Amossy. Ainda, acrescentamos a observação da presença de indicadores modais de subjetividade, para que se pudesse estabelecer relações de sentido. Para tanto, utilizamos os estudos realizados pelas professoras Orecchioni e Neves.

Também observamos o uso de elementos discursivos dialógicos que remetessem à alguma voz de autoridade no discurso das mulheres negras, catadoras, utilizando os preceitos teóricos de Bakhtin.

Para justificar a escolha dessas teorias como sustentação teórica para análise das entrevistas, em primeiro lugar, devemos dizer que é na relação dialógica entre os sujeitos que se estabelecem as interações verbais. Essa relação dialógica permite que os sujeitos através da linguagem, seja oral ou escrita, possam construir uma imagem daquele que está falando. No entanto, não há necessidade que o enunciador faça o seu auto-retrato. A imagem de si vai sendo construída nas interações pelos sujeitos, de forma voluntária ou

não. Isso é o que se denomina ethos.

Para que pudéssemos realizar tal análise, foi preciso buscar as marcas lingüísticas de subjetividade nos enunciados das mulheres catadoras. Tais marcas podem se apresentar de forma explícita ou implícita.

No próximo capítulo apresentaremos a análise dos enunciados. Na análise, em primeiro lugar, descrevemos o contexto em que se realizaram todas as entrevistas, ou seja, na sala 19 da Casa de Cultura de Santa Maria. Em segundo lugar, identificamos a cena enunciativa. Em terceiro lugar, separamos os enunciados por temas. Do tema número um “Quem é a catadora de lixo” foram analisados quatro enunciados, e do tema número dois “Violência doméstica” foi analisado apenas um enunciado. Com relação ao tema número três “Racismo”, selecionamos para análise quatro enunciados. Finalmente, do tema quatro, “Como vive a catadora de lixo”, um enunciado. Ainda, antes de cada análise fizemos uma descrição da informante, para facilitar a composição do ethos discursivo.

Como tratamos com temas delicados, foi preciso que se usasse uma estratégia para manter preservada a identidade das informantes, então elas foram identificadas nesta pesquisa por letras do alfabeto do A ao J. Finalmente para interpretar os sentidos apreendidos nos enunciados ao final fizemos uma conclusão das análises.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A partir das entrevistas realizadas na pesquisa *in loco* deste trabalho, selecionamos dez enunciados para análise com base nos preceitos teóricos discutidos anteriormente. Convém ressaltar que esta é uma das possíveis análises. Não temos a pretensão de esgotar as possibilidades, porque acreditamos que estas podem ser muitas, dependendo do ponto de vista do analista.

3.1 Contexto das entrevistas

Todas as entrevistas foram realizadas na sala número 09 da casa de Cultura de Santa Maria. Durante as entrevistas, somente permaneciam na sala a entrevistada e a entrevistadora. O espaço físico das entrevistas correspondeu a uma sala de aula convencional, com um quadro-negro, algumas classes do tipo carteira (mesa e cadeira) e algumas cadeiras com suporte lateral para o braço.

O desenvolvimento das entrevistas ocorreu da seguinte maneira: em primeiro lugar, entrevistada e entrevistadora sentaram frente a frente, no centro da sala, sem mesas as separando. A entrevistadora fez a leitura de todas as perguntas. Na seqüência, esclareceu que a entrevistada devia sentir-se livre para responder apenas ao que considerasse pertinente.

A cena da enunciação, para todos os enunciados analisados neste trabalho, segundo Maingueneau (2001), corresponde ao gênero do discurso entrevista.

Passaremos agora à análise lingüística de dez enunciados que foram agrupados por temas de entrevistas. Antes da exposição de cada enunciado, foram descritas as entrevistadas, para auxiliar na composição do ethos.

3.2 Tema 1: quem é a catadora de lixo

3.2.1 Descrição da entrevistada A

Durante a entrevista, a entrevistada A estava muito bem apresentada. Usava um lenço preto na cabeça que escondia os cabelos brancos. Vestia um casaco de lã comprido e uma manta no pescoço. Seu rosto estava maquiado: sombra e batom vermelho. Ela parecia ter poucos dentes, o que ficava evidenciado quando sorria. Suas unhas estavam pintadas de vermelho, mas o esmalte estava velho e não cobria totalmente as unhas longas. Na ocasião, estava com 69 anos, mas aparentava ser mais jovem. Estava alegre, falava muito e parecia bem disposta. Tinha olhos vibrantes, dando a impressão de que se sentia valorizada por estar sendo entrevistada.

Na seqüência, analisamos o primeiro enunciado, que é a resposta quando “A” foi indagada sobre seu grau de instrução, seu estado civil e o seu grau de escolaridade.

“Eu estudei até a quarta série do segundo grau, depois com o casamento **evidentemente** eu **parei** de estudá, **agora felizmente faz cinco anos** que eu comecei a estudá de novo”.

De acordo com os estudos de Neves (2000, p.249), o advérbio “evidentemente” é classificado como um modalizador epistêmico asseverativo com enunciado afirmativo. Advérbios desse tipo, mesmo que apresentem diferentes significações, estão sempre relacionados ao saber do falante. Assim, o conteúdo da afirmação é apresentado como uma realidade inquestionável, ou seja, que não apresenta dúvida. A partir da explicação de Neves, podemos inferir que, ao utilizar o modalizador “evidentemente”, a catadora ratifica uma verdade absoluta, qual seja, a de que as mulheres, ao se casarem, deviam abandonar o estudo para se dedicarem exclusivamente à vida doméstica.

Dessa forma, ela conclui que não completou os estudos na juventude porque se casou. Ter parado de estudar foi uma conseqüência do casamento. Tal fato era naturalmente aceitável até poucas décadas atrás, em que as mulheres, em geral, deviam abdicar de estudar e/ou trabalhar fora ao se casarem. A organização social estabelecia

que o comportamento mais adequado para as mulheres com o novo estado civil era ficar restrita às atividades desenvolvidas no lar.

Segundo Orecchioni (1980, p. 132), quando se avalia a subjetividade do verbo, é necessário que se distinga quem faz o juízo avaliativo. No enunciado em análise, é o próprio sujeito da enunciação quem avalia o fato de ter deixado de estudar em função do casamento e manifesta um juízo de valor de conformidade com a situação. O verbo “parar” se comporta como um verbo ocasionalmente subjetivo, indicando que A estava atuante, em movimento, estava estudando, mas, com o advento do casamento, interrompeu esse movimento. Essa não foi uma escolha sua, já que estava conveniado que estudo e casamento não eram compatíveis, já que estudar implica sair de casa, ter autonomia, interagir com outras pessoas, trocar experiências e, em função disso, crescer na interação, no conhecimento, e construir identidades.

Ao fazer tal revelação, ela não demonstra sofrimento ou arrependimento, apenas conformação, como muitas mulheres com a mesma experiência, já que o jugo masculino tentou sempre fazer da opressão algo minimizado, natural. Dessa maneira, segundo Bourdieu (2005, p.45), as mulheres pensam e agem de acordo com as “relações de poder com as quais estão envolvidas”. Assim, as mulheres, com seus papéis menosprezados, deviam acreditar que ser boa esposa e mãe eram seguramente os maiores motivos de sua existência. A identidade feminina devia ser entendida como compatível com a de rainha do lar. De acordo com Louro (1995, p.193), “gênero é mais que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais”. Então, os sujeitos, nas trocas de vivências e experiências, nas relações dialógicas, vão construindo identidades de gênero de acordo com os valores que norteiam a sociedade da qual eles fazem parte.

Em “agora faz cinco anos que felizmente eu comecei a estudá de novo”, o advérbio “felizmente”, de acordo com os estudos de Neves (2000, p. 253), é classificado como um modalizador afetivo subjetivo, que tem como característica principal expressar uma reação emotiva do enunciador. Nesse caso, é subjetiva, pois trata do sentimento de felicidade da entrevistada por ter retomado os estudos.

Outro ponto que deve ser abordado refere-se ao ethos, ou seja, à construção da imagem de si, que está diretamente ligada à enunciação, conforme Amossy (2005) e Maingueneau (2008). Nesse sentido, além das marcas linguísticas, para esta análise também se considera a postura da entrevistada no momento de sua enunciação, ou seja,

o extralingüístico.

Ao falar de sua volta ao estudo, essa mulher criou um *ethos* de pessoa com esperança renovada, com alegria de viver, pois tinha brilho nos olhos e, sorridente, falou do tempo (“cinco anos”). Ao demarcar o tempo, é como se ela o identificasse como um marco de resgate de um objetivo que foi perdido, ou talvez como um resgate de si mesma.

O estudo ao qual se referiu é informal – língua estrangeira e informática. Não tem pretensão de usá-lo como meio de sair da vida de catadora. Podemos inferir que estudar, para ela, tem uma dimensão de liberdade; não foi apenas o resgate de uma atividade prazerosa, mas sim um resgate de si como pessoa, como se o voltar a estudar fizesse vir à tona uma mulher que foi sufocada no passado, mas que ainda tem desejos e aspirações.

3.2.2 Descrição da entrevistada B

A entrevistada B é uma senhora gorda, de estatura baixa, com cabelos curtos. Ela usava um vestido estampado com cores vibrantes, cujo comprimento ia até logo abaixo dos joelhos. Não usava nenhum tipo de maquiagem. Suas unhas eram longas e tinham um pouco de sujeira embaixo delas. Ela exibia um largo sorriso e se mostrava uma pessoa muito simpática. Respondia às perguntas com muita disposição e tranquilidade. A seguir, veremos o segundo enunciado, que foi a sua resposta à seguinte pergunta: Quem é a senhora como mulher?

“Olha, eu me vejo uma dona de casa, porque, por exemplo, **o meu esposo disse que** eu sô uma mulher, **para ele, exemplar**, porque eu nunca deixei de cumprir as **minhas obrigações**”.

No segundo enunciado, destacamos “o meu esposo disse”. O verbo dizer foi classificado por Orecchioni (1997, p.135) como um verbo intrinsecamente subjetivo, do eixo verdadeiro/falso/incerto. Integra o grupo dos verbos intrinsecamente modalizadores de dizer, os quais têm como característica principal fazer algum tipo de avaliação, que parte do sujeito da enunciação. No entanto, Orecchioni (1997, p.142) explica que o locutor

não faz um pré-julgamento da verdade e/ou falsidade dos conteúdos enunciados por um terceiro, e sim toma implicitamente uma posição sobre determinado assunto, situação ou pessoa. O verbo de dizer significa objetivamente um comportamento verbal. Ao utilizar esse verbo, a intenção do locutor é a de explicitar sua opinião, o que ele faz trazendo a voz do outro ao seu discurso. Dessa forma, o locutor, neste caso a catadora, manifesta a sua opinião engajada no discurso do outro, o seu marido.

Em “o meu marido disse”, a catadora se utiliza da opinião do marido a respeito dela. Ele fez uma avaliação prévia e a classificou de forma positiva. Ele disse que ela é exemplar, não foi ela quem fez esta avaliação; no entanto, ela utiliza o discurso do outro que a classifica como exemplar concordando com o ponto de vista do marido.

Ao trazer a voz do marido ao seu discurso, a catadora demonstra a assimetria entre os gêneros: ela foi questionada sobre a sua identidade de mulher; no entanto, respondeu pela voz de um homem, o seu marido, que funciona como uma autoridade. Nesse sentido, trazemos o pensamento de Bourdieu (2005, p.54), discutido no primeiro capítulo, sobre a violência simbólica. Ele explica que o dominado adota sobre si mesmo e sobre o dominante o ponto de vista do dominante.

Esse ponto de vista é reforçado pela seleção lexical. De acordo com Ferreira (1999, p.1428), “obrigação” é um substantivo feminino de origem latina que significa: “imposição, preceito, encargo, compromisso”. Tais obrigações impostas às mulheres são fruto da dominação masculina que se ampara no modelo social androcêntrico, de acordo com os estudos de Bourdieu (2005).

Durante essa entrevista, foi necessário perguntar à entrevistada, para esclarecimento, em que consistiam suas obrigações de esposa. Por obrigações entenda-se desde os afazeres domésticos, o cuidado dos filhos, o trabalho de catar materiais recicláveis até o cumprimento das obrigações sexuais.

O discurso desta catadora nos revela que a maneira como ela vive é compatível com o modelo de sociedade patriarcal que fomenta assimetria e a relação de poder entre os gêneros. Com esse enunciado, podemos inferir que há sujeição, pois ela vive uma realidade de submissão, na qual o marido tem grande poder na relação, segundo Bourdieu (2005). Diante de tal realidade, ela demonstra que se sente feliz pelo elogio do marido, por ser uma mulher “exemplar”. De acordo com Ferreira (1999, p.859), “exemplar” significa “que serve ou pode servir de exemplo, de modelo” – portanto, que deve servir de

modelo para outras mulheres.

O adjetivo avaliativo “exemplar”, assim caracterizado por Orecchioni (1980), é utilizado pela catadora com uma conotação positiva, o que se apresenta como um ethos positivo. Ela se vê como uma dona de casa, mas o marido diz que ela é mais do que isso, ela é uma mulher que serve de exemplo para outras mulheres. Ela adere ao pensamento do marido criando um ethos de orgulho, que podemos comprovar pela seleção lexical “exemplar”.

O ethos foi criado na relação dialógica de interação com o marido. Conforme os estudos de Bakhtin (1997), ao falarmos, o objeto do discurso é comum ao de outros falantes. O indivíduo, ao se pronunciar sobre algo, não o faz pela primeira vez. O seu discurso é comum ao de outros. Ele utiliza outras vozes que não são suas, para expressar seu pensamento, para estruturar seu enunciado, o que foi definido por Bakhtin como dialogismo.

Na construção de seus enunciados, ao fazer uso da voz do outro, de acordo com Rodrigues (2005), o locutor tem uma intenção de demonstrar algo. No enunciado em questão, a entrevistada ratifica o modo de ver o mundo do marido. Nesse caso, podemos inferir que, ao compor seu enunciado com a voz do marido, a catadora demonstra que compartilha da sua maneira de ver o mundo, aceitando o modelo de sociedade androcêntrica, em que a mulher deve exercer determinadas funções (como executar tarefas domésticas, cuidar dos filhos) e adotar comportamentos, como, por exemplo, estar subordinada ao homem (pai, marido, chefe).

Ainda, ao exercer o trabalho fora de casa, catando materiais recicláveis, ela cumpre uma dupla jornada de trabalho. Por isso, ela é exemplar, porque sua conduta frente à sociedade é consoante aos padrões estabelecidos e convencionados como corretos.

3.2.3 Descrição da entrevistada C

A entrevistada C é uma mulher magra, com estatura em torno de um metro e sessenta. Tem cabelos curtos e brancos. Na cabeça usava um lenço branco. Vestia calças compridas pretas e uma blusa de lã estampada. Estava maquiada com batom vermelho e sombra cor-de-rosa. Parecia uma pessoa muito interessante, pois, à medida que falava, ia envolvendo o interlocutor com sua história de vida. Respondia às perguntas

com disposição e contava paralelamente outras histórias.

No terceiro enunciado, temos a resposta de como a entrevistada se vê:

“Eu não tenho beleza nenhuma, não tenho formosura, mas eles tinham muito ciúme de mim (risos)”.

Ao elaborar a sua resposta, a catadora se declara como não tendo beleza e não tendo formosura. “Beleza” e “formosura” são substantivos que derivam dos adjetivos “belo” e “formoso”. De acordo com Ferreira (1999, p.285), beleza significa: “qualidade de belo, pessoa bela”. E, formosura é a união de “[formoso+ura], qualidade de formoso, beleza, pessoa ou coisa formosa”, segundo Ferreira (1999, p.931). Esses adjetivos “belo” e “formoso” são considerados por Orecchioni (1997, p.119), como subjetivos, e são classificados como adjetivos avaliativos axiológicos. Estes ajuízam um julgamento de valor apreciativo ou depreciativo em relação a algo ou alguém – no caso, a entrevistada faz uma avaliação de si mesma, no campo da estética. Orecchioni (1997) explica, ainda, que os adjetivos avaliativos axiológicos funcionam como uma categoria lexical que está intimamente associada às apreciações feitas pelo enunciador ao proferir seu enunciado. Nesse sentido, a entrevistada fez uma apreciação de si mesma como mulher e se declara como não tendo beleza e formosura, fazendo, portanto, uma avaliação do tipo depreciativa.

Ao escolher o operador argumentativo “mas” para mediar os dois enunciados, a catadora cria uma expectativa que acaba por não ser correspondida; há uma ruptura na expectativa do interlocutor. Ao dizer que não tem beleza e não tem formosura, ela se declara feia ou sem atributos necessários para despertar o ciúme de um homem. Como consequência de tal pensamento, não se espera que alguém venha a ter ciúmes de uma mulher sem os atributos beleza e formosura. Por outro lado, ela conta que se casou quatro vezes, todas elas de papel passado, e todos os maridos sentiram muito ciúmes dela.

A catadora, nesse enunciado, quer passar uma imagem de que não é bonita, porém, ao utilizar o operador argumentativo “mas”, demonstra que não está engajada com esse argumento.

O ponto de vista de que as mulheres negras são feias, ou melhor, que não são

capazes de causar ciúmes, é trazido como uma voz de fora do discurso, que pertence ao senso comum de nossa sociedade, que tem como padrão de beleza o estereótipo branco de origem européia. De acordo com Lopes (2007), “tudo o que se aproxima do branco é positivo; do negro é negativo”. Há que se fazer alusão ainda ao texto de Batista e Rosemberg (2008, p.74):

É nosso entendimento que o Brasil constitui uma sociedade racista na medida em que a dominação social de brancos sobre negros é sustentada e associada à ideologia de supremacia essencial de brancos. A mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros.

Nesse sentido, existe um pensamento predominante de que os negros são inferiores. Tal pensamento é reproduzido e mantido através dos tempos pela sociedade em geral. Ainda devemos considerar a situação da mulher negra que se encontra assimetricamente abaixo tanto da mulher branca quanto do homem negro.

Destacamos também a questão desta mulher, uma catadora de lixo, negra, que rompeu com um padrão ao se casar quatro vezes, já que, conforme vimos anteriormente, as negras enfrentam dificuldade para se relacionar com homens tanto brancos quanto negros. Segundo Pinto (2000, p.174),

Falar de relacionamento afetivo para as mulheres negras é se reportar a um passado de solidão que está presente nas relações sociais cotidianas. É lembrar que a sociedade brasileira incorporou estereótipos negativos em relação à população negra, principalmente a mulher negra. Como diz o dito popular:

Branca é
pra casar
Mulata pra fornicar
Preta é pra trabalhar.

A entrevista C, ao contrário, mostra-se muito à vontade tanto para falar sobre o tema, quanto para se relacionar com os homens, não demonstrando qualquer tipo de dificuldade nos relacionamentos amorosos.

Como interlocutora, percebo que ela não acredita no que está dizendo – que não tem beleza e formosura. Através da seleção lexical, ao utilizar a negação antes dos adjetivos, preocupa-se em passar uma imagem modesta. Porém, nesta interação dialógica, noto que ela se veste com simplicidade e bom gosto, oferece um largo sorriso

colorido por batom vermelho e cobre os cabelos brancos que denunciam a idade madura.

Os recursos lingüísticos “não tenho beleza” e “não tenho formosura” criam um ethos negando, mas o advérbio “muito” comprova que ela é uma mulher que desperta bastante ciúme. Essas idéias contraditórias nos levam, portanto, a inferir que ela não concorda com o ponto de vista de não ter beleza e formosura o qual ela está tentando convencer.

A entrevistada criou um ethos de sedução, pois, quando riu, demonstrou satisfação por ter provocado muito ciúme em quatro maridos. Essa imagem de si foi construída no discurso e foi composta tanto pelos recursos lingüísticos quanto pelos recursos extralingüísticos, ou seja, sua postura durante a entrevista, o riso, a vaidade comprovada pelas roupas e pela maquiagem, a alegria ao contar a sua história de vida.

3.2.4 Descrição da entrevistada D

A entrevistada é uma mulher bem alta, um pouco gorda. Veste uma calça de brim azul e uma camiseta de mangas curtas com uma estampa na frente. Não usava maquiagem, nem esmalte nas unhas, que estavam bem curtas. O cabelo era curto e com alguns fios brancos. E aparentava ter quarenta anos de idade aproximadamente. No início da entrevista, parecia um pouco tímida; porém, ao longo da conversa, demonstrou ser uma pessoa segura de seus pontos de vistas.

Quando indagada sobre sua participação no que tange às decisões familiares, a entrevistada assim respondeu:

“Eu **acho** que a mulher **deve** sempre tê a parceria com o marido né, sempre **tomá** as decisões junto né, porque se eu **disse** pras minhas filhas vocês saem, **e ele diz**: - por que tu deixô as gurias sai? (risos) Então a gente... então eu pergunto pra ele se dá pras gurias ir né. **Se ele disse que não, eu também digo não** (risos).”

A entrevistada utiliza o verbo “achar” na primeira pessoa do presente do indicativo. Conforme dissemos anteriormente, Orecchioni (1997, p.132) acredita que, para analisar se um verbo se comporta de modo subjetivo ou não, é preciso responder às três perguntas que seguem: Quem faz o juízo avaliativo? O que se está avaliando? Qual é a

natureza do juízo avaliativo?

No enunciado em análise, o juízo avaliativo foi feito pela própria locutora. O que foi avaliado diz respeito ao comportamento de mulheres e homens em relação à tomada de decisões no lar, mais especificamente no que se refere à educação dos filhos. Com relação à terceira pergunta, o verbo “achar” se enquadra no eixo verdadeiro/falso/incerto, categoria verbo intrinsecamente modalizador do tipo verbo de opinião. Tal classificação de Orecchioni (1980), conforme visto anteriormente, foi realizada com base em estudos feitos por Ducrot (1972). No enunciado em análise, a locutora utiliza o verbo “achar” para declarar ao seu interlocutor uma opinião sua, que resultou de uma reflexão íntima.

Ela manifesta sua opinião no que se refere à tomada decisões da família. Acredita que a esposa deve sempre tomar as decisões em comum acordo com o marido, opinião que foi resultado de uma reflexão própria.

Na seqüência, chamamos a atenção para o verbo “dever” no enunciado que segue: “a mulher deve sempre tê a parceria com o marido (...)”. Respondendo às três perguntas para avaliar a subjetividade no verbo, temos um juízo avaliativo feito pela própria locutora. O que é avaliado é a obrigação da mulher em ser parceira do marido, ou seja, comportar-se consoante ao que o marido pensa e decide. Nesse caso, ela acredita que as mulheres, baseadas nas decisões do marido, devem orientar seus pontos de vista no que tange às decisões familiares. Ela exemplifica que, para autorizar as filhas a irem a um lugar determinado, pergunta ao marido o que ele pensa sobre o assunto. Dependendo do que ele pensa, se autoriza ou não, ela será parceira na tomada de decisão do marido, ou seja, respeitará a decisão do homem.

Percebe-se, nesse enunciado, o papel feminino, que não somente fica evidenciado como distinto do masculino, mas também identifica-se com um *status* de menos relevante, pois ele tem maior poder na relação. Isso caracteriza a assimetria entre os gêneros: ele decide; caso ela tome alguma decisão, ele questiona os motivos que a levaram àquela tomada de atitude.

De acordo com Bourdieu (2005), “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. Nesse sentido, ela não percebe que há uma dominação. Ela concorda com o marido, age como ele quer e, ingenuamente, acredita que existe uma parceria entre ambos. No entanto, ela não está

sendo parceira, e sim obediente – acata a sua decisão e age consoante a ela.

Analisamos a seguir o verbo “dizer”, que aparece quatro vezes: “se eu **disse** pras minhas filhas vocês saem”, “ele **diz**: - por que tu deixô as gurias sai?”, “Se ele **disse** que não, eu também **digo** não”.

O verbo “dizer” é classificado por Orecchioni (1997, p.135) como um verbo intrinsecamente subjetivo, do eixo verdadeiro/falso/incerto. Essa categoria verbal tem como característica principal fazer algum tipo de avaliação, que parte do sujeito da enunciação. No entanto, Orecchioni (1997, p.142) explica que o locutor não faz um pré-julgamento da verdade e/ou falsidade dos conteúdos enunciados por um terceiro, e sim toma implicitamente uma posição sobre determinado assunto, situação ou pessoa.

O primeiro uso do verbo “dizer” significa objetivamente um comportamento verbal. Ao utilizar esse verbo, a intenção da locutora é a de narrar um comportamento seu perante as filhas, no sentido de estar deixando que elas saiam de casa. Mais especificamente, ela se refere ao fato de filhas adolescentes saírem à noite.

No segundo caso, “dizer” também se refere a um comportamento verbal – no caso, ao comportamento do marido –, o que ela faz trazendo a voz do outro ao seu discurso. Nas terceira e quarta aparições do verbo “dizer”, também é feita referência ao discurso do marido. Dessa forma, a catadora, manifesta a sua opinião engajada ao discurso do outro, o seu marido. Em “Se ele disse que não, eu também digo não”, a catadora não somente utiliza o ponto de vista do marido a respeito do que deve ser feito (permitir ou não que as filhas saiam de casa), mas também concorda, acata e respeita a opinião do marido. Nesse sentido, fica evidenciada a autoridade do marido em relação à esposa e às filhas. Mais uma vez trazemos o pensamento de Bourdieu (2005, p.54) sobre a violência simbólica, segundo o qual o dominado sempre adota sobre si mesmo e sobre o dominante o ponto de vista do dominante. Assim, a mulher adota o ponto de vista do marido como sendo seu, um domínio evidenciado pelo seu discurso.

O que ela diz é contraditório com o exemplo que ela traz em seu enunciado. De acordo com o exemplo citado, não ocorre uma tomada de decisão em comum acordo, o que sugere uma discussão do assunto com argumentos dos dois lados e com ambos tendo igualdade de poder.

Ela traz a voz do marido ao seu discurso como um poder de autoridade. Ela autoriza as filhas a saírem, e ele questiona o porquê da sua decisão. Ela, para não entrar

em conflito com o marido, decide pedir autorização; conforme a decisão dele, a sua estará em conformidade.

Ela está equivocada, pois seu comportamento não evidencia uma parceria; pelo contrário, fica evidenciado a submissão dessa mulher em relação ao seu marido.

À medida que fala, o ethos vai se construindo: uma mulher convicta em suas posições, que está certa de sua postura diante da tomada de decisões em seu lar. Ela se mostra alegre, pois crê ser uma esposa ativa na relação, embora seu enunciado denuncie o jugo masculino que ela não percebe viver na relação familiar.

3.3 Tema 2: violência doméstica

3.3.1 Descrição da entrevistada E

Fisicamente a catadora E pode ser descrita como uma mulher baixa e um pouco gordinha, com cabelos curtos. Usava, na ocasião da entrevista, uma calça preta de malha bem ajustada ao corpo e uma camiseta longa da mesma cor. Não usava nenhum tipo de maquiagem no rosto, mas as unhas longas tinham resquícios de esmalte vermelho. Tratava-se de uma mulher que aparentava estar inibida pelo gravador, falava rapidamente, dando a impressão de que queria se ver livre logo da entrevista. Apesar disso, não hesitava em suas respostas, demonstrava convicção de pensamentos.

Na entrevista, quando indagada a respeito da violência doméstica, essa mulher respondeu o seguinte:

“Ah! Eu **acho** assim, que eles deviam senta e conversa, e vê se é **realmente, se tem necessidade de batê** o não, porque **às vez não tem necessidade de batê**”.

Nesse enunciado, a catadora entrevistada utiliza o verbo **achar** na primeira pessoa do presente do indicativo. Com relação à subjetividade nos verbos, Orecchioni (1997, p.132) defende que, para proceder à avaliação de um verbo com o objetivo de investigar se ele se comporta de modo subjetivo, inicialmente se faz necessário responder a três perguntas, quais sejam: quem faz o juízo avaliativo, o que se avalia e, por último, qual é a natureza do juízo avaliativo.

Dessa maneira, respondendo à primeira pergunta, o juízo avaliativo é feito pela própria locutora, a catadora. Em relação à segunda questão, o que está sendo avaliado é o comportamento dos homens que têm ciúmes das mulheres e as perseguem, as ameaçam e, por fim, as agredem fisicamente. Como terceira resposta, o verbo “achar” pertence ao eixo do verdadeiro/falso/incerto, sendo intrinsecamente modalizador, mais especificamente um verbo de opinião.

Essa classificação (como um verbo de opinião) Orecchioni (1997) apresenta com base em Ducrot (1972). O locutor faz uso dos verbos de opinião para informar ao seu interlocutor uma opinião de terceiro ou como, nesse caso, o terceiro pode coincidir com o locutor. Assim, o locutor apresenta sua opinião como o produto de uma reflexão própria.

A lingüista Orecchioni não traz explicitamente o verbo achar em sua classificação dos “verbos de opinião”; no entanto, na língua portuguesa, especialmente na linguagem oral, é pouco comum o uso de “crer”, pois soa de maneira formal em português. Normalmente, usamos na oralidade “pensar”, “achar” ou “julgar” nos casos em que se usa habitualmente “crer” em espanhol.

O advérbio “realmente”, escolhido pela entrevistada, atua sobre o verbo “é” (ser). Esse advérbio, classificado por Neves (2000, p. 244-245) como modalizador, caracteriza-se por expressar uma intervenção do falante para validar o seu enunciado, funciona como uma estratégia do falante para marcar seu modo de pensar, ou seja, sua opinião pessoal.

Dessa maneira, essa escolha lexical implica um juízo da realidade. A catadora diz que, na sua opinião, o homem tem que ter certeza de estar sendo traído; esse seria o critério determinante para que ele faça uma avaliação no sentido de averiguar se é necessário que ele bata na mulher ou não. Tratando-se de um merecimento ou não, se trai ou traiu, a mulher merece apanhar – como se bater fosse um direito do marido, legalmente instituído e socialmente aceitável.

Para algumas mulheres, como a entrevistada E, é muito forte a influência da sociedade androcêntrica, em que as mulheres estão em uma situação de inferioridade em relação aos homens. Para ela, é natural que o homem traído bata em sua companheira. Partindo desta premissa, ela explica que, às vezes, não há necessidade. Porém, se houver um comportamento por parte da mulher que fuja aos padrões, o homem pode usar de violência física.

Tal pensamento, embora seja atualmente considerado absurdo, ainda é bastante

freqüente para algumas pessoas que consideram que a mulher é propriedade do marido ou companheiro e, por isso, deve obediência e precisa se sujeitar ao comportamento ditado por ele. A violência doméstica há muito pouco tempo era tida como um problema do casal. Para o senso comum, existe um dito popular que defende: “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”.

Essa realidade vem se modificando, principalmente na última década. De acordo com White (2000, p. 147), “Hoje em dia a violência doméstica não é mais considerada um ‘problema de família’ – um sofrimento que as mulheres têm que suportar sozinhas, entre quatro paredes. Esse é um problema de ordem jurídica e tem suas raízes principalmente arraigadas na dominação do homem sobre a mulher”.

Nesse caso, fica evidente a naturalização da dominação apontada por Bourdieu (2005). A dominação masculina se ampara no modelo social que o torna naturalmente instituído, uma espécie de rede que prende as mulheres a comportamentos e padrões previamente estabelecidos e que não devem ou não deveriam ser questionados, pois no senso comum é assim que as coisas funcionam.

Segundo Bourdieu (2005, p.18), “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra (...)”. A catadora não questiona se está certo ou errado um homem bater em uma mulher; pelo contrário, aceita e não demonstra conflito ou inquietude com a realidade que vive de dominação masculina. Mais do que isso, não percebe que o argumento defendido por ela é fruto da violência simbólica, conforme Bourdieu (2005).

O ethos dessa mulher é de uma pessoa segura do que diz. Ela acredita verdadeiramente que as mulheres devem seguir o padrão da sociedade androcêntrica e, mais do que isso, mostra-se conformada com a submissão.

3.4 Tema 3: racismo

3.4.1 Descrição da entrevistada F

A entrevista F é uma mulher magra, não muito alta. Tinha os cabelos presos na

ocasião da entrevista. Exibia um ar muito jovial e alegre. Nessa data, trajava uma calça de brim azul, um blusão de lã e também uma manta no pescoço. Além disso, usava brincos e parecia vaidosa. Usava batom e unhas curtas sem esmalte.

Neste enunciado, a entrevistada F responde se teria algum empecilho em se relacionar com um homem branco:

“Não. Até as minhas filhas são todas... **não são casadas**, mas são **ajuntadas** com **alemão mesmo** dos **olhos azul** e elas são **bem pretinhas** (risos)”.

A catadora responde que não, e argumenta que as filhas se uniram a homens brancos. Ao selecionar lexicalmente “não são casadas”, salientamos o adjetivo “casadas”, classificado por Orecchioni (1997, p.110), como um adjetivo objetivo. Esse adjetivo, de acordo com a estudiosa, descreve o estado civil das filhas – como não sendo casadas.

Na seqüência, a entrevistada declara que as filhas são “ajuntadas”. De acordo Ferreira (1999, p.81), ajuntada é o particípio de ajuntar, significa o mesmo que amasiada, amancebada, unida. Esse termo tal qual se apresenta no enunciado não aparece na classificação de Orecchioni, porém poderia ser classificado da mesma forma que o adjetivo “casadas”, em função de também expressar um estado civil, que atualmente é reconhecido por lei como união estável e tem o mesmo peso do casamento.

Também os adjetivos “alemão”, “azul” e “pretinhas” são classificados por Orecchioni (1997, p.110) como adjetivos objetivos por descreverem um ser, já que estão se referindo a cor de olhos e de pele de pessoas.

Neste ponto da análise, faz-se necessário retomar os estudos de Orecchioni (1997, p. 94) no que tange aos discursos objetivo e subjetivo. A autora explica que estes podem ter um grau maior ou menor de objetividade e subjetividade. Nesse sentido, ela expõe que toda a unidade léxica é subjetiva. Embora, os adjetivos “casadas”, “ajuntadas”, “alemão”, “azul” e “pretinhas” se enquadrem na categoria adjetivos objetivos (ORECCHIONI, 1997), não se pode deixar de verificar um grau elevado de subjetividade nessa seleção lexical.

Dessa forma, a catadora entrevistada disse “ajuntadas” para se referir ao fato de as filhas não terem se casado oficialmente. Podemos inferir pela escolha desse adjetivo que o casamento de papel passado, para a entrevista F, é importante e que, provavelmente, tenha mais valor do que a legalmente reconhecida união estável que assegura os

mesmos direitos do casamento aos cônjuges.

A seleção lexical desse enunciado comprova que, para a catadora, “ajuntadas”, adjetivo classificado por Orecchioni (1997, p.110) como objetivo, tem *status* menor em relação a “casadas”, no entanto, as filhas são “ajuntadas” com homens descendentes de alemães, de origem européia e de olhos “azuis”.

De acordo com Lopes (2007, p.63), “Tudo o que se aproxima do branco é positivo; do negro é negativo”. Portanto, trata-se de homens que se encaixam no padrão do biótipo perfeito da sociedade ocidental, ou seja, homem branco de origem européia. Deve-se levar em conta o que foi abordado anteriormente neste trabalho, com relação à imagem negativa das mulheres negras: “Branca é pra casar, mulata pra fornicar, preta é pra trabalhar” (PINTO, 2000, p.174). Nesse sentido, as negras eram, muitas vezes, classificadas como mulheres que serviam apenas para relacionamentos fortuitos e não para compromisso sério como casamento.

O operador argumentativo “mesmo”, classificado por Neves (2000, p. 245-246) como um advérbio modalizador epistêmico asseverativo afirmativo, tem como característica expressar uma avaliação que passa pelo conhecimento do falante. Conforme Neves (2000, p. 245), “o que os advérbios modalizadores epistêmicos fazem é asseverar, é marcar uma adesão do falante ao que ele diz, adesão mediada pelo seu saber sobre as coisas”.

A catadora utiliza o advérbio modalizador “mesmo” para enfatizar o substantivo “alemão”, ressaltando o valor de verdade da sua avaliação. Dessa forma, avalia e compromete-se com o que diz, reforçando o fato ao acrescentar o atributo físico comum aos genros: ter os olhos azuis. Tal característica física comprova a origem branca, já que esta cor de olhos é infinitamente mais comum aos brancos do que aos negros ou pardos.

Ela termina o enunciado adicionando a informação “e elas são bem pretinhas”. O adjetivo “pretinhas” é classificado por Orecchioni (1997, p.110) como adjetivo objetivo, que visa apenas a descrever uma pessoa. No entanto, há um grau de subjetividade, pois, embora pudesse dizer que as filhas são negras, ela diz “pretinhas” como uma maneira de suavizar a informação. Acrescente-se a isso o fato de estar no diminutivo, o que possibilita que se agregue um valor sentimental. Além disso, o adjetivo vem reforçado pelo advérbio “bem”, para ressaltar a cor das filhas, no sentido de enfatizar que elas não são mulatas, e sim negras. Trata-se de mulheres negras que se relacionam e formam

uma família com homens brancos.

Enquanto respondia à pergunta, a entrevistada ria. O ethos que passava pelo seu discurso e também pela sua postura durante a entrevista permeava entre um ethos misto de alegria e felicidade, adicionado de certa dose de traquinagem.

Em primeiro lugar, havia alegria pelo fato de suas filhas terem se casado com homens brancos. Embora tenha dito que não tem preconceito, fica muito forte a impressão de que ela, inconscientemente, rejeita a própria origem, possivelmente pelo histórico de desvalorização dos negros no Brasil. Nesse sentido, os estudiosos Batista e Rosemberg (2008, p. 74) destacam:

É nosso entendimento que o Brasil constitui uma sociedade racista na medida em que a dominação social de brancos sobre negros é sustentada e associada à ideologia de supremacia essencial de brancos. A mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros.

Podemos inferir pelo discurso da catadora que a união das filhas a homens brancos pode ser entendida, de certa forma, como uma maneira de ascender socialmente. Elas são negras, mas seus companheiros são brancos; isso abre para uma possibilidade de seus filhos não serem negros e, talvez, sofrerem menos do que elas sofreram por serem negras em um país onde existe racismo de maneira velada.

Por último, havia felicidade por haver uma ruptura nos padrões impostos pela sociedade, já que ainda chama à atenção um casal em que um é negro e o outro é branco. No entanto, suas filhas romperam com os padrões, e isto lhe dá uma particular satisfação, como se desse “um tapa de luva” à sociedade pouco justa que impõe padrões e comportamentos e oferece poucas oportunidades para as mulheres negras na linha de pobreza ascenderem socialmente e conquistarem uma vida mais digna.

3.4.2 Descrição da entrevistada G

A entrevistada G é uma mulher magra, com olhos muito expressivos. Suas mãos, durante a entrevista, estavam todo tempo se mexendo, gesticulava bastante enquanto falava. Na entrevista, vestia uma calça de brim azul, uma blusa de lã estampada e uma

jaqueta preta. Usava também brincos e pulseiras. Não estava maquiada, e suas unhas eram curtas e sem esmalte. A entrevistada estava muito falante e mostrava convicção em seus posicionamentos. Ao ser questionada se seus filhos eram pretos ou brancos, a resposta foi a seguinte:

“Olha, **talvez** eu faço mal em **dizê**, porque eu sou **bem escura**, não assim de **relampiá**, mas também né... mas, agora.. **gostá** assim de **muito escuro** eu nunca gostei. Então as minha filhas, elas já são mulatas **claras**, assim pendendo pra **brancas**. Portanto elas todas **conseguiram** maridos **brancos** [...]”.

Começamos nossa análise pelo advérbio “talvez”, classificado por Neves (2000, p. 245-247) como advérbio modalizador epistêmico asseverativo relativo. Tais advérbios apresentam como característica principal expressar uma avaliação que passa pelo conhecimento do falante. São ditos asseverativos, pois marcam a adesão do falante mediada pelo seu saber sobre as coisas que ele diz.

A asseveração é do tipo relativo, já que cria um efeito de atenuação ao que é dito, e o enunciador expressa um baixo grau de comprometimento com a verdade. Dessa forma, a entrevista G manifesta que prefere homens claros, no entanto, sente que isso não é politicamente correto, já que ela é negra. Ao relativizar com o advérbio modalizador “talvez”, ela procura suavizar o seu discurso, pois demonstra ter consciência de que pode não ser bem aceito, caracterizando uma forma de racismo, já que não gosta de namorar homens negros.

Na seqüência, destacamos o verbo dizer, que, de acordo com Orecchioni (1980, p.135), é classificado como um verbo intrinsecamente subjetivo, do eixo verdadeiro/falso/incerto. Os verbos de dizer se incluem no grupo dos verbos intrinsecamente modalizadores de dizer. Mais uma vez destacamos sua característica principal, que é fazer algum tipo de avaliação, que parte do sujeito da enunciação. Orecchioni (1997, p.142) destaca, ainda, que o locutor toma implicitamente uma posição sobre determinado assunto, situação, etc. No enunciado, a entrevistada posicionou-se sobre o tema relacionamento amoroso com homens da raça negra. Embora demonstre certo constrangimento, explicita claramente sua preferência em se relacionar com homens brancos.

Ao falar sobre a sua própria cor, a entrevistada não utiliza o adjetivo negra, classificado como adjetivo objetivo por Orecchioni (1980, p.110), já que se trata de adjetivo de cor. No entanto, defendemos que este é um daqueles casos em que Orecchioni (1980, p. 94) declara que algumas escolhas lexicais são mais subjetivas do que outras. Nesse sentido, tanto o adjetivo “escura” quanto escura de “relampiá” se comportam como subjetivos. Ela não se diz negra, apenas escura; desta forma, ela não assume a sua identidade de mulher negra.

Com relação a ser “escura de relampiá”, pelo conhecimento de mundo que temos, quando queremos dizer que alguém é muito preto, dizemos que é tão preto que chega a relampejar – significa que sua cor é tão forte que chega a brilhar. De acordo com Ferreira (1999, p.1735), relampejar pode ser um clarão súbito e breve. Nesse sentido, consoante ao pensamento de Bakhtin (1999), a língua não pode ser dissociada de seus falantes das esferas sociais e dos valores ideológicos. Entendemos que é na relação dialógica com o outro que o indivíduo constrói identidades. Conforme defendemos ao longo deste trabalho, por meio da análise lingüística do discurso do indivíduo, temos a possibilidade de depreender algumas das identidades usadas por ele. Pela análise das escolhas lexicais feitas pela catadora, podemos inferir que ela não se considera uma negra, pois se declara escura do tipo que sua cor não chama a atenção, não é branca, mas também não é negra escura. Neste momento, faz-se necessário trazermos o pensamento de Bauman (2005), discutido na terceira parte do primeiro capítulo, segundo o qual as pessoas se servem das identidades que melhor lhes convém, que atendam melhor às suas expectativas.

Dessa maneira, escolher uma identidade de mulher que não é preta de relampejar é uma opção dela, já que no Brasil, conforme Munanga (1986, p.5), “fez-se um paralelismo forçado entre o cultural e o biológico”. A imagem física do negro foi associada à sua cultura; assim, quanto mais preto, mais longe do estereótipo de beleza considerado padrão. Reiteramos, aqui, a tese de Lopes (2007, p.63) “Tudo o que se aproxima do branco é positivo; do negro é negativo”. Diante disso, acreditamos que a entrevistada G tenta afastar-se da imagem de mulher negra. Ressaltamos o pensamento de Lopes (2007, p.63), segundo o qual à cor de pele negra foram agregados valores como de sujeira, impureza, falta de beleza, pouca capacidade intelectual, entre outras.

O verbo gostar, por sua vez, expressa, segundo Orecchioni (1997), uma

subjetividade muito evidente e, conseqüentemente, um caráter avaliativo. Quem faz a avaliação é a locutora e também o sujeito da enunciação, no caso a catadora entrevistada. É avaliado um indivíduo, ou seja, o homem com quem ela se relaciona ou se relacionaria. A natureza do juízo avaliativo se concentra no domínio axiológico, no eixo do bom ou mau. Nesse caso, ela revela que não gosta de se relacionar afetivamente com homens muito escuros. Então, ela avalia e considera que não é bom para ela esse tipo de relação.

Com relação à subjetividade do verbo “conseguiram”, inicialmente se faz necessário responder às três perguntas propostas por Orecchioni (1997, p. 132), para se verificar a subjetividade de um verbo. No enunciado em questão, quem faz o juízo avaliativo é a própria locutora, o que ela avalia é o fato de as filhas mulatas terem se casado com homens brancos e, referente à natureza do juízo avaliativo, trata-se de um verbo avaliativo positivo. Conseguir um marido branco funciona, nessa fala da entrevistada, como uma espécie de premiação, que só foi possível porque as moças são mulatas claras. Se fossem negras, de acordo com o discurso da entrevistada, provavelmente não teriam se casado com homens brancos. A catadora evidencia, na seleção lexical, que a união com homem branco é uma conquista positiva que não é comum para as mulheres negras, que suas filhas só são casadas com brancos como uma conseqüência de serem quase brancas.

Evidenciamos nesse discurso, um ethos racista. A catadora é negra, porém não assume; descreve-se como bem escura; diz que não gosta de se relacionar com homens muito escuros, ou seja, negros. Além disso, considera que as filhas só se casaram com homens brancos porque não são negras.

Devemos salientar, ainda, o início da sua fala: “olha, talvez eu faço mal em dizê”. Por essa declaração, fica claro que ela tem consciência de seu preconceito e sabe que não é politicamente correto assumir essa posição, como se temesse ser repreendida ou julgada pela sua franqueza em expor seu ponto de vista.

3.4.3 Descrição da entrevistada H

A entrevistada H é uma mulher de constituição física pequena, frágil e delicada. Tem olhos tristes e apagados. Ela usava uma calça preta justa ao corpo que evidenciava

sua magreza, além de uma blusa de lã estampada com azul. Nos pés, calçava um par de tênis pretos. Ao falar, demonstrava tristeza e descrença nas pessoas, como se já estivesse cansada de tudo, talvez até da vida.

Na seqüência, trazemos o enunciado que foi resposta ao questionamento sobre as situações de preconceitos que lhe foram infligidas.

“Já, já sofri uns quantos, eu cheguei numa loja não me atenderam. Eu cheguei na liga feminina do câncer, não me atenderam. E outra vez eu fui na universidade, até a metade eu acho do caminho eu fui sozinha. Isso que eu tenho certeza que eu não estava com **mau cheiro** e nem mal arrumada”.

Nesse excerto, a entrevistada relata algumas situações em que foi vítima de preconceito. De acordo com os estudos de Orecchioni (1997), “mau” pode ser classificado como adjetivos avaliativos axiológicos, pois aplica ao objeto denotado pelo substantivo “cheiro” um juízo de valor. O adjetivo se refere ao sujeito da enunciação, sendo que é relativo ao sistema de avaliação da estética.

Percebe-se que situações em que se evidenciam preconceito são freqüentes na vida das mulheres catadoras. O preconceito não acontece apenas por serem mulheres negras; soma-se a isso o fato de, em geral, estarem sujas e mal vestidas. Por isso, as mulheres são vítimas de preconceito por serem mulheres, negras e catadoras de lixo. Com relação às precárias condições de vida dos negros em geral, vejamos o que diz Lopes (2007, p. 61):

O que se pode levantar é a permanência no Brasil de uma “segregação espacial”, ou melhor, as pessoas de origem africana encontram-se em maior quantidade nas regiões periféricas, ao passo que os bairros de classe média e central são habitados predominantemente por brancos. Essa segregação racial e espacial permite ver o acesso diferenciado na escola no mercado de trabalho, nos serviços, etc. Também age diretamente na expectativa de ascensão social do negro brasileiro.

Pelas palavras do estudioso, podemos inferir que grande parte das pessoas de origem negra enfrenta mais dificuldade no seu cotidiano do que as pessoas de origem branca. Nesse sentido, as mulheres negras catadoras moram em locais distantes do centro da cidade e seu deslocamento pela cidade, para coleta do material reciclável, acontece caminhando, o que demanda esforço físico e, como conseqüência, suor. Além

disso, a coleta é feita com as mãos, sem nenhum tipo de proteção; em decorrência disso, elas ficam muito sujas.

Em função desses fatores relatados, acreditamos que decorra uma grande preocupação com relação à higiene e à aparência física. Devemos somar a isso a associação da cor negra à sujeira, à impureza, à falta de capacidade, à falta de inteligência, à falta de beleza. Enfatizamos que máximas populares como “negro sujo”, “preto de alma branca”, “pobre, mas limpinha”, “negro quando não faz besteira na entrada faz na saída” sempre estiveram presentes como um discurso do outro, nos discursos do cotidiano. Esses provérbios populares, de certo modo, fomentam a assimetria entre negros e brancos e entre ricos e pobres.

De acordo com Lopes (2007, p. 60), O modo como as relações se estabeleceram no Brasil acabou reproduzindo o senhor x escravo do passado, que permitiu ao grupo dominante – branco – exercer sobre o grupo negro sua dominação”.

Tal dominação dos brancos em relação aos negros se deu em todas as esferas. Os negros vivem em lugares ruins, muitos estão fora do mercado formal de trabalho, vivendo de “bicos” ou sobrevivendo da coleta de material reciclável, como é o caso das catadoras de lixo.

O fim da escravidão no Brasil aprofundou a existência dos sem-teto e sem-terra, de maioria negra, perpetuou a dominação de uma classe de maioria branca, que transformou o trabalho assalariado, um avanço histórico, em novas formas de discriminação, colocando os descendentes de escravos nos salários mais baixos, quando tiveram acesso a ele, no desemprego no subemprego (KONRAD, 2007, p.118-119).

Essa realidade de exclusão ou semiexclusão das mulheres negras, catadoras de lixo, ocorre tanto pela condição de mulher negra, quanto pela falta de opção de trabalho. A condição de exclusão pela cor da pele e pela classe social as submete a determinadas experiências de discriminação e constrangimento.

Ao relatar que não foi atendida numa loja no comércio da cidade e, em outra ocasião, no bazar da liga feminina de combate ao câncer, além da experiência vivida no ônibus que leva à universidade, fica claro que a entrevistada G atribui um comportamento racista às pessoas envolvidas nessas situações, pois enfatiza que não havia outros motivos para ser ignorada, já que não estava cheirando mal, tampouco desarrumada.

Nesse sentido, destacamos o que disse Lopes (2007, p.61): “O que perdura é o

jeitinho brasileiro de discriminar”. Há discriminação velada. Não existe uma intolerância declarada aos negros. Mas existe, sim, uma crença de que todos são tratados igualmente no Brasil.

O ethos que se constrói é de uma mulher magoada, triste pela invisibilidade imposta pela sociedade racista, pelo racismo velado, que oprime, magoa, mas não se declara aos olhos de todos. A pessoa que é diretamente afetada se fragiliza e tem sua autoestima profundamente abalada, pois não basta estar limpa, usar roupas limpas e bem apresentadas; é preciso mais do que isso para ser aceita pela sociedade: é preciso ter a cor de pele branca.

3.4.4 Descrição da entrevistada I

A entrevistada I estava vestindo calças compridas, de cor preta, bastante envelhecida, e uma blusa de lã do tipo básica com uma gola alta também preta. Calçava um sapato sem meias, embora estivesse muito frio.

A pele da entrevistada estava ressecada pelo frio. Ela não usava nenhum tipo de maquiagem. Podia-se ver, pela sua expressão facial, que demonstrava mais tristeza à medida que relembrava alguns fatos de sua experiência de vida. Ficava muito difícil manter a posição de entrevistadora sem demonstrar indignação e revolta pela humilhação sofrida por H. O enunciado a ser analisado é a resposta à pergunta: a senhora já sofreu algum tipo de preconceito por ser negra?

“[...] num mês de dezembro eu me lembro como se fosse hoje, eu andava catando e esqueci de levá uma garrafinha de água. Daí eu cheguei numa lancheria lá perto da ... da antiga rodoviária velha né, e pedi pra moça... – moça, tu não me consegue um copo de água, que eu tô loca de calor e esqueci da minha. Aí ela foi e disse assim óh: – Não tem água! Aí eu não tinha nem saído na porta... daí ela disse pra colega dela: – Capaz que eu vá dá água pra um... pra uma **nêga**, i **catadora**, ainda..i **suja** desse jeito! Que jeito que eu vô chega nos freguês, vô dá o copo pros freguês toma água depois”.

Ao procedermos à análise do décimo enunciado, convém salientar que, conforme vimos na primeira parte desta pesquisa, o discurso do outro sempre atravessa o discurso

do enunciador. Segundo Bakhtin (1997, p. 314),

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.

Nesse sentido, a catadora traz o discurso da garçonete ao contar uma experiência vivida nas ruas da cidade, em que foi vítima de preconceito. Como vimos anteriormente, Bakhtin explica que nunca se diz algo pela primeira vez. Nossos enunciados estão sempre compostos pelas palavras dos outros, numa relação de alteridade, entre mim e o outro, e dialogismo, ou seja, interação e troca. Nosso discurso se constrói na interação com o outro, com o discurso do outro, seja ele falado ou escrito.

Ao relatar sua história, a catadora utiliza o discurso da garçonete; no entanto, o discurso já se modificou, pois foi reelaborado pela catadora. Esse discurso que analisamos aqui está impregnado do discurso de outros, mas com a sua marca de individualidade e subjetividade, pois, para compô-lo, a enunciativa fez determinadas escolhas lingüísticas. Pelas marcas em seu discurso, ela deixa evidenciada a sua ideologia, a sua visão de mundo, o que ela acredita e também o que ela refuta.

Ao analisarmos as marcas lingüísticas de subjetividade, chamamos a atenção para o substantivo “nêga”, que é empregado pela garçonete com valor de adjetivo, visto que, entre o artigo indefinido “uma”, que antecede o substantivo, está implícita a palavra mulher. Dessa maneira, negra qualifica o substantivo mulher que está implícito. O adjetivo “nêga”, conforme Orecchioni (1997, p. 110), pode ser classificado como um substantivo objetivo, pois negra refere-se à cor de pele.

Por outro lado, é preciso considerar o que Orecchioni (1980, p.94) explica sobre os graus de subjetividade e de objetividade dos discursos: “todas as unidades léxicas estão carregadas com um peso maior ou menor de subjetividade” (tradução minha). Para a autora, o discurso obedece a uma escala, que parte do mais objetivo rumo ao subjetivo, na qual ele vai atingindo graus mais ou menos elevados de subjetividade. Por isso, mesmo que “nêga” seja classificado como um adjetivo objetivo, não se pode desprezar o alto grau de subjetividade que ele carrega. Esse adjetivo expressa um juízo de valor negativo, ficando evidenciado o preconceito que a garçonete alimenta em relação aos

negros.

Nesse excerto da entrevista, é possível verificar como o preconceito triplo se estabelece. A garçonete não deu água para catadora e alegou que o motivo para tomar essa atitude foi a sua preocupação com uma possível reação da freguesia, que talvez não aprovasse a medida. Podemos inferir que ela não se sentiu à vontade para atender ao pedido da catadora por três motivos, quais sejam: a mulher é negra, é catadora de lixo e é suja.

Conforme a classificação de Orecchioni (1997, p.110), “suja” corresponde a um adjetivo avaliativo axiológico. A opção por esse adjetivo está relacionada ao sistema de avaliação do sujeito da enunciação. Os adjetivos avaliativos axiológicos aplicam um juízo de valor negativo ao objeto denotado pelo substantivo que determina “mulher”.

Como discutido anteriormente, no capítulo 1, a construção da imagem do negro e o racismo no Brasil, esse é um exemplo da freqüente associação da imagem do negro com o que é negativo. A figura do negro é associada à sujeira, trata-se da relação do biológico, ou seja, da cor da pele com o social, uma demonstração de preconceito étnico, segundo Munanga (1986, p.5).

Nesse sentido, a garçonete faz as seguintes associações: quem pede água é negra e é catadora, portanto, se é negra é suja, se é catadora de lixo é suja. Conforme vimos anteriormente, “a sociedade brasileira fundamenta-se na crença explícita da superioridade branca”, herança do Brasil colonial em que os brancos “estavam no ápice da escala social e os africanos na base” (LOPES, 2007, p. 62). Nota-se que, no enunciado em análise, a funcionária da lanchonete trata a catadora com menosprezo, em uma relação assimétrica de superioridade em relação à catadora. A assimetria se estabelece no fato de a garçonete ser branca e ter uma profissão com *status* mais relevante.

Cabe neste momento trazermos a voz do povo a esta análise, a partir do seguinte dito popular: “água não se nega a ninguém”. Há um consenso de que não se pode negar água a nenhuma pessoa. No entanto, a atitude da atendente da lanchonete de ignorar a máxima popular tem uma subjetividade muito forte, pois negar água à entrevistada corresponde a desrespeitá-la como ser humano.

Embora, no Brasil, haja o mito de que não há racismo, que todos são iguais, conforme vimos no primeiro capítulo, o fenômeno chamado “mito da democracia racial”, segundo Batista e Rosenberg (2008, p.77) e Dutra (2007, p.13), é um discurso do senso

comum para manter a ascendência dos brancos em relação aos negros. Quando a entrevistada diz “eu me lembro como se fosse hoje”, podemos inferir, pelo seu discurso, o quanto ela está magoada. Parece que tão cedo ela não vai se esquecer da humilhação e do desprezo de que foi vítima. Chamamos a atenção para o fato de que quem humilha também é mulher, como a humilhada, e podemos inferir que ela também é pobre como a catadora, mas a diferença está justamente na profissão e na cor de pele dessas mulheres.

Podemos verificar, nesse enunciado, um ethos de humilhação, comprovado pela seleção lexical e modal “nêga, catadora, suja” e também pelo extralingüístico, verificado no momento da enunciação, pois, ao falar do preconceito sofrido em seu cotidiano, havia muita tristeza em seu olhar. Cabe ressaltar, ainda, que havia, em sua expressão facial, a demonstração de uma profunda sensação de que a vida é assim mesmo para quem nasce negra e pobre.

3.5 Tema 4- como vive a catadora de lixo

3.5.1 Descrição da entrevistada J

A entrevistada J é uma mulher alta e muito magra. Tem cabelos curtos e olhos expressivos. Seus dentes são brancos e bonitos. Estava vestida com uma calça de brim azul e uma blusa branca. Nos pés usava tênis brancos, bem surrados. Falava com muita desenvoltura e com rapidez, parece que queria se livrar logo da situação.

A seguir, temos o enunciado com que respondeu à pergunta sobre como é o local onde a entrevistada reside.

“A minha casa é uma casa de madeira, tem seis peças fora o depósito onde eu guardo o material, **não tem móveis finos, mas ela é bem limpinha**. Que eu gosto de **limpeza**. Ah, o pátio também é um pátio bem **grande**, a gente traz sempre **bem limpinho**, não deixa amontoar o lixo.”

Na descrição da casa, a locutora diz que “não tem móveis finos”. O adjetivo “finos” pode ser classificado como um adjetivo axiológico (ORECCHIONI, 1997, p.110), pois está

relacionado ao objeto “móveis”. Dessa forma, houve um julgamento: o objeto passou pelo critério de avaliação da catadora. Como explica Orecchioni (1997, p.123), os adjetivos avaliativos são subjetivos na medida em que refletem algumas particularidades da competência cultural e ideológica do sujeito falante¹⁵. Nesse sentido, podemos dizer que a locutora avaliou que tipo de móveis tem em sua casa e os classificou como móveis simples, o que reflete a sua condição social.

Ainda, evidencia-se, na escolha lexical feita pela entrevistada, a utilização das palavras “limpinha”, “limpeza” e “limpinho”, que enfatizam a mesma idéia: de que algo não está ou não é sujo. Segundo Ferreira (1999, p.1215), limpo vem do latim *limpidus*, é um adjetivo e significa “transparente, claro, asseado, que não é turvo”. Limpeza é um substantivo feminino que resultou da união de “[de limpo+eza]”. Ainda, “limpinha” e “limpinho” são formas diminutivas do adjetivo limpo.

Ao descrever sua casa, a catadora deixa muito clara sua preocupação com a limpeza, já que mais de uma vez ela afirma sua posição. Ao dizer que a casa “não tem móveis finos, mas ela é bem limpinha”, faz uso do adjetivo “limpinha”, classificado por Orecchioni (1997) como adjetivo avaliativo axiológico. A escolha por esse adjetivo implica o sistema de avaliação do sujeito da enunciação, conforme vimos no mesmo enunciado.

Os adjetivos avaliativos axiológicos aplicam ao objeto denotado pelo substantivo que determina “casa” um juízo de valor positivo: casa bem limpa. Reforçado ainda pelo advérbio “bem”, não se trata apenas de uma casa limpa, e sim de uma casa que está muito limpa.

Além disso, a utilização do operador argumentativo “mas” prepara o interlocutor para uma oposição de argumentos enunciados, para conclusões contrárias: os móveis não são finos, mas tudo é limpo. Orecchioni (1997, p.121) enfatiza que se faz necessário levar em conta certas investidas axiológicas: “atribui-se a *pero* o papel de um operador de inversão”¹⁶. A autora explica que se pressupõe que os termos coordenados estão marcados por um diferencial axiológico oposto. Destacamos que “mas” equivale a “pero” em espanhol. Podemos dizer que o enunciado nos remete ao dito popular “sou pobre, mas sou limpinha”. Embora não tenha luxo, a casa tem capricho e limpeza. Podemos inferir que as idéias de pobreza e sujeira estão associadas; por isso, a entrevistada J salienta que gosta de limpeza.

¹⁵ Tradução minha

¹⁶ Se atribuye a ‘pero’ el rol de un operador de inversión [tradução minha]

Percebe-se a preocupação da catadora em enfatizar que, embora trabalhe o dia todo mexendo no lixo das lixeiras da cidade, sua casa é limpa. Também, como discutimos anteriormente, à cor negra ficaram associadas as idéias de impureza e de sujeira. Ela faz questão de dizer que sua casa é limpa, seu pátio é limpo, mesmo que ela seja pobre e negra. Destacamos no enunciado, também, o emprego dos adjetivos no diminutivo “limpinha” e “limpinho”, o que demonstra afetividade ao referir-se ao seu ambiente familiar.

Podemos perceber, na fala da catadora, um ethos de limpeza, o que se tornou evidente pela repetição do adjetivo limpo. Essa ênfase demonstra uma grande preocupação em convencer que ela e sua família são pessoas asseadas, são pessoas limpas “apesar de” serem negras e trabalharem com o lixo reciclável. Ela não quer ter sua imagem de catadora e negra associada à sujeira. Tal preocupação não é infundada, como podemos comprovar pelo estudo de Lopes (2007, p. 63): “tudo o que se aproxima do branco é positivo; do negro é negativo”. Ainda com Lopes (2007, p. 62), verifica-se que “a sociedade brasileira fundamenta-se na crença explícita da superioridade branca”. Assim, ao sentir as conseqüências de todo “peso” de carregar as identidades de mulher, de negra e de catadora de lixo, a entrevista J se posiciona em seu discurso, deixando claro que ela e sua família são limpos.

Com relação ao tema identidade, visto na terceira parte do capítulo 1, Bauman (2005) esclarece que as identidades são construídas na diferença com o outro. Na interação dialógica, de acordo com Bakhtin (1999), o sujeito constrói a si mesmo. Consoante ao pensamento de Pires (2002, p. 11), “o conceito envolve negação e diferença: algo é alguma coisa e não outra”. Nesse sentido, o indivíduo não é apenas homem ou mulher; ele é homem porque não é mulher, é negro porque não é branco, é limpo porque não é negro.

Pelo seu enunciado, podemos observar também que a entrevistada J tem mais orgulho em falar da limpeza do ambiente do que do tamanho da residência, que é composta de seis peças, mais um depósito – portanto, grande para uma família de poucas posses. Nesse sentido, podemos inferir que ela se preocupa mais em ser reconhecida como pessoa que tem bons hábitos de higiene do que em ter uma residência confortável, apesar de sua condição de catadora de lixo.

3.6 Resultado das Análises

Negro *versus* branco, mulher *versus* homem, liberdade *versus* dominação, inclusão *versus* exclusão: dicotomias que atravessam os tempos, cicatrizes que não fecham

Para esta pesquisa, foram selecionados dez enunciados, um de cada uma das entrevistadas, priorizando aqueles que pareciam melhor retratar a vida e o cotidiano dessas mulheres. Dos enunciados analisados, 40% envolveram o tema “quem é a catadora de lixo”, e 40% o tema “racismo”. Outros 10% envolveram o tema “violência doméstica” e, finalmente, 10% o tema “como vive a catadora de lixo”.

Os resultados da análise comprovam que os recursos da língua são usados segundo interesses e propósitos do enunciador. Quando interagimos por meio da linguagem, empregamos não apenas a competência lingüística, que diz respeito ao conhecimento que temos do código, mas também tudo aquilo que se viu e ouviu e todo o conhecimento de mundo que temos. Nas interações sociais, utilizamos constantemente outras vozes para compor o nosso discurso.

Quando construímos um enunciado, o objetivo não se encerra na busca de sermos entendidos. O objetivo é mais amplo. Nossas escolhas lexicais, modais, visam agir sobre o outro, influenciá-lo, convencê-lo, persuadi-lo, emocioná-lo. Enfim, sempre há intenções por detrás de nosso enunciado, as quais podem ser mais ou menos explícitas. As escolhas são subjetivas, isto é, estabelecem a subjetividade na linguagem.

O estudo mostrou que o uso dos modalizadores é capaz de indicar a subjetividade na linguagem, pois proporciona ao analista a possibilidade de perceber o que está implícito na fala e permite ao enunciador construir uma imagem de si, ou seja, o ethos que vai agir diretamente sobre aquele a quem o enunciador se dirige.

Pela análise podemos comprovar o que já suspeitávamos: que a mulher catadora, negra enfrenta muitas adversidades em seu cotidiano, sofre discriminação de gênero, de raça e pela sua condição social. Desse modo, podemos dizer que as mulheres negras, catadoras de lixo, são triplamente excluídas.

Constatamos também que é recorrente a preferência das mulheres negras, catadoras de material reciclável, por homens brancos. Com isso, acreditamos que há uma

busca de ascensão social por meio do casamento com homens brancos, já que, como vimos ao longo deste trabalho, os negros, de maneira geral, são discriminados, moram nos bairros mais afastados das cidades, com pouca ou nenhuma infraestrutura.

Tal atitude confere uma posição que pode ser classificada como racista por parte de algumas entrevistadas em relação aos homens negros. Tal fato nos fez refletir que essa não deixa de ser uma posição antagônica de independência dessas mulheres. Se, no passado, as negras serviam apenas para trabalhar, conforme Pinto (2000), atualmente, no mundo globalizado, percebemos que essa realidade se modifica, pelo menos, no caso desta pesquisa. Elas estão escolhendo o companheiro, o que é bastante positivo, funcionando como uma transgressão ao modelo androcêntrico de dominação.

Por outro lado, ao escolherem, o fazem justamente obedecendo aos padrões estabelecidos, ou seja, que o belo é o tipo branco, de origem européia, caracterizando novamente uma submissão em relação ao modelo androcêntrico.

Nossa reflexão sobre a busca pelo casamento com homens brancos pelas mulheres entrevistadas nos faz acreditar que, possivelmente, isto ocorra em função de essas mulheres buscarem uma vida de menor enfrentamento de preconceito racial e, conseqüentemente, melhores condições de vida para os seus descendentes, que, como fruto da união genética de negro com branco, serão, na maioria dos casos, mulatos, ou seja, quase brancos. Dessa maneira, inferimos do discurso das catadoras que, quanto mais clara for a pele, menos adversidades o ser humano deverá enfrentar no cotidiano.

Com relação ao racismo enfrentado em suas vidas, embora não tenha sido possível analisar todas as entrevistas, tampouco na íntegra, neste trabalho foi recorrente o fato de que a maioria das entrevistadas tinha pelo menos um episódio de discriminação para relatar. Além disso, todas elas sabem que racismo é crime, no entanto, as que sofreram não denunciaram.

Pelo discurso das mulheres entrevistadas, foi possível identificar o *ethos* de cada uma delas, individual, pois essa imagem se constrói na enunciação e pelo enunciado. Dessa forma, não há uma imagem comum, pois cada uma delas é única com suas histórias de vida, com seus pontos de vista criados na interação social, nas relações dialógicas.

Suas vidas, no entanto, têm muitas coisas em comum: enfrentam muitas adversidades no cotidiano, como a falta de condições dignas para sobreviverem, a

invisibilidade, o preconceito de gênero, de cor e de classe social. Esses fatores são responsáveis por muitas delas terem a autoestima baixa. Apesar disso, durante as entrevistas, foi evidenciado que havia um clima, num primeiro momento, de apreensão, por falar próximo ao gravador, por tratar de assuntos tão delicados e também em função de muitas serem entrevistadas pela primeira vez. Mas constatou-se pelo ethos que, em geral, elas estavam alegres, sentiam-se valorizadas, tendo a oportunidade de falar o que pensam.

Por outro lado, podemos constatar pelos enunciados que, apesar de elas trabalharem muito e participarem ativamente do orçamento doméstico, na maior parte das casas quem tem o comando das decisões familiares são os homens. Muitas delas não são ouvidas. Isso caracteriza a chamada dominação simbólica descrita por Bourdieu (2005) – o jugo masculino a que estão submetidas, em sua maioria, sem perceberem, acreditando partilhar das tomadas de decisões da família, quando na verdade apenas acatam o que o marido ou companheiro decide. Reproduz-se o discurso machista naturalizado de que as mulheres podem, sim, sofrer represálias se não corresponderem aos padrões estabelecidos pela sociedade ocidental.

Além disso, pela análise, podemos evidenciar uma grande preocupação com a limpeza. Elas fazem questão de deixar claro que são pessoas limpas. Fazemos mais uma vez a associação dessa preocupação como um problema relacionado às suas condições de vida, por trabalharem com o lixo e também por serem negras e associarem a cor preta à sujeira.

Também se comprovou nas análises que as mulheres negras catadoras de lixo ainda sofrem uma forte influência machista em seu cotidiano. Em sua maioria, são descritas como submissas à vontade dos maridos e/ou companheiros.

Ainda, foi possível constatar com a análise que há um movimento no sentido de reverter a situação de preconceito racial a que essas mulheres estão submetidas, pelo “aprimoramento” da raça, na tentativa de um branqueamento diferente daquele descrito por Munanga (1986) e realizado pelos negros que queriam adquirir os hábitos refinados dos nobres brancos, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho.

Por fim, para quem está de fora, talvez possa parecer que assumir a identidade de mulher negra seja o mais adequado, ou pelo menos o que é politicamente correto. No entanto, por que razão elas deveriam estar tão comprometidas com o que é politicamente

aceitável, se a maioria das mulheres negras catadoras de lixo sequer faz parte da sociedade e se a sociedade pouco se empenha em modificar antigas crenças (pelo contrário, se mantém praticando e fomentando o racismo à brasileira e a assimetria entre brancos e negros, mulheres e homens, ricos e pobres)?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cicatrizes que não fecham: herança para o mundo contemporâneo

Neste estudo, observamos indícios de como se constroem os discursos das mulheres negras, catadoras de lixo de Santa Maria, por meio da análise de textos do gênero entrevista. Nos enunciados selecionados, verificamos a construção da imagem de si, ou seja, o ethos discursivo dessas mulheres, bem como o modo como se estabeleceram as relações de poder e dominação nos seus discursos.

A pesquisa iniciou expondo a visão de Bakhtin sobre gênero discursivo. O autor defende que as interações sociais determinam seu aparecimento e garantem a sua manutenção. Para ele, o enunciador, ao concluir seu enunciado, dá lugar a uma atitude responsiva ativa, a qual pode se dar por meio de outro enunciado, pela reflexão e até mesmo pelo silêncio do interlocutor. Dessa maneira, estabelece-se uma relação dialógica entre os participantes do gênero discursivo. Nesse sentido, percebemos que isso realmente aconteceu durante as entrevistas, já que as mulheres entrevistadas ouviram nossas perguntas, refletiram e responderam de forma ativa, compreensiva e participante, e nós, na contrapartida, analisamos suas respostas.

A noção de ethos com base em Maingueneau e Amossy nos proporcionou compreender como se estabeleceu a imagem de si no discurso das informantes. Para tanto, foi necessário, além de analisar os enunciados levar em conta o contexto da enunciação. Verificando gestos, rostos, enfim, a postura das entrevistadas no momento das entrevistas, foi possível responder a um dos questionamentos que nortearam esta pesquisa: como essas mulheres constroem seus discursos.

Outra questão que nos causava inquietação era como se estabeleciam as relações de poder no discurso das entrevistadas. Nesse sentido, verificou-se o forte controle masculino: por mais que trabalhem nos afazeres domésticos, na coleta de material reciclável, elas não são independentes; a voz do homem é muito presente e determinante em seu discurso. Os estudos de Bourdieu foram fundamentais para compormos um conceito de dominação simbólica capaz de dar sustentação à análise dos enunciados.

Para comprovar que as mulheres negras são mais discriminadas que as mulheres brancas, foi necessário fazer um recorte na história do racismo no país desde a época do Brasil colônia até os dias atuais. Este estudo permitiu compreendermos a origem das desigualdades sociais entre negros e brancos que perduram até hoje. Além disso, verificamos que o racismo velado faz um mal muito grande à população negra brasileira, muitas vezes atrapalhando a possibilidade de reverter a situação de exclusão, embora haja a mesma quantidade de negros e brancos no país e todos tenham legalmente os mesmos direitos.

As análises lingüísticas dos enunciados foram embasadas nos estudos da subjetividade na linguagem. Os ensinamentos de Orecchioni e Neves foram perfeitamente adequados e atenderam às nossas expectativas de verificar o que estava explícito e o que estava implícito no enunciado. Além disso, por meio da análise lingüística, foi possível comprovar o que Orecchioni defendeu em seus estudos: toda a escolha léxica é subjetiva, o que varia é o grau maior ou menor de objetividade na linguagem.

Convém ressaltar que a escolha dos teóricos da linguagem foi pautada na compreensão de que todos têm pensamento consoante, embora acreditemos que o filósofo Bakhtin tenha provavelmente inspirado os demais, em função de seus estudos e publicações serem bem mais antigas.

Após o embasamento teórico, este trabalho procurou aplicar os conceitos de subjetividade na linguagem de Orecchioni e Neves nos enunciados selecionados para o *corpus*. A partir dos resultados encontrados na análise, consideramos que, no caso desse grupo de mulheres, há o predomínio de um ethos racista e uma dificuldade de aceitação da identidade negra. Verificamos também a presença do princípio do dialogismo conforme Bakhtin, pois, houve referência a outras vozes nos discursos das mulheres.

Este trabalho pretendeu investigar algumas questões no discurso das mulheres negras, excluídas ou em via de exclusão social. Nosso recorte limitou-se às questões da tripla exclusão suportada por essa classe de mulheres, as catadoras de lixo, em função do gênero, da classe social e da etnia. Temos consciência de que os resultados que obtivemos não são conclusivos. Outras possibilidades de análise podem motivar novos estudos com o mesmo grupo de informantes e com as mesmas teorias. Buscamos com esta pesquisa dar voz a um grupo de mulheres que vive à margem da sociedade. Trazer a discussão para a academia pode despertar novas pesquisas e, quem sabe, contribuir

para que mais políticas públicas sejam desenvolvidas no sentido de diminuir as diferenças entre mulheres e homens, negros e brancos, miseráveis e as demais pessoas.

Ao término deste trabalho, fica a esperança de que nosso estudo tenha de alguma forma, contribuído para a discussão da linguagem como prática social. Como bem disse Bakhtin, o enunciado provoca a atitude responsiva ativa do interlocutor. Talvez, após esta pesquisa, as mulheres entrevistadas não sejam mais as mesmas, pois refletiram sobre questões importantes e delicadas e verbalizaram seus pontos de vista. Por outro lado, nós, certamente, não somos mais as mesmas. Ao final desta pesquisa, utilizando a voz de Vinicius de Moraes, há um “contentamento descontente” – se, por um lado, podemos ouvi-las e analisar os seus enunciados, por outro lado, sentimos um profundo vazio por não podermos fazer algo mais para modificar ou amenizar as suas realidades de vida. Por fim, a pesquisa termina. Já o sofrimento e a dominação dessas mulheres por quanto tempo perdurarão?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R.(org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução: Dilso F. da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARROS, D. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**: Em torno de Bakhtin. SÃO Paulo: Edusp, 1994.

BATISTA, P; ROSEMBERG, F. **Brasil**: lugares de negros e brancos na mídia. In VAN DIJK, T. (org.). Racismo e discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008.

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Globalização**: As conseqüências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BONETI, L.W. (coord.). **Educação, Exclusão e Cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2000.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUENO, S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CALDAS-COULTHARD, C. **Linguagem e Estudos de Gênero**. In FORTKAMP e TOMITH. Aspectos da Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

DUTRA, M.(org.). QUEVEDO, J. **Nas Trilhas da Negritude**: consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as Idéias Linguísticas do Circulo de Bakhtin.

Curitiba: Criar Edições, 2003.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, totalmente revista e ampliada, 3ªed.** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIACOMINI, S. M. **Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação.** In Estudos Feministas/Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. V. 7, n.1-2. Florianópolis, 1999.

HALL, S. **Identidades Culturais na pós-modernidade.** Tradução: Guacira Louro, Tomaz da Silva. DP&A Editora. Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik; Tradução: Adelaide Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C.; La enunciacion de la subjetividad en El lenguaje. Buenos Aires, Argentina: Huchette [20--?]

KERGOAT, D. **Divisão social do trabalho e relações sociais de sexo.** Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas. Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.).-São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

KONRAD, D. **Na senzala a resistência, no Quilombo a liberdade: a obra de Clóvis Moura.** In QUEVEDO, J.;DUTRA,M.(org.). Nas Trilhas da Negritude: consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

LEMOS, R. **A face negra do feminismo: problemas e perspectivas.**In QUEVEDO, J.;DUTRA,M.(org.). Nas Trilhas da Negritude: consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

LOPES, D. **A trajetória de estudantes negros: velhos dilemas, novos desafios teóricos.**In QUEVEDO, J.;DUTRA,M.(org.). Nas Trilhas da Negritude: consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero História e Educação: Construção e Desconstrução.** Educação e Realidade, 20(2): 101-132 jul/dez. 1995.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, J. H.**O negro e a ferrovia no interior do Rio Grande do Sul: A sociedade Treze de Maio como fator de identidade da cultura negra em Santa Maria no início do século XX.** In QUEVEDO, J.; DUTRA,M.(org.). Nas Trilhas da Negritude: consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007

MAINGUENEAU, D. **Análise dos textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.

MAINGUENEAU, D. **A noção de ethos discursivo**. In: MOTTA RAQUEL, ANA, SALGADO, LUCIANA. *Ethos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de Identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. Ática. São Paulo, 1986.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**/Maria Helena de Moura Neves. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____ **Texto e Gramática**, 1^o edição. São Paulo. Contexto, 2007.

ORECCHIONI, C.K. **La enunciacion de la subjetividad en el lenguaje**, 1^a edição Buenos Aires: Editora Edicial, 1997.

PINTO, R. P.; **Educação do negro**: uma revisão bibliográfica. Cadernos de Pesquisa, nº 62. ago., São Paulo, 1987.

PINTO, E.; BOULOS, S.; ASSIS, M. **A saúde mental da população negra**: uma breve reflexão a partir da experiência com grupos de auto-ajuda, In WERNECK, J.; MENDONÇA, M. ; WHITE, E. (Orgs.). *O Livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos vem de Longe*. Rio de Janeiro:Palas:Criola, 2000.

PIRES, V. L. **Questões sobre identidade e diferença**: Tensão entre o mesmo e o outro. *Fragmentum*/Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Laboratório Corpus. N. 3, Fev. 2002.

QUEVEDO, J.; DUTRA, M.(Org.). **Nas Trilhas da Negritude**: Consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

RODRIGUES. R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo**: Cronotopo e Dialogismo. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

RODRIGUES, R. H. **Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiana**:algumas considerações teóricas. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão-SC, v. 4, n.2, jan./jun. 2004.

ROUSSEAU, J. **A Origem das Desigualdades entre os Homens**. Trad:Ciro Mioranza. São Paulo:Escala,[19--?].

RUFINO. A. **Pancada de amor dói**. In WERNECK, J.; MENDONÇA, M.; WHITE, E.

(Orgs.). O Livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos vem de Longe. Rio de Janeiro: Palas:Criola, 2000.

SACRISTÁN, J.G. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAFFIOTI, H. I. B. **Conceituando o gênero**. In Gênero e Educação: caderno para professores. Secretaria Municipal de Educação. Fundação Biblioteca Nacional. ISBN 85-89531-01-5. São Paulo, 2003.

SCOTT, J. **Gênero**: Uma Categoria útil de Análise Histórica. Educação e Realidade, 20(2):101-132, jul/dez. 1995.

SILVEIRA, O. Prefácio. In QUEVEDO, J.; DUTRA, M.(org.). **Nas Trilhas da Negritude**: consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007

VIEIRA, M. **A Globalização e as Relações de Trabalho**: a lei de Contrato a prazo no Brasil como instrumento de combate ao desemprego. 2 ed. Curitiba: Juruá, 2005.

WERNECK, J. GOMES, A. **Viver e continuar lutando**: entrevista com Angela Davis. In WERNECK, J.; MENDONÇA, M. ; WHITE, E. (Orgs.). O Livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos vem de Longe. Rio de Janeiro: Palas:Criola, 2000.

WITHE, E. C.; **O amor não justifica**: mulheres negras e violência doméstica. In WERNECK, J.; MENDONÇA, M. ; WHITE, E. (Orgs.). O Livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos vem de Longe. Rio de Janeiro: Palas:Criola, 2000.

ZARETSKY, E. **Social Theory and the Politics of Identity**. London, Blackwell, 1994.

Sites:

IBGE, PNAD-2005-**IBGE**- Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>- Acesso em: 02 jun. 2008.

O Folclore do Negro da série FOLCLORE, editada pelo Departamento de Antropologia da FJN. Disponível em: http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/cur_fneg.htm - Acesso em 29 de maio de 2008.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu - Acesso em 10 de fevereiro de 2009.

ANEXOS

Anexo1: roteiro das perguntas divididas por temas

Quadro 1: Tema 1- Quem é a catadora de lixo - roteiro das perguntas.

Qual o seu estado civil e o seu grau de escolaridade?
Qual a sua idade?
Quantos filhos a senhora tem?
O que a senhora fazia antes de catar material reciclável?
Quais são as coisas que a senhora considera como mais importantes na sua vida?
Quais eram seus planos de vida no passado?
Conseguiu realizar algum deles?
Quais são as suas expectativas para o futuro?
Quem é a senhora como mulher, como a senhora se vê?
Os homens com os quais a senhora convive ou conviveu lhe respeitam ou lhe respeitaram como mulher?
O que a senhora pensa sobre os homens com quem a senhora convive?
Por quê?
Como a senhora se vê perante a sociedade?
Como a senhora acha que a sociedade lhe vê?

Quadro 2: Tema 2- Violência doméstica - roteiro das perguntas.

A sua família é composta por quantas pessoas?
Como é a sua família, fale um pouco dela de modo geral.
O que a senhora pensa sobre os homens que têm ciúmes das mulheres, que as perseguem na rua, que fazem ameaças?
Na sua vizinhança ou grupo de mulheres com as quais a senhora convive são frequentes situações como essas?
Sua mãe vive, ou vivia alguma das situações descritas anteriormente, de ciúme, perseguição, etc.?
Sua mãe sofria violência dentro de casa?
A senhora já viveu alguma dessas situações descritas?
A senhora já foi vítima de violência doméstica?

Quadro 3: Tema 3- Racismo - roteiro das perguntas.

A senhora tem filhos?
Seus filhos são brancos ou pretos?
A senhora tem ou teria algum problema em se relacionar amorosamente com homens brancos?
As pessoas costumam fazer alguma alusão a sua cor quando se referem a senhora?
Caso sofra algum tipo de preconceito em função da sua cor, sabe que existe a lei nº 7. 716, de 05/01/89, para coibir o comportamento racista, discriminatório e preconceituoso?
A senhora já sofreu algum tipo de preconceito por ser negra?
Se sofresse, ou sofreu algum tipo de desmerecimento, ou discriminação em função da sua cor, procurou ou procuraria amparo legal?

Quadro 4: Tema 4- Como vive a catadora de lixo - roteiro das perguntas.

Gostaria que me descrevesse a sua casa.
Quantas pessoas moram na casa?
Na sua casa tem televisão?
Tem Rádio?
Quantas horas a senhora trabalha por dia?
Descreva a sua rotina de trabalho.
Quais são as maiores dificuldades que a senhora enfrenta no seu dia-a-dia?
As pessoas lhe tratam bem nas ruas?
A senhora já sofreu algum tipo de discriminação por ser uma catadora de lixo?
Os seus filhos lhe acompanham na “catação”, ou seja, coleta diária? Por quê?
A senhora recebe algum tipo de apoio financeiro do governo? Qual?

Quadro 5: Tema 5 - A catadora e a política - roteiro das perguntas.

A senhora sabe quem é o prefeito da nossa cidade?
A senhora sabe quem é o Presidente da República?
Os políticos costumam manter contato com vocês (a comunidade) na região aonde moram?
Na sua opinião o que as autoridades poderiam fazer para melhorar a situação dos catadores de lixo?

Anexo 2: enunciados analisados

Pesquisadora: - Qual o seu estado civil e o seu grau de escolaridade?

Enunciado1: -“Eu estudei até a quarta série do segundo grau, depois com o casamento evidentemente eu parei de estudá, agora felizmente faz cinco anos que eu comecei a estudá de novo”.

Pesquisadora:- Quem é a senhora como mulher, como a senhora se vê?

Enunciado2: -“Olha, eu me vejo uma dona de casa, porque, por exemplo, o meu esposo disse que eu sô uma mulher, para ele, exemplar, porque eu nunca deixei de cumprir as minhas obrigações”.

Pesquisadora: - Quem é a senhora como mulher, como a senhora se vê?

Enunciado 3: - “Eu não tenho beleza nenhuma, não tenho formosura, mas eles tinham muito ciúme de mim (risos)”.

Pesquisadora: - Os homens com os quais a senhora convive ou conviveu lhe respeitam ou

Ihe respeitaram como mulher? – Qual a sua participação nas decisões familiares?

Enunciado 4: -“Eu acho que a mulher deve sempre tê a parceria com o marido né, sempre tomá as decisões junto né, porque se eu disse pras minhas filhas vocês saem, e ele diz: - por que tu deixô as gurias sai? (risos) Então a gente... então eu pergunto pra ele se dá pras gurias ir né. Se ele disse que não, eu também digo não (risos).”

Pesquisadora: - O que a senhora pensa sobre os homens que têm ciúmes das mulheres, que as perseguem na rua, que fazem ameaças?

Enunciado 5: “Ah! Eu acho assim, que eles deviam senta e conversa, e vê se é realmente, se tem necessidade de batê o não, porque às vez não tem necessidade de batê”.

Pesquisadora: - A senhora tem ou teria algum problema em se relacionar amorosamente com homens brancos?

Enunciado 6: -“Não. Até as minhas filhas são todas... não são casadas, mas são ajuntadas com alemão mesmo dos oios azul e elas são bem pretinhas ”.

Pesquisadora: - Seus filhos são brancos ou pretos? - A senhora tem ou teria algum problema em se relacionar amorosamente com homens brancos?

Enunciado 7: -“Olha, talvez eu faço mal em dizê, porque eu sou bem escura, não assim de relampiá, mas também né... mas, agora.. gostá assim de muito escuro eu nunca gostei. Então as minha filhas, elas já são mulatas claras, assim pendendo pra brancas. Portanto elas todas conseguiram maridos brancos [...]”.

Pesquisadora:- A senhora já sofreu algum tipo de preconceito por ser negra?

Enunciado 8: -“Já, já sofri uns quantos, eu cheguei numa loja não me atenderam. Eu cheguei na liga feminina do câncer, não me atenderam. E outra vez eu fui na universidade, até a metade eu acho do caminho eu fui sozinha. Isso que eu tenho certeza que eu não estava com mau cheiro e nem mal arrumada”.

Pesquisadora:- A senhora já sofreu algum tipo de preconceito por ser negra? As pessoas costumam fazer alguma alusão a sua cor quando se referem a senhora?

Enunciado 9: - “[...] num mês de dezembro eu me lembro como se fosse hoje, eu andava catando e esqueci de levá uma garrafinha de água. Daí eu cheguei numa lancheria lá

perto da ... da antiga rodoviária velha né, e pedi pra moça... – moça, tu não me consegue um copo de água, que eu tô loca de calor e esqueci da minha. Aí ela foi e disse assim óh: – Não tem água! Aí eu não tinha nem saído na porta... daí ela disse pra colega dela: – Capaz que eu vá dá água pra um... pra uma nêga, i catadora, ainda..i suja desse jeito! Que jeito que eu vô chega nos freguês, vô dá o copo pros freguês toma água depois”.

Pesquisadora: - Gostaria que me descrevesse a sua casa.

Enunciado 10: - “A minha casa é uma casa de madeira, tem seis peças fora o depósito onde eu guardo o material, não tem móveis finos, mas ela é bem limpinha. Que eu gosto de limpeza. Ah, o pátio também é um pátio bem grande, a gente traz sempre bem limpinho, não deixa amontoar o lixo.”